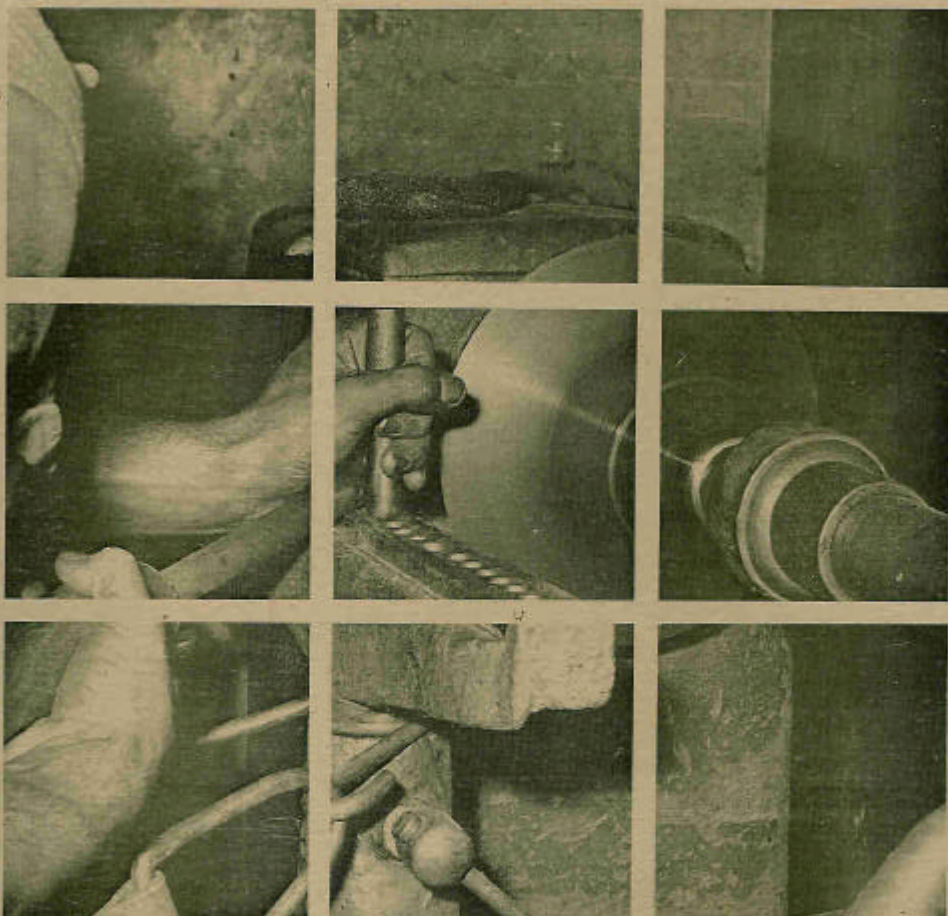




**CTAE**

**CENTRO TÉCNICO ECONÔMICO  
DE ACESSORIA EMPRESARIAL**



**A Evolução da Situação  
Econômico-Financeira das  
Empresas Industriais de  
Campinas  
- 1978 -**





C T A E  
Centro Técnico Econômico  
de Assessoria Empresarial  
UNICAMP

A Evolução da Situação  
Econômico-Financeira das Empresas  
Industriais de Campinas  
- 1978 -



## Ficha Técnica

### Coordenação do Setor de Estudos e Pesquisas:

D<sup>ca</sup> Lúcia Pimentel Teixeira

### Equipe de Análise:

Prof. Airton Alves da Silva - Coordenador e Analista

Prof. José Newton Cabral Carpint<sup>ero</sup> - Analista colaborador  
em todas as fases do trabalho e do processo de inter-  
pretação final

Colaboraram ainda na análise de determinadas etapas do pro-  
cesso de interpretação final:

Prof. José Walter Martinez

Prof. Miguel Juan Bacic

Prof. Natermes Guimarães Teixeira

Prof. William Massei

### Coleta e Preparação de Dados:

Estagiários - Estudantes da UNICAMP:

Carlos Eduardo de Mello Viegas da Silva

Cristina Hebling Campos

Maria Luiza Garcia de Tella

### Processamento de Dados:

Milton Sacagami - Estudante da UNICAMP

### Desenho de Gráficos:

Clodomiro Rodrigues

### Datilografia:

Loritilde Pomp<sup>eo</sup> de Paula



## Índice Geral

Índice de Quadros .....	11
Índice de Tabelas e Gráficos do Anexo Estatístico .....	23
Apresentação .....	29
O Centro Técnico Econômico de Assessoria Empresarial - CTAE .....	35
Quadro Técnico do CTAE .....	43
Introdução .....	45
A - Levantamento de Dados .....	47
B - Critérios de Estratificação Adotados .....	48
C - Estudo do Universo e Amostra da Pesquisa .....	49
Capítulo I - Abordagem Metodológica .....	53
A - Introdução .....	57
B - O Balanço como Instrumento de Análise .....	57
C - Metodologia da Análise Econômico-Financeira .....	60
1 - Elementos Utilizados para a Análise .....	61
2 - Descrição da Análise .....	64
Capítulo II - O Desempenho do Setor Secundário a Nível Nacional e Local .....	69
A - Introdução .....	71
B - Retrospecto do Comportamento Recente da Economia Brasileira .....	72
C - Comportamento de alguns Gêneros Industriais .....	79
1 - Minerais não Metálicos .....	79
2 - Metalúrgico .....	80
3 - Mobiliário .....	80
4 - Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos ..	81





A - Introdução .....	131
B - Desempenho .....	133
C - Estrutura de Capital .....	135
D - Análise Econômica .....	138
1 - Produtividade .....	138
2 - Rentabilidade .....	142
E - Análise Financeira .....	145
1 - Liquidez Geral .....	145
2 - Liquidez Corrente .....	147
F - Conclusões .....	148
Capítulo VI - Análise Econômico-Financeira do ramo de Mobi- liário .....	151
A - Introdução .....	153
B - Desempenho .....	155
C - Estrutura de Capital .....	157
D - Análise Econômica .....	160
1 - Produtividade .....	160
2 - Rentabilidade .....	163
E - Análise Financeira .....	167
1 - Liquidez Geral .....	167
2 - Liquidez Corrente .....	168
F - Conclusões .....	169
Capítulo VII - Análise Econômico-Financeira do ramo de Ves- tuário, Calçados e Artefatos de Tecidos ....	171
A - Introdução .....	173
B - Desempenho .....	174
C - Estrutura de Capital .....	177
D - Análise Econômica .....	180

1 - Produtividade .....	180
2 - Rentabilidade .....	182
E - Análise Financeira .....	185
1 - Liquidez Geral .....	185
2 - Liquidez Corrente .....	187
F - Conclusões .....	188
Capítulo VIII - Análise Econômico-Financeira do ramo de Produtos Alimentares .....	191
A - Introdução .....	193
B - Desempenho .....	195
C - Estrutura de Capital .....	197
D - Análise Econômica .....	200
1 - Produtividade .....	200
2 - Rentabilidade .....	203
E - Análise Financeira .....	207
1 - Liquidez Geral .....	207
2 - Liquidez Corrente .....	208
F - Conclusões .....	209
Conclusões .....	211
Anexo Estatístico .....	217
Fontes e Indicações Bibliográficas .....	251

Índice de Quadros



## Índice de Quadros

### Introdução

I	- Composição da Amostra .....	50
II	- Representatividade da Amostra .....	51
III	- Representatividade dos Ramos selecionados no total das Indústrias de Pequeno e Médio Porte .....	52
Capítulo II - O Desempenho do Setor Secundário a Nível Nacional e Local		
II.1	- Indústria de Transformação - % média de Utilização de Capacidade - Brasil - 1968 a 1976 .....	76
II.2	- Produção Industrial - Crescimento Percentual - Brasil - 1970 a 1975 .....	77
II.3	- Participação do município de Campinas (No Estado de São Paulo e região de Campinas) (Em percentuais) - 1970 .....	83
Capítulo III - Análise Econômico-Financeira das Empresas Industriais de Campinas		
III.1	- Evolução do Faturamento anual por Porte - Total da Amostra (Em Índices de base móvel) - 1973 a 1975 .....	90
III.2	- Participação no Faturamento anual por Porte - Total da Amostra (Em percentuais) - 1973 a 1975 ...	90
III.3	- Evolução do Ativo Real por Porte - Total da Amostra (Em Índices de base móvel) - 1973 a 1975 ....	92
III.4	- Participação no Ativo Real por Porte - Total da Amostra (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	92
III.5	- Evolução do Patrimônio Líquido por Porte - Total	

	da Amostra (Em índices de base móvel) - 1973 a 1975 .....	93
III.6	- Participação no Patrimônio Líquido por Porte - Total da Amostra (Em percentuais) - 1973 a 1975 ...	94
III.7	- Evolução do Lucro Líquido (D.I.R.) anual por Porte - Total da Amostra (Em índices de base móvel) - 1973 a 1975 .....	95
III.8	- Participação no Lucro Líquido (D.I.R.) anual por Porte - Total da Amostra (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	96
III.9	- Estrutura de Capital por Porte - Total da Amostra (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	98
III.10	- Índices de Produtividade por Porte - Total da Amostra (Em unidades e cruzeiros) - 1973 a 1975 ..	101
III.11	- Índices de Rentabilidade por Porte - Total da Amostra (Em percentuais e cruzeiros) - 1973 a 1975	104
III.12	- Índice de Liquidez Geral por Porte - Total da Amostra (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	105
III.13	- Índice de Liquidez Corrente por Porte - Total da Amostra (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	107
Capítulo IV - Análise Econômico-Financeira do ramo de Minerais não Metálicos		
IV.1	- Participação dos estratos de tamanho no Faturamento total do ramo de Minerais não Metálicos (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	114
IV.2	- Participação dos estratos de tamanho no Ativo Real do ramo de Minerais não Metálicos (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	114

IV.3	- Evolução do Faturamento anual (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	115
IV.4	- Evolução do Ativo Real (Em percentuais) - Rela- ções 1974/73 e 1975/74 .....	116
IV.5	- Evolução do Patrimônio Líquido (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	117
IV.6	- Estrutura de Capital do ramo de Minerais não Meta- licos (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	118
IV.7	- Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	119
IV.8	- Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	120
IV.9	- Produtividade do Ativo Real (Faturamento/Ativo Real) (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	121
IV.10	- Produtividade do Imobilizado (Faturamento/Imobili- zado) (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	121
IV.11	- Produtividade do Patrimônio Líquido (Faturamen- to/Patrimônio Líquido) (Em unidades) - 1973 a 1975.	122
IV.12	- Produtividade do Pessoal na Produção (Faturamen- to/Pessoal na Produção) (Em cruzeiros) - 1974 e 1975 .....	122
IV.13	- Rentabilidade do Patrimônio Líquido (Lucro Líqui- do/Patrimônio Líquido) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	123
IV.14	- Rentabilidade do Faturamento (Lucro Líquido/Fatu- ramento) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	124
IV.15	- Rentabilidade do Ativo Real (Lucro Líquido/Ati- vo Real) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	124

IV.16	- Rentabilidade do Pessoal na Produção (Lucro Líquido/Pessoal na Produção) (Em cruzeiros) - 1974 e 1975 .....	125
IV.17	- Índice de Liquidez Geral (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	126
IV.18	- Índice de Liquidez Corrente (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	127
Capítulo V - Análise Econômico-Financeira do Ramo Metalúrgico		
V.1	- Participação dos estratos de tamanho no Faturamento total do ramo Metalúrgico (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	132
V.2	- Participação dos estratos de tamanho no Ativo Real do ramo Metalúrgico (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	132
V.3	- Evolução do Faturamento anual (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	134
V.4	- Evolução do Ativo Real (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	134
V.5	- Evolução do Patrimônio Líquido (Em percentuais)- Relações 1974/73 e 1975/74 .....	135
V.6	- Estrutura de Capital do ramo Metalúrgico (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	136
V.7	- Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	137
V.8	- Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	138
V.9	- Produtividade do Ativo Real (Faturamento/Ativo	



	Real) (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	139
V.10	- Produtividade do Imobilizado (Faturamento/Imobilizado) (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	140
V.11	- Produtividade do Patrimônio Líquido (Faturamento/Patrimônio Líquido) (Em unidades) - 1973 a 1975 .	141
V.12	- Produtividade do Pessoal na Produção (Faturamento/Pessoal na Produção) (Em cruzeiros) - 1974 e 1975 .....	142
V.13	- Rentabilidade do Patrimônio Líquido (Lucro Líquido/Patrimônio Líquido) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	143
V.14	- Rentabilidade do Faturamento (Lucro Líquido/Faturamento) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	144
V.15	- Rentabilidade do Ativo Real (Lucro Líquido/Ativo Real) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	144
V.16	- Rentabilidade do Pessoal na Produção (Lucro Líquido/Pessoal na Produção) (Em cruzeiros) - 1974 e 1975 .....	145
V.17	- Índice de Liquidez Geral (Em unidades)-1973 a 1975	147
V.18	- Índice de Liquidez Corrente (Em unidades)-1973 a 1975 .....	148
 <b>Capítulo VI - Análise Econômico-Financeira do ramo de Mobiliário</b>		
VI.1	- Participação dos estratos de tamanho no Faturamento total do ramo de Mobiliário (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	154
VI.2	- Participação dos estratos de tamanho no Ativo Real do ramo de Mobiliário (Em percentuais) - 1973 a 1975	154

VI.3	- Evolução do Faturamento anual (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	155
VI.4	- Evolução do Ativo Real (Em percentuais) - Rela- ções 1974/73 e 1975/74 .....	156
VI.5	- Evolução do Patrimônio Líquido (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	156
VI.6	- Estrutura de Capital do ramo de Mobiliário (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	158
VI.7	- Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	159
VI.8	- Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	160
VI.9	- Produtividade do Ativo Real (Faturamento/Ativo Re al) (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	161
VI.10	- Produtividade do Imobilizado (Faturamento/Imobili zado) (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	162
VI.11	- Produtividade do Patrimônio Líquido (Faturamento/ Patrimônio Líquido) (Em unidades) - 1973 a 1975 .	162
VI.12	- Produtividade do Pessoal na Produção (Faturamen- to/Pessoal na Produção) (Em cruzeiros) - 1974 e 1975 .....	163
VI.13	- Rentabilidade do Patrimônio Líquido (Lucro Líqui- do/Patrimônio Líquido) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	164
VI.14	- Rentabilidade do Faturamento (Lucro Líquido/Fatu- ramento) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	165
VI.15	- Rentabilidade do Ativo Real (Lucro Líquido/Ati- vo Real) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	165

VI.16	- Rentabilidade do Pessoal na Produção (Lucro Líquido/Pessoal na Produção) (Em cruzeiros) - 1974 e 1975 .....	166
VI.17	- Índice de Liquidez Geral (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	168
VI.18	- Índice de Liquidez Corrente (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	168
Capítulo VII - Análise Econômico-Financeira do ramo de <u>Vestuário</u> , Calçados e Artefatos de Tecidos		
VII.1	- Participação dos estratos de tamanho no Faturamento total do ramo de Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos (Em percentuais) - 1973 a 1975 ...	174
VII.2	- Participação dos estratos de tamanho no Ativo Real do ramo de Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	174
VII.3	- Evolução do Faturamento anual (Em percentuais)-Relações 1974/73 e 1975/74 .....	175
VII.4	- Evolução do Ativo Real (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	176
VII.5	- Evolução do Patrimônio Líquido (Em percentuais)-Relações 1974/73 e 1975/74 .....	176
VII.6	- Estrutura de Capital do ramo de Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos (Em percentuais)- 1973 a 1975 .....	178
VII.7	- Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	179
VII.8	- Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	179



	percentuais) - 1973 a 1975 .....	194
VIII.2	- Participação dos estratos de tamanho no Ativo Real do ramo de Produtos Alimentares (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	195
VIII.3	- Evolução do Faturamento anual (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	196
VIII.4	- Evolução do Ativo Real (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	196
VIII.5	- Evolução do Patrimônio Líquido (Em percentuais) - Relações 1974/73 e 1975/74 .....	197
VIII.6	- Estrutura de Capital do ramo de Produtos Alimentares (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	198
VIII.7	- Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	199
VIII.8	- Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	200
VIII.9	- Produtividade do Ativo Real (Faturamento/Ativo Real) (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	201
VIII.10	- Produtividade do Imobilizado (Faturamento/Imobilizado) (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	202
VIII.11	- Produtividade do Patrimônio Líquido (Faturamento/Patrimônio Líquido) (Em unidades)-1973 a 1975	202
VIII.12	- Produtividade do Pessoal na Produção (Faturamento/Pessoal na Produção) (Em cruzeiros) - 1974 e 1975 .....	203
VIII.13	- Rentabilidade do Patrimônio Líquido (Lucro Líquido/Patrimônio Líquido) (Em percentuais)- 1973 a 1975 .....	204

VIII.14 - Rentabilidade do Faturamento (Lucro Líquido/Faturamento) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	205
VIII.15 - Rentabilidade do Ativo Real (Lucro Líquido/Ativo Real) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	206
VIII.16 - Rentabilidade do Pessoal na Produção (Lucro Líquido/Pessoal na Produção) (Em cruzeiros) - 1974 e 1975 .....	207
VIII.17 - Índice de Liquidez Geral (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	208
VIII.18 - Índice de Liquidez Corrente (Em unidades) - 1973 a 1975 .....	209

Índice de Tabelas e Gráficos  
do Anexo Estatístico





## Índice de Tabelas do Anexo Estatístico

I	- Evolução do Faturamento anual por Ramo (Em cruzeiros e Índices) - 1973 a 1975 .....	219
II	- Participação dos Ramos no Faturamento (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	220
III	- Evolução do Ativo Real por Ramo (Em cruzeiros e Índices) - 1973 a 1975 .....	221
IV	- Participação dos Ramos no Ativo Real (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	222
V	- Evolução do Patrimônio Líquido por Ramo (Em cruzeiros e Índices) - 1973 a 1975 .....	223
VI	- Participação dos Ramos no Patrimônio Líquido (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	224
VII	- Evolução do Lucro Líquido (D.I.R.) anual por Ramo (Em cruzeiros e Índices) - 1973 a 1975 .....	225
VIII	- Participação dos Ramos no Lucro Líquido (D.I.R.) (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	226
IX	- Estrutura de Capital por Ramo - Porte: Total (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	227
X	- Idem - Porte: Pequenas .....	228
XI	- Idem - Porte: Médias .....	229
XII	- Idem - Porte: Grandes .....	230
XIII	- Índices de Produtividade por Porte e Ramo (Em unidades e cruzeiros) - 1973 a 1975 .....	231

XIV	- Índices de Rentabilidade por Porte e Ramo (Em percentuais e cruzeiros) - 1973 a 1975 .....	232
XV	- Índices de Liquidez por Porte e Ramo (Em unidades)- 1973 a 1975 .....	233
XVI	- Evolução do Pessoal na Produção por Ramo (Em unidades) - 1974 e 1975 .....	234
XVII	- Localização do Mercado Consumidor por Ramo (Em percentuais) - 1973 .....	235



Apresentação



## Apresentação

No intuito de se definir as principais características econômico-financeiras das empresas industriais, suas tendências e seu papel no contexto da estrutura industrial deve-se proceder a uma análise que, além de se fundamentar no somatório das unidades pesquisadas, em termos globais, procure também evidenciar a participação de cada ramo e porte, buscando detectar fatores explicativos inerentes a aspectos da capacidade empresarial e dos condicionantes da política e conjuntura econômica.

Essa interpretação é aqui alcançada a partir do estudo individualizado de empresas, obtido por intermédio da análise da situação econômico-financeira evidenciada pelo Balanço Patrimonial e Demonstrativo de Resultados (ou de Lucros e Perdas).

O estudo dos gêneros de atividade ou ramos, e mais, das empresas industriais estratificadas segundo o porte, permitiram extrair informações e conclusões que induziram e consolidaram a análise de caráter global.

O trabalho ora elaborado procurou evidenciar o desempenho e o grau de desenvolvimento do parque industrial do município de Campinas, focalizando dados relativos ao montante de recursos aplicados pelas empresas industriais, e analisando os resultados gerados, utilizando como instrumento de estudo os demonstrativos contábeis, o que permitiu determinar e comparar graus de produtividade, rentabilidade, estabilidade, endividamento, etc.

A utilização de cocientes e coeficientes relativos a três períodos diferenciados (1973, 1974 e 1975), representando diferentes momentos de uma mesma correlação, permitiu registrar as alterações ocorridas e apontar as tendências, em termos de compor

tamento e peculiaridades dos ramos e estratos de tamanho estudados.

A fim de identificar, com maior clareza e precisão a real situação econômica e financeira das empresas, empreendeu-se um esforço ponderável na padronização dos dados contábeis, - necessária à obtenção de informações suscetíveis de comparação - tendo em vista o emprego de metodologia e critérios bastante diferenciados na forma de elaboração e apresentação dos Balanços e Demonstrativos de Resultados.

A pesquisa é apresentada em oito capítulos e um anexo estatístico, além da Introdução e Conclusões, onde os assuntos são abordados da seguinte maneira:

- Introdução: Descrição das etapas desenvolvidas durante o processo de levantamento e organização dos dados, dos critérios adotados para estratificação dos dados segundo os gêneros industriais e o tamanho das indústrias estudadas e, finalmente, do método de amostragem utilizado.
- Capítulo I: Apresentação da metodologia adotada para a realização da análise econômico-financeira e dos instrumentos que a viabilizaram.
- Capítulo II: Caracterização do contexto da economia brasileira no período 1970/75 e da estrutura industrial do município de Campinas, em 1973.
- Capítulo III: Caracterização do desempenho das empresas industriais de Campinas por estrato de tamanho e gênero industrial (15 ramos selecionados), através da análise da evolução dos indicadores econômico-financeiros no período de 1973 a 1975.
- Capítulos IV a VIII: Caracterização do desempenho das em-

presas industriais de Campinas, dos ramos de Minerais não Metálicos, Metalúrgico, de Mobiliário, de Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos e de Produtos Alimentares (respectivamente, em cada capítulo), por estrato de tamanho, no mesmo período e através dos mesmos indicadores.

- Anexo Estatístico: Conjunto de tabelas e gráficos - apresentados por ordem de utilização no texto - contendo os dados empregados na análise.

Acredita-se que esta pesquisa, ao destacar novas evidências empíricas e ao ampliar o grau de conhecimento e compreensão do setor industrial, produzirá resultados que se estenderão à classe empresarial, aos órgãos governamentais, - especialmente os de planejamento e desenvolvimento - às entidades financeiras e aos estudiosos e profissionais da área de economia e administração de empresas.

Finalmente, deve-se ressaltar que o trabalho procurou demonstrar que, adequadamente elaborado, o Balanço, afora seu aspecto fiscal, se constitui num elemento imprescindível à descrição, previsão, controle e avaliação da situação econômico-financeira da empresa.

Nossos agradecimentos aos que viabilizaram a elaboração deste trabalho, em especial:

- ao CEBRAE - Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa e seu agente para o Estado de São Paulo - CEAG-SP - Centro de Assistência Gerencial à Pequena e Média Empresa do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro prestado;
- aos empresários, dirigentes e técnicos de empresas industriais - especialmente aos da área de contabilidade -, pelas constantes informações fornecidas;



- aos professores Wilson Cano e Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves, do Departamento de Economia e Planejamento Econômico do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, pelas críticas e sugestões apresentadas ao item B do Capítulo II.

Faz-se necessário enfatizar que esta pesquisa, embora tenha procurado detalhar e realçar aspectos relevantes da evolução da situação econômica e financeira das empresas industriais de Campinas, não pretendeu esgotar o assunto, tanto é que coloca questões que ainda necessitam ser investigadas, indicando, inclusive, a conveniência e validade da ampliação da análise para outras regiões e gêneros industriais.

A Equipe Técnica  
Junho de 1978

O Centro Técnico Econômico  
de Assessoria Empresarial

- CTAE -



## O Centro Técnico Econômico de Assessoria Empresarial - CTAE

O CTAE, órgão vinculado ao Departamento de Economia e Planejamento Econômico do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, desde 1968 vem desenvolvendo um Programa de Apoio à Pequena e Média Indústria, tendo por objetivo fundamental o aperfeiçoamento de pessoal ligado a empresas industriais de pequeno e médio porte.

Inicialmente restritas às indústrias do município de Campinas, suas atividades desde logo estenderam-se para outras cidades do Estado e regiões do Brasil.

Com a finalidade de promover o incremento da capacidade gerencial, assim como de estimular e dar apoio à consolidação e ao desenvolvimento dessas empresas, suas atividades foram diversificadas. Além da expansão do programa de aperfeiçoamento de pessoal foi introduzido o de assessoria econômico-administrativa prestada diretamente às empresas e o de estudos e pesquisas. A preparação de técnicos-consultores industriais para desenvolver programas de assessoria e financiamento à pequena e média indústria em outros Estados da União também vem sendo executada pelo CTAE.

Desta forma, este Centro procura atuar no sentido de incrementar a capacidade competitiva das pequenas e médias indústrias, por meio da redução de custos e do aumento da produtividade, com vistas não só ao mercado interno, mas também, colaborando para a consolidação da política de exportação de manufaturados.

Em última instância objetiva-se, ao fortalecer as pequenas e médias indústrias, o desenvolvimento do setor industrial e do próprio sistema econômico.

A nível estadual, a implementação do programa de atividades

do Centro se coaduna com a estratégia geral de descentralização industrial e descongestionamento econômico da área metropolitana, indispensável à política de correção dos desequilíbrios regionais.

Para tanto, tem contribuído, de modo preponderante, por meio de apoio institucional e financeiro, organismos estaduais e federais, tais como o CEBRAE - Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Indústria, órgão orientador e coordenador da política nacional de incentivo à pequena e média empresa, vinculado à Secretaria do Planejamento da Presidência da República, e seu agente no Estado de São Paulo - CEAG-SP. A Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo e a ABDE - Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento, inserem-se também, entre os órgãos com os quais este Centro mantém cooperação.

Para a consecução de seus objetivos, o CTAE tem desenvolvido as seguintes atividades.

- Preparação de Especialistas em Consultoria Industrial para Pequenas e Médias Indústrias, por meio de Curso de Especialização-CECOPI, em nível de Pós-Graduação, de caráter intensivo, com a carga horária total de aproximadamente 1 000 horas, englobando aulas e trabalhos práticos em indústrias, visando instrumentar pessoal de nível superior de agentes do Sistema CEBRAE no Brasil, para o desempenho de atividades docentes e de assessoramento no campo da administração e consultoria para pequenas e médias empresas industriais. O CECOPI vem se realizando anualmente desde 1972.
- Curso Técnico para Dirigentes de Empresa - CTDE, destinado a empresários, assessores, gerentes, técnicos de empresas industriais de pequeno e médio porte, com a finalidade

de de fornecer conhecimentos teóricos e treinamento no tocante à aplicação de métodos e técnicas de racionalização e administração adequados à estrutura dessas indústrias, nas áreas básicas de Produção, Custos, Finanças e Mercado logia.

Cada CTDE, abrangendo uma área específica, tem a duração média de 100 horas/aula e 100 horas de trabalhos práticos em indústrias.

Desde 1968, ano de sua instalação, vários cursos têm sido realizados anualmente em Campinas e outras cidades do Estado de São Paulo, veiculando conhecimentos a empresários e assessorando empresas.

- Curso de Especialização em Análise Empresarial-CEAE, objetivando a formação de recursos humanos especializados no tratamento da metodologia de financiamento para pequenas e médias indústrias. Tem por finalidade, deste modo, dotar os técnicos treinandos de uma visão da especificidade que assumem as condições financeiras em empresas desse porte. Seu objetivo maior está na formulação de uma política de apoio financeiro às empresas de pequeno e médio porte junto a Bancos de Desenvolvimento.

O Curso desenvolve-se em duas etapas: uma teórica e outra de treinamento prático em indústrias, com duração total de 4 meses.

O primeiro CEAE foi realizado em 1975, estando previsto como atividade anual.

- Assessoria Técnica - AT, consiste no programa de assessoramento técnico e administrativo às pequenas e médias indústrias da região. Compreende três subprogramas:

- Assessoria Técnica Direta - ATD, objetiva a melhoria das condições de funcionamento das empresas nas áreas de Produção, Custos, Finanças, Administração Geral e Mercadologia;
- Diagnóstico Integrado, etapa que precede a ATD, visa obter informações mais precisas sobre a situação da empresa, indicando seus pontos de estrangulamento e objetivando, em última instância, melhor direcionar a assessoria técnica;
- Consultoria e Acompanhamento, insere-se no programa de assessoria técnica, na medida em que suas atividades se destinam a consolidar os trabalhos já realizados, no sentido da melhor adequação do instrumental recomendado às peculiaridades da empresa orientada.

Dentro desse programa já foram realizados cerca de quinhentos trabalhos de assessoria econômico-administrativa, atendendo à solicitação das empresas.

- Realização de Estudos e Pesquisas objetivando identificar as características e a evolução do setor industrial; conhecer as peculiaridades do mercado produtor, fornecedor e consumidor; avaliar a participação, papel e influência da pequena e média indústria no processo de industrialização, analisar as repercussões das medidas de política econômica que afetam as pequenas e médias indústrias; realizar diagnósticos setoriais:

Dentro desta perspectiva já foram realizados os seguintes trabalhos:

"Cadastro Industrial do Município de Campinas - 1974/75".

- „Cadastro Industrial da Sub-Região de Campinas 1975/76".
- „O Impacto do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) na Economia das Pequenas e Médias Indústrias".
- „A Subcontratação na Pequena e Média Empresa Industrial".
- „Estrutura Industrial do Município de Campinas".
- „Estrutura Industrial da Sub-Região de Campinas".

Estes estudos e pesquisas assumem grau de importância desde que fornecem: aos empresários, informações objetivas sobre a conjuntura econômica e a posição das empresas no complexo industrial; às autoridades governamentais, dados concretos sobre a situação efetiva do parque industrial e aos técnicos, consultores e õrgãos de apoio às pequenas e mê-dias empresas, padrões de referência necessários à adequação de suas atividades.

A efetivação das atividades planejadas tem sido viável na medida em que a estratégia de atuação adotada pela UNICAMP inclui um trabalho integrado com outros õrgãos e entidades voltados para o desenvolvimento industrial, objetivando o máximo aproveitamento dos recursos técnicos, humanos e financeiros envolvidos nesse processo.



## Índice de Gráficos do Anexo Estatístico

I	- Estrutura de Capital por Ramo - Total da Amostra e ramos de Minerais não Metálicos, Metalúrgico, de Mobiliário, de Vestuário e Calçados e de Produtos Alimentares - Porte: Total (Em graus) - 1973 a 1975 ...	237
II	- Idem - Porte: Pequenas .....	239
III	- Idem - Porte: Médias .....	241
IV	- Idem - Porte: Grandes .....	243
V	- Taxa de Retorno por Porte e Ramo - Total da Amostra e ramos de Minerais não Metálicos, Metalúrgico, de Mobiliário, de Vestuário e Calçados e de Produtos Alimentares (Em percentuais) - 1973 a 1975 .....	245
VI	- Índice de Liquidez Geral por Porte e Ramo - Total da Amostra e ramos de Minerais não Metálicos, Metalúrgico, de Mobiliário, de Vestuário e Calçados e de Produtos Alimentares (Em unidades) - 1973 a 1975 ...	247
VII	- Índice de Liquidez Corrente por Porte e Ramo - Total da Amostra e ramos de Minerais não Metálicos, Metalúrgico, de Mobiliário, de Vestuário e Calçados e de Produtos Alimentares (Em unidades) - 1973 a 1975 ...	249





Introdução



## Introdução

Conhecidos os objetivos do trabalho, importante se torna esclarecer os procedimentos adotados no sentido de sua consecução.

Assim, nesta parte serão descritas as fases do trabalho de campo, os critérios adotados para estratificação em ramo e porte e o método de amostragem.

### A - Levantamento de Dados

A partir dos objetivos propostos pela pesquisa, programou-se a coleta de dados diretos nas empresas industriais - recolhimento de uma cópia do Balanço Patrimonial e Demonstrativo de Resultados - em três fases. A primeira e a segunda coincidiram com a elaboração dos Cadastros Industriais do Município e da Sub-Região de Campinas, nos anos de 1974 e 1975, respectivamente. Desse modo, ao mesmo tempo em que se visitavam todas as indústrias existentes no município de Campinas, naqueles anos, para o levantamento de dados necessários aos cadastramentos, recolhiam-se os documentos mencionados, referentes aos anos de 1973 e 1974.

A terceira fase da coleta, visando completar o período de três anos para a análise (1973 a 1975), efetuou-se, em 1976, com o recolhimento específico dos Balanços e Demonstrativos de Resultados referentes a 1975, tendo como base para esse levantamento, as indústrias que haviam fornecido os documentos contábeis solicitados nos anos anteriores.

Como resultado desse metuculoso levantamento foram co

letados, em termos globais, 592 Balanços relativos a 1973, 616 a 1974 e 545 a 1975, totalizando 1 753 documentos recolhidos para análise.

#### B - Critérios de Estratificação Adotados

Objetivando uma maior adequação do instrumento de análise à situação real da empresa industrial, estratificou-se o universo pesquisado de acordo com a principal (em termos de maior valor de faturamento) atividade desenvolvida ou ramo industrial e com o porte ou tamanho da indústria.

O critério de atividade escolhido foi adotado pela Fundação IBGE que classifica a indústria de transformação em 21 gêneros ou ramos de indústria:

<u>Código</u>	<u>Gênero ou Ramo</u>
<u>IBGE</u>	
10	Produtos de Minerais não Metálicos
11	Metalúrgica
12	Mecânica
13	Material Elétrico e de Comunicações
14	Material de Transporte
15	Madeira
16	Mobiliário
17	Papel e Papelão
18	Borracha
19	Couros e Peles e Produtos Similares
20	Química
21	Produtos Farmacêuticos e Veterinários
22	Perfumaria, Sabões e Velas
23	Produtos de Matérias Plásticas
24	Têxtil
25	Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos
26	Produtos Alimentares
27	Bebidas

<u>Código</u> <u>IBGE</u>	<u>Gênero ou Ramo</u>
28	Fumo
29	Editorial e Gráfica
30	Diversas

A classificação em porte foi obtida através da utilização das variáveis quantitativas: pessoal ocupado e valor mensal de faturamento. Assim, definiu-se como pequena indústria a aquela que emprega menos de 100 pessoas e fatura mensalmente um valor abaixo de Cr\$ 600 000,00; como média, a que ocupa entre 100 e 299 empregados e fatura um valor igual ou maior de Cr\$ 600 000,00 e menor que Cr\$ 3 000 000,00, e como grande, aquela com 300 ou mais pessoas ocupadas e com Cr\$ 3 000 000,00 ou mais de faturamento mensal.

#### C - Estudo do Universo e Amostra da Pesquisa

Selecionados <sup>(1)</sup> e padronizados os documentos contábeis recolhidos, com o intuito de se obter uniformidade e comparabilidade das informações, e posteriormente classificados em termos dos critérios de estratificação escolhidos, obteve-se a seguinte representatividade amostral:

---

(1) No sentido de retirar os Balanços que não preenchiam a série de três anos (1973 a 1975) e os que apresentavam erros e/ou omissões.



Quadro I

Composição da Amostra

Ramos (*)	Universo da Pesquisa (**) -1974-	Amostra Coletada no período (1973/75)		Estratificação da Amostra por Porte		
		Nº Abs.	Representatividade em Relação ao Universo (%)	Peq.	Méd.	Gde.
Min.não Met.	84	51	60,7	50	1	-
Metalúrgica	128	72	56,3	69	2	1
Mecânica	56	37	66,1	31	5	1
M.Elét.e de Com.	19	10	52,6	5	4	1
Mat.de Transp.	12	6	50,0	6	-	-
Madeira	47	27	57,4	26	1	-
Mobiliário	54	34	63,0	29	5	-
Química	28	18	64,3	10	5	3
Prods.Farm.	5	4	80,0	1	2	1
Mats.Plást.	28	16	57,1	12	4	-
Têxtil	16	9	56,3	6	3	-
Vest., Calç.	71	42	59,2	40	2	-
Prods.Aliment.	49	28	57,1	20	5	3
Bebidas	7	3	42,9	2	1	-
Edit.e Gráf.	39	26	66,7	24	2	-
<b>Total</b>	<b>643</b>	<b>383</b>	<b>59,6</b>	<b>331</b>	<b>42</b>	<b>10</b>
Representatividade do Porte em relação à Amostra (%)		100,0	-	86,4	11,0	2,6

(\*) Os ramos de Papel e Papelão, Borracha, Couros e Peles, Perfumaria e Fumo foram retirados do estudo do universo e da amostra por apresentarem uma representatividade - em termos da estrutura industrial do Município e da amostragem obtida - bastante reduzida e o ramo Diversas, por agrupar um conjunto muito heterogêneo de indústrias.

(\*\*) Formado por estabelecimentos fundados anteriormente a 1973 e que permaneceram em funcionamento, pelo menos, até 1975; estabelecimentos que têm a obrigatoriedade fiscal de elaborar Balanço e estabelecimentos que não agregam ao Balanço elaborado, dados referentes a outras unidades fabris da mesma empresa.

A amostra coletada apresenta uma elevada representatividade em relação ao universo da pesquisa, estabelecido no ano de 1974:

Quadro II  
Representatividade da Amostra  
- 1974 -

Variáveis	Ind. Transf. Campi- nas - Total	Total do Universo Pesquisado	Total da Amostra Coletada	
Valor Faturamento (Em Cr\$ mil)	8 603 015	3 169 747	2 249 165	
Pessoal na Produção	31 587	20 228	14 098	
Número de Estabelecimentos	956	643	383	
Representati- vidade da Amostra (%)	Fat.	26,1	71,0	-
	P.Prod.	44,6	69,7	-
	NºEst.	40,1	59,6	-

Para se obter uma visão global do desempenho da indústria de transformação local será feita uma análise do total da amostra coletada e a seguir uma apreciação desse comportamento observado em função do porte das empresas.

Ainda a partir da estratificação apresentada, selecionou-se para análise mais detalhada, sempre através da amostra, os ramos mais importantes e representativos na evolução da estrutura industrial de Campinas - em termos de número de estabelecimentos, pessoal ocupado e valor de faturamento - e os mais caracteristicamente representados por empresas industriais de tamanho

pequeno e médio (2), fato que justifica e impõe um tratamento mais individualizado e profundo. São os seguintes:

Quadro III  
Representatividade dos Ramos selecionados no total  
das Indústrias de Pequeno e Médio Porte

- 1974 -

(Em percentuais)

Cód. IBGE	Gênero ou Ramo	Nº Est.	Campinas	
			Pes. Ocup.	Fat.
10	Minerais não Metálicos	14,0	8,6	6,1
11	Metalúrgica	19,3	9,9	9,0
16	Mobiliário	8,9	8,0	7,5
25	Vestuário, Calçados e Art. Tecidos	9,9	8,2	4,9
26	Produtos Alimentares	6,0	8,5	8,0
Subtotal		58,1	43,2	35,5
Total das Pequenas e Médias		100,0	100,0	100,0

Fonte: Setor de Estudos e Pesquisas - CTAE - UNICAMP

Finalmente, de modo suplementar, serão comentados os ramos que, apesar de não apresentarem um comportamento destacado no parque industrial do Município - principalmente em termos de pequenas e médias empresas - e não terem obtido uma alta representatividade amostral, concorrem de forma acentuada para o desenvolvimento do setor secundário local: Mecânica, Material Elétrico e de Comunicações, Material de Transporte, Madeira, Química, Produtos Farmacêuticos e Veterinários, Produtos de Matérias Plásticas, Têxtil, Bebidas e Editorial e Gráfica.

Resta tornar a lembrar que a análise realizada a se-

---

(2) Vide "Estrutura Industrial do Município de Campinas" - CTAE - UNICAMP - 1976.

guir - referente a ramos e portes específicos e à visão global da indústria de transformação no município de Campinas, - foi inteiramente baseada nos dados amostrais coletados.

A fim de usar um quadro referencial para os Índices apresentados foram utilizados os dados publicados pelo Suplemento da Revista Exame, Melhores e Maiores (As 500 maiores Empresas Privadas) <sup>(3)</sup> e pela Revista Conjuntura Econômica da Fundação Getúlio Vargas (As 500 Maiores Sociedades Anônimas não financeiras do Brasil). <sup>(4)</sup>

---

(3) Revista Exame, Suplemento: Melhores e Maiores. Abril-Tec Editora Ltda., setembro de 1974, 1975 e 1976.

(4) Revista Conjuntura Econômica. Fundação Getúlio Vargas, vol.31, nº 1, janeiro de 1977.

## Quadro Técnico do CTAE

### Coordenador Geral:

Prof. Dr. Osmar de Oliveira Marchese

### Coordenador de Cursos:

Prof. Dr. Éolo Marques Pagnani

### Coordenador do Curso de Especialização em

Consultoria Industrial (CECOPI):

Prof. Luiz Antonio Teixeira Vasconcelos

### Coordenador do Curso de Especialização em

Análise Empresarial (CEAE):

Prof. Laércio Bisetto

### Coordenador de Assessoria Técnica Direta (ATD):

Prof. Leonel Mazzali

### Coordenadora do Setor de Estudos e Pesquisas:

D<sup>ca</sup> Lúcia Pimentel Teixeira

### Professores:

Airton Alves da Silva

Ário Roberto Uhle

José Augusto Ciocci

José Newton Cabral Carpintêro

José Walter Martinez

Luiz Antonio Volpato

Maria Carolina de A. Ferreira de Souza

Mauro Arruda Villas Bôas Filho

Miguel Juan Bacic

Natermes Guimarães Teixeira

Sérgio Cosmo Vargas Fernandes

William Massei

### Secretária Executiva:

Edith Panini



Capítulo I  
Abordagem Metodológica





## Capítulo I

### Abordagem Metodológica

#### A - Introdução

Tendo-se por objetivo estudar o comportamento de uma empresa (de um ramo industrial ou mesmo de uma estrutura industrial), na sua função principal de realizar a produção e obter lucro, torna-se indispensável o acompanhamento permanente das atividades dessa empresa (ou grupo de empresas) e a apuração dos resultados alcançados.

Uma vez que o registro das atividades e a apuração dos resultados são feitos pela contabilidade, a base para esse estudo de comportamento pode estar centrada no Balanço Patrimonial e no Demonstrativo de Resultados (Lucros e Perdas), que apresentam, respectivamente, a situação do Ativo e do Passivo da empresa e a demonstração do valor dos recursos consumidos em relação aos resultados obtidos.

Ao se analisar internamente uma empresa, as informações contábeis podem ser complementadas com diversos outros elementos auxiliares, porém, uma análise externa às empresas, como se objetiva neste estudo, utiliza basicamente os dados fornecidos por aqueles documentos contábeis.

#### B - O Balanço como Instrumento de Análise

O Balanço <sup>(1)</sup> é o único instrumento disponível para

---

(1) O termo Balanço, aqui usado genericamente, deve ser entendido como Balanço Patrimonial e Demonstrativo de Resultados.

a realização de uma análise externa. Deve-se lembrar que esta análise não permite que se alcance níveis de detalhamento, muitas vezes almejado pelo analista, - mais por perfeccionismo e, ou, excesso de espírito de indagação - fato que não tem muita justificativa prática, mesmo porque o Balanço ou qualquer outro dado levantado na empresa, constitui-se na informação de um momento na vida do negócio.

Alguns aspectos que dificultam a análise externa, dada a utilização do Balanço, devem ser destacados, como por exemplo: a forma sintética de apresentação dos resultados, fornecendo apenas dados gerais; a falta de padronização na própria apresentação do Balanço, obrigando o analista a reagrupar os dados e a emitir, inclusive, juízo de valor com respeito à classificação das contas; a apresentação de resultados pouco realista das Imobilizações e Capital Social, fato decorrente da legislação vigente em relação à correção desses valores; e, por último, a sonegação que traz como resultado um volume de negócios paralelos não registrados, e portanto, não captados pela análise externa.

Outro problema diz respeito à inflação, não considerada nos valores expressos no Balanço. No entanto, minimiza-se essa questão ao se analisar esses valores apenas através de índices e relações, e no máximo, comparando-os ao longo de um período, sempre corrigidos a preços de um mesmo ano, isto é, trabalhando-se somente com valores reais.

Assim, visando uma melhor utilização dos dados existentes no Balanço, procedeu-se a uma reestruturação e homogeneização de suas contas e grupos de contas, no sentido de se dispor de uma estrutura padrão que possibilitasse estabelecer comparações entre as empresas dentro dos diferentes portes e ramos indus-

triais existentes.

Esta padronização consistiu em agrupar os dados primários do Balanço Patrimonial e do Demonstrativo de Resultados em:

1 - Disponível - Grupo de contas que inclui todos os valores de livre circulação como: numerário em caixa, depósitos bancários à vista, cheques e vales à vista e títulos de livre circulação;

2 - Realizável a Curto Prazo - Teoricamente compreende os valores conversíveis dentro do ciclo operacional da empresa (contabilmente, são aqueles conversíveis até 180 dias), contendo créditos oriundos de transações normais da empresa e estoques;

3 - Ativo Corrente - Contém a soma dos valores do disponível e realizável a curto prazo;

4 - Realizável a Longo Prazo - São os valores de conversão demorada por prazo superior a 180 dias;

5 - Ativo Circulante - É a soma do ativo corrente com o realizável a longo prazo;

6 - Imobilizado - Consiste nos investimentos de caráter permanente indispensáveis para que a empresa atinja seus objetivos. Este grupo foi classificado em Imobilizado Técnico (Instalações, máquinas, etc.) e Financeiro (Investimentos permanentes e participações em subsidiárias);

7 - Ativo Real - Somatório do Ativo Circulante com o Imobilizado;

8 - Exigível a Curto Prazo - Inclui todos os créditos de terceiros resultantes das operações de funcionamento da empresa cujo prazo de vencimento não exceda a 180 dias;

9 - Exigível a Longo Prazo - Crédito também de terceiros cuja exigibilidade seja superior a 180 dias;

10 - Passivo Circulante - É a soma dos valores exigíveis a curto e longo prazo;

11 - Patrimônio Líquido - Compreende os valores aplicados na empresa pelos seus sócios ou acionistas, mais reservas; é a diferença entre o Ativo Real e o Passivo Circulante;

12 - Faturamento - Representa o total das receitas operacionais da empresa, incluído o IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados);

13 - Lucro Líquido (D.I.R.) - O Lucro Líquido depois do Imposto de Renda é o resultado das receitas operacionais e não operacionais menos as despesas, reservas e provisões, inclusive a destinada ao imposto de renda.

### C - Metodologia da Análise Econômico-Financeira

A partir dos valores retirados dos Balanços e Demonstrativos de Resultados estabeleceu-se uma série de coeficientes patrimoniais, índices de solvência, de garantia de capitais de terceiros, de imobilização de capitais, de produtividade e de rentabilidade; elementos estes, considerados de utilidade para, - através de inter-relacionamentos, comparações e variações - a verificação e acompanhamento da situação e do comportamento econômico e financeiro das empresas industriais pesquisadas em Campinas.

A análise procurou prioritariamente detectar de que modo reagem os ramos analisados dentro de um contexto nacional e local (apresentados no Capítulo II), isto é, em uma conjuntura econômica que, de forma direta ou indireta, condiciona, não são a

disponibilidade de recursos, mas também a demanda dos produtos dessas empresas. Sem dúvida, o desempenho industrial é função da conjuntura e ao mesmo tempo da visão e capacidade dos empresários em criar mecanismos próprios que possibilitem a consecução dos objetivos de crescimento e lucro.

Por outro lado, o trabalho visou também estabelecer um quadro geral e local, - por meio da análise do total da amostra - para que em pesquisas posteriores se tenha um marco comparativo ou ainda um ponto de partida para estudos específicos e detalhados de determinados ramos.

Para tanto, os elementos utilizados e a seguir listados, jamais serão comparados ou usados como padrões uma vez que não se considera válido para a análise, padrões pré-estabelecidos resultantes da participação de uma gama de variáveis cujos pesos se modificam de um contexto para outro.

## 1 - Elementos Utilizados para a Análise

1.1 - Coeficientes Patrimoniais - O coeficiente patrimonial é a participação relativa de cada conta ou grupo de contas de Ativo e Passivo no Ativo Real. Indica as diferentes estruturas de capital existentes para cada porte e ramo industrial.

1.2 - Índice de Liquidez Geral - Este índice provém da relação do Ativo Circulante (Ativo Corrente + Realizável a Longo Prazo) com o Passivo Circulante (Exigível a Curto e Longo Prazo), isto é, compara todos os valores conversíveis com o total das responsabilidades.

1.3 - Índice de Liquidez Corrente - É o resultado da relação do Ativo Corrente (Disponível + Realizável a Curto Prazo)

com o Exigível a Curto Prazo que denota a possibilidade de solução dos compromissos em caso de conversão total dos valores realizáveis a curto prazo.

1.4 - Capital de Giro Próprio - É a diferença entre o Patrimônio Líquido e o Imobilizado (Técnico e Financeiro).

1.5 - Grau de Endividamento - O resultado da relação entre o Passivo Circulante e o Ativo Real evidencia a parcela do patrimônio que, uma vez convertido, destinar-se-á ao pagamento de dívidas a terceiros.

1.6 - Taxa de Retorno - Mostra a Rentabilidade do Patrimônio Líquido a partir de sua relação com o Lucro Líquido (D.I.R.).

1.7 - Rentabilidade do Faturamento - É o resultado da relação do Lucro Líquido (D.I.R.) com as vendas.

1.8 - Rentabilidade do Imobilizado - É o resultado da relação do Lucro Líquido (D.I.R.) com o Imobilizado (Técnico e Financeiro).

1.9 - Rentabilidade do Pessoal na Produção - É a parcela de Lucro Líquido (D.I.R.) obtido por operário.

1.10 - Rentabilidade do Ativo Real - É o resultado da relação do Lucro Líquido (D.I.R.) com o capital aplicado.

1.11 - Produtividade do Ativo Real - É o cociente da relação do Faturamento com o Ativo Real.

1.12 - Produtividade do Imobilizado - É o cociente da relação do Faturamento com o Imobilizado.

1.13 - Produtividade do Patrimônio Líquido - É o cociente da relação do Faturamento com o Patrimônio Líquido.

1.14 - Produtividade do Ativo Corrente - É o cociente da relação do Faturamento com o Ativo Corrente.

1.15 - Produtividade do Pessoal na Produção - É a parcela de Faturamento obtido por operário.

A exemplo desta última relação bem como da 1.9 (Rentabilidade do Pessoal na Produção) utilizou-se informações adicionais no sentido de complementar a análise dos dados retirados do Balanço e estabelecer comparações:

- Pessoal na Produção - os dados referentes a mão-de-obra direta empregada nas empresas estudadas foram retirados dos questionários aplicados para o cadastramento das indústrias do município de Campinas (2) e correspondem ao pessoal ocupado na produção em 1974 e 1975.

- Mercado - as informações empregadas na caracterização do mercado, - fornecedor de matérias-primas e consumidor de produtos acabados - dos ramos industriais existentes no município de Campinas foram extraídos também dos mesmos instrumentos de coleta de dados acima citados e referem-se ao ano de 1973.

- Índices econômicos e financeiros a nível nacional - com a finalidade de apresentar dados referenciais da situação econômica e financeira da indústria brasileira, no período de 1973 a 1975, utilizou-se os trabalhos publicados no Suplemento Melhores e Maiores da Revista Exame e na Conjuntura Econômica (As 500 Maiores Sociedades Anônimas), fazendo uso, quando possível, dos índices ali calculados e, quando necessário, recalculando-os através dos valores divulgados.

---

(2) Cadastro Industrial de Campinas - 1974/75 e Cadastro Industrial da Sub-Região de Campinas - 1975/76 - CTAE - UNICAMP.





dividuais - ao fazer uso de índices com base nos demonstrativos da peça contábil, geralmente se ressen-te de parâmetros indicativos necessários ao estabelecimento de comparações e relações com empresas similares ou sub-ramos dentro de cada ramo. A disponibi-lidade de tais parâmetros permitiria, aos técnicos empresariais e assessores, maior segurança nos diagnósticos e planejamento da em-presa e ou setor.

Com relação ao aspecto do desempenho das empresas, fo-ram examinados os dados relativos à evolução do Faturamento, do A-tivo Real e do Patrimônio Líquido, no período selecionado.

Outro elemento importante da análise consistiu no e-xame da estrutura de capital das empresas pesquisadas que, através do estabelecimento de relações entre os itens do ativo e do pas-sivo com o Ativo Real permitiu distinguir e detectar as caracte-rísticas (perfil) de cada ramo e porte.

Deve-se considerar que o volume de capital necessã-rio para as atividades de uma empresa depende da tecnologia uti-lizada - a qual, por sua vez determina o montante das aplicações em imobilizações técnicas -, do mercado fornecedor e consumidor (prazos de compra e venda), do processo produtivo (ciclo de produ-ção e estoques intermediários), e ainda, do sistema de distribui-ção, fatores estes que, em conjunto, determinam as necessidades de capital para giro. Há pois, em cada ramo ou, mais especifica-mente, em cada sub-ramo - com implicações do porte da empresa, - níveis "ótimos" de capital fixo e circulante estabelecidos pela sua própria estrutura.

Os desvios destes níveis "ótimos" podem ocorrer, no entanto, em virtude da interferência de fatores funcionais direta-mente relacionados à capacidade de gerenciar os recursos disponí-

veis.

Por outro lado, há fatores conjunturais que determinam os níveis de recursos disponíveis e adequados no mercado financeiro. Dessa forma, a otimização do uso de recursos de capital dependerá, não só da disponibilidade, mas também das condições de acesso a estes recursos.

A comparação do Patrimônio Líquido com o Ativo Real indica se o crescimento dos valores do Ativo se realizou em função dos recursos próprios e ou de terceiros, relação esta que permite, também, verificar as modificações da participação do capital próprio e de terceiros.

A análise econômica, num sentido mais restrito, é efetuada basicamente considerando os resultados de produtividade e de rentabilidade.

O estudo da produtividade, em virtude das dificuldades de uniformização das contas de resultado, principalmente das pequenas empresas, utiliza dados de rotatividade dos diversos recursos econômicos, tais como: Ativo Real que é o total dos recursos de capital financeiro e técnico, Ativo Imobilizado, Patrimônio Líquido e Pessoal Ocupado na Produção.

Os resultados da relação do Faturamento com os recursos aplicados indicam, até que ponto, fatores de ordem conjuntural têm afetado a produtividade dos ramos e, se, em função da adoção de estratégias internas, as empresas têm mantido ou não, seu nível de desempenho.

A análise da rentabilidade levanta os resultados do Lucro Líquido relacionado com os mesmos recursos utilizados no exame da produtividade, para em seguida verificar em que medida o aumento ou redução desta última tem sido acompanhado ou não pelo

incremento do Lucro. Esta informação é muito importante no sentido de que pode indicar se a empresa está conseguindo repassar os aumentos de seus custos aos preços dos produtos. Isto é, pode detectar se o ramo ou grupo de empresas estão tendo problemas de controle de custos e ou de mercado.

Após a verificação dos resultados de natureza econômica, a análise se detém nos aspectos financeiros, isto é, aqueles dados informativos da capacidade de pagamento das empresas analisadas, suas fontes de recursos, enfim, suas condições de obtenção e administração dos recursos financeiros.

A análise financeira - fundamentada na estrutura de capital das empresas de cada ramo e porte - preocupa-se em verificar a participação de capital próprio em giro, que é função direta do Patrimônio Líquido e das imobilizações, dado de extrema importância para o estudo da situação de liquidez geral e sua tendência.

Por outro lado, a análise da situação de liquidez corrente observa a utilização adequada das fontes de curto e de longo prazo.

Na realidade, o primeiro aspecto (liquidez geral) está mais relacionado a aspectos estruturais de cada ramo e o segundo (liquidez corrente), além de sua relação com esses mesmos aspectos estruturais, é bastante influenciado pela gestão financeira.

A análise tanto econômica como financeira é desenvolvida dentro do contexto da estrutura industrial do município de Campinas e ainda se vale de estudo paralelo de algumas variáveis da conjuntura econômica, ou melhor, do comportamento da economia brasileira, no período, ambos apresentados no Capítulo II.

A demanda deste quadro referencial originou-se da prô

pria metodologia de análise que não busca relacionar ou comparar resultados com padrões de desempenho previamente estabelecidos, u ma vez que são considerados insuficientes e ao mesmo tempo inadequados ao estudo de uma realidade dinâmica, - a empresa.

O objetivo principal da análise, neste caso, consistiu em verificar, num sentido estático, a adequação da empresa em relação a um contexto externo, e ao mesmo tempo, numa análise dinâmica, a elasticidade interna da empresa em sobreviver e ou desenvolver-se em uma situação de mudança.





## Capítulo II

### O Desempenho do Setor Secundário a Nível Nacional e Local

#### A - Introdução

Objetiva-se neste capítulo caracterizar o contexto da economia nacional, no período 1970/75, e a estrutura industrial do município de Campinas, em 1973, onde se inserem e interagem as empresas industriais que se constituem no objeto de estudo deste trabalho.

Do ponto de vista de uma análise sistêmica torna-se indispensável considerar o meio ambiente que, inegavelmente, influencia o desempenho das organizações embora sofra também os seus efeitos.

São a partir dessa visão global poder-se-á apreender, em termos regionais, o comportamento dos gêneros industriais componentes do setor secundário e seus estratos de tamanho, interpretá-lo e detectar tendências de seu desenvolvimento.

Para tanto, este capítulo foi dividido em três etapas, assim elaboradas:

- 1a) descreve o comportamento recente da economia brasileira e em especial de seu setor secundário, no período 1970/75;
- 2a) apresenta o desempenho, em nível nacional, dos cinco ramos selecionados para destaque e detalhamento no âmbito da análise;
- 3a) caracteriza a estrutura industrial do município de Campinas, no ano de 1973.

## B - Retrospecto do Comportamento Recente da Economia Brasileira

Nos últimos anos, a economia brasileira tem passado por fases perfeitamente distintas de aceleração e desaceleração, o que condiciona dividir os anos 70 em, pelo menos dois subperíodos: até e pós 1973. Tal periodização é visivelmente consubstanciada pela taxa de crescimento real da economia, a qual, após atingir uma média de 10,7%, de 1970 a 1973, cai, em 1974, para 9,6% e, em 1975, para 4,0%, atingindo 8,8%, em 1976, e finalmente, em 1977, situando-se em torno de 5,0%.

Dado, sobretudo, sua grande representatividade na economia como um todo, o setor industrial, necessariamente, manteve um comportamento semelhante quando, em média, cresceu 12,8% no primeiro quadriênio, 8,2% em 1974, 4,2% em 1975, 10,9% em 1976 e cerca de 3,0% em 1977. Assim, os primeiros anos da década caracterizam o final de um período de acentuado crescimento econômico, o qual era mantido desde 1967/68, enquanto os últimos mostram nitidamente um comportamento descontínuo e bastante irregular, ao nível das taxas anuais de crescimento.

É necessário lembrar que o princípio da década dos anos 70 foi marcado singularmente por um fenômeno exógeno - crise do petróleo - que, sem dúvida, trouxe impactos negativos à economia dos países não produtores de petróleo, em especial, os de menor desenvolvimento relativo, com influências indesejáveis sobre o Balanço de Pagamentos e com mudanças sobre a ordem monetária internacional. Tal fato, no Brasil é tido como um dos principais empecilhos à manutenção do crescimento acelerado dos anos imediatamente anteriores. Vale notar que, a despeito da generali-



zada recessão internacional, a economia brasileira ainda apresentou, neste período, taxas reais de crescimento positivas e, até mesmo, elevadas se comparadas às do conjunto de países industrializados.

Coincidentemente, o final da fase de excepcional desempenho da economia brasileira (1974) é o ano de início de gestão de um novo governo que, em princípio e considerando as diretrizes gerais de seu plano de ação - II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) - não se preparou adequadamente, no que tange às medidas e instrumentos de política econômica visando contornar os efeitos da crise que já estava configurada, não só a nível externo como, e principalmente, a nível interno (1).

De maneira geral, as alterações ocorreram mais no sentido de "procedimentos" com os quais o governo procurou mudar a orientação básica das atividades econômicas, adotando praticamente os mesmos instrumentos até então existentes, a partir de algumas poucas adaptações com relação à política de prioridades e incentivos. Vale dizer, quer ao nível das intenções, quer no tocante às reorientações das atribuições ministeriais na área econômica e às medidas de política econômica postas em prática desde princípios de 1974, não houve continuidade com respeito à maneira pela qual a política econômica vinha sendo conduzida até então. Tampouco as mudanças propostas pelo projeto eram compatíveis ou apresentavam um necessário grau de aderência ao movimento institucional

---

(1) Veja-se neste sentido o artigo de João Manuel Cardoso de Melo e Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo. "Reflexões sobre a Crise Atual", publicado na Revista Escrita - Ano I, nº 2 de 1977.

da economia no período (2).

Neste contexto, as manifestações em alguns aspectos e setores da economia não foram as previstas, como, em especial, no caso da inflação e comércio exterior. A taxa inflacionária atinge quase 30,0% a.a., em 1974 e 1975, e mais de 40,0% a.a., em 1976 e 1977, enquanto o déficit em Conta Corrente do Balanço de Pagamentos gira em torno de 6 e 7 bilhões de dólares anuais entre 1974 e 1976. Em virtude desses problemas, as Autoridades Governamentais optam por uma desaceleração intencional da economia em prol do controle inflacionário e equilíbrio do setor externo.

Esse descompasso, em função da mudança das diretrizes gerais trazidas pelo II PND, em termos de prioridades e incentivos levou - a nível regional e setorial (notadamente dentro do setor industrial) - a algumas constatações interessantes. Os investimentos pesados deveriam ser realizados em áreas pré-estabelecidas, visando a "construção" de uma nova nação através do que se pode chamar de um verdadeiro reordenamento espacial. Vale lembrar que os Estados do Centro-Sul (em especial, São Paulo e Rio de Janeiro) foram beneficiados quase que exclusivamente com projetos de ur

---

(2) É conveniente lembrar que desde março de 1974, até fins de 1975, todas as medidas e instrumentos de política econômica estavam em perfeita coerência com os objetivos explicitados no II PND - como por exemplo: política de prioridades do CDI; reforço ao BNDE com recursos adicionais do PIS e PASEP e criação de subsidiárias especializadas (IBRASA, EMBRAMEC e FIBASE), com objetivo prioritário de estimular o setor privado nacional produtor de bens de capital e insumos básicos; corte, via diminuição de prazo, para financiamento de consumo; manutenção dos salários reais, etc. - numa demonstração de que as diretrizes do Plano deveriam ser seguidas a qualquer custo.

banização, educação, saúde e transportes urbanos. Por seu turno, os setores tidos anteriormente como de maior dinamismo e, inclusive, como responsáveis pelo crescimento acelerado (sobretudo no caso dos empreendimentos localizados em São Paulo) não foram beneficiados com a nova política governamental. Deve-se atentar para o fato de que os indicadores começam a capotar, pelas decisões individuais ou isoladas de "parar" alguns setores ou ramos menos ou não privilegiados politicamente (como o têxtil, vestuário e calçados, produtos farmacêuticos, etc.) que ademais foram, em fins da década dos anos 60, os ramos que mais investiram no País (3).

Para a análise do desempenho do setor industrial no período mencionado também é conveniente valer-se da caracterização já convencionada, onde o período 1970/73 corresponderia à fase de "sustentação" do crescimento engendrado a partir de 1967. Neste período assiste-se aos efeitos da política expansionista, sobretudo, investimentos governamentais e todo um elenco de resoluções visando ampliar o comércio externo. Conforme observaram Malan e Bonelli (4), entre 1966 e 1971, o estoque de capital industrial crescia a cerca de 8,3% a.a., enquanto o produto da indústria de transformação aumentava à taxa média anual de 14,5% (1967/1972), o que só foi possível graças à existência de capacidade ociosa no início do período. Como pode ser observado através do Quadro II.1,

---

(3) Ver sob este aspecto Suzigan, Wilson e outros. Crescimento Industrial no Brasil - IPEA - Relatório de Pesquisa nº 26.

(4) Malan, Pedro S. e Bonelli, Regis - "Os Limites do possível: notas sobre balanço de pagamentos e indústria nos anos 70" in Revista Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro, agosto de 1976.

no ano de 1973, a indústria de transformação operou, em média, no seu maior nível de utilização de capacidade. Tal fato, por sua vez, implica que, a partir desse nível, os acréscimos nas margens de capacidade e produção só podem ser conseguidos mediante expansão da própria capacidade instalada.

Quadro II.1

Indústria de Transformação - % média de Utilização de Capacidade (5)

Ano	%	Brasil	
		Ano	%
1968	83	1973	90
1969	85	1974	88
1970	86	1975	87
1971	87	1976	89
1972	88		

Fonte: Fundação Getúlio Vargas - Instituto Brasileiro de Economia - Centro de Estudos Industriais

Por outro lado, o ano de 1973, conforme demonstra o Quadro II.2, significou para o setor industrial o registro, em todos os seus sub-setores, de taxas de crescimento elevadas, cuja média foi de 15,0%, constituindo-se em seu ponto de maior expansão no período.

---

(5) Retirado do livro: Brasil: Dilemas da Política Econômica. Coordenador: Dionísio Dias Carneiro. Cap. 5, pag. 114.

## Quadro II.2

Produção Industrial - Crescimento Percentual<sup>(6)</sup>

Brasil

Especificação \ Anos	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Min.não Metálicos	17,0	3,9	13,7	16,6	15,1	9,0
Metalúrgica	5,9	14,9 <sup>(*)</sup>	12,1	6,3	4,3	(**)
Mec.,Mat.Elét.e de Com.	16,6	16,5	18,9	27,8	11,6	8,4
Mat.de Transporte	16,3	17,6	22,5	27,6	19,1	0,5
Papel e Papelão	11,3	6,7	7,0	10,1	3,5	-14,6
Borracha	22,0	15,1	13,0	12,4	10,8	2,7
Quím.,Perf. e Mat.Plást.	17,9	13,4	16,3	22,3	8,5	2,9
Têxtil,Vest.e Calç.	3,8	14,0	4,1	8,4	- 2,9	3,2
P.Alim.,Bebidas e Fumo	8,1	2,3	13,3	9,6	4,4	1,2
Ind.de Transformação	11,0	11,3	13,6	15,8	7,1	3,7
Ind.de Const.Civil	15,2	8,4	13,0	15,4	11,2	3,8
Serv.Inds.de Utilid. Públ.(Energia Elét.)	10,0	11,4	11,1	12,5	12,0	10,2
Indústria Total	11,1	11,3	13,8	15,0	8,2	4,2

(\*) Inclusive Mecânica e Material Elétrico e de Comunicações

(\*\*) Siderurgia: 10,6 e Metais não-ferrosos: - 17,3

Fonte:Fundação Getúlio Vargas

(6) Retirado de Estudos APEC - A Economia Brasileira e suas Perspectivas. Rio de Janeiro, APEC Editora S/A., Ano XVI, agosto de 1977, Anexo 5-B.

De acordo com o quadro apresentado, a base de sustentação do crescimento até 1973/74 foi dada pelo setor de bens de consumo durável representado por Mecânica, Material Elétrico e de Comunicações e Material de Transporte, quando, nesses anos, suas taxas de crescimento de produção industrial foram as maiores. Vale notar que o ramo de Material de Transporte, em 1975, praticamente estacionou, quando sua taxa de crescimento foi de apenas 0,5%, entre as menores de toda a série analisada.

Em contraponto, no subperíodo pós 1973 (notadamente em 1975) assume posição de destaque, juntamente com Mecânica e Material Elétrico e de Comunicações, o ramo de Minerais não Metálicos, os únicos que, no último ano do período, atingem taxas maiores que a apresentada pelo setor industrial total.

Tendo sido caracterizado o chamado corte das atividades produtivas da economia brasileira no período recente, pode-se inferir que os resultados dos últimos anos vêm demonstrar que a estratégia para reduzir a inflação e o déficit no Balanço de Pagamentos prevê desenvolvimento lento. De todos os programas governamentais, praticamente o único que tem sua execução assegurada é o da produção de aço e o setor que mais será afetado é o de Transportes. Na nova estratégia econômica, as metas anteriormente propostas servirão apenas como "indicadores formais", podendo até ficar relegadas a um segundo plano em favor de medidas drásticas visando a redução da taxa inflacionária e o equilíbrio das contas externas.

## C - Comportamento de alguns Gêneros Industriais

### 1 - Minerais não Metálicos

Considerando o período de 1970/74, o gênero de Minerais não Metálicos encontrou condições de desenvolvimento a partir de estímulos governamentais diretos e do ritmo de expansão do mercado, determinado pelo crescimento da indústria de construção civil, via execução de obras públicas e aumento da demanda por habitações. No entanto, em 1974, alteraram-se essas condições (diminuição do ritmo da construção civil, incluindo as obras públicas, por mudança de governo) que vão refletir, em 1975, na redução da utilização da capacidade das empresas desse Ramo.

Esse crescimento da indústria de construção civil incrementou a demanda por materiais de construção, elevando violentamente o preço desses produtos.

Deve-se ressaltar que o principal produto desse Ramo da indústria de transformação é o cimento, cuja produção influencia decisivamente seu desempenho. Esse segmento do gênero industrial de Minerais não Metálicos sofreu uma queda no crescimento de sua produção, a partir de 1974, em virtude da inexistência de planos de expansão dado os baixos níveis de rentabilidade impostos pela atuação do CIP - Conselho Interministerial de Preços. Situação esta, corrigida nos anos seguintes, por alterações nesse órgão e implementação de estímulo às empresas desse setor.

O exame de alguns indicadores econômico-financeiros<sup>(7)</sup> mostra que o endividamento desse Ramo apresentava uma ten

---

(7) Fonte: Quem é quem na Economia Brasileira - Revista Visão - agosto, 1976.

dência crescente no quinquênio analisado (1970/75). O índice de liquidez geral demonstrava decréscimo no período, com recuperação em 1975 e a taxa de retorno apresentava melhoria nos dois últimos anos.

## 2 - Metalúrgico

A indústria metalúrgica vem, ao longo desses 5 anos, expandindo-se a taxas médias elevadas. Até meados de 1974 apresentou procura global e produção sempre crescentes, bem como contínua ampliação da capacidade de produção, sem contudo reduzir o grau médio de utilização dos equipamentos, mantido em torno de 90,0%.

A partir do segundo semestre de 1974, o setor evidenciou enfraquecimento de demanda, decorrente do menor crescimento da economia e das alterações da política econômica.

Convém assinalar que o gênero Metalúrgico é constituído preponderantemente pelo segmento siderúrgico que devido a problemas técnicos e institucionais apresentou baixo desempenho no período.

De acordo com os indicadores já mencionados anteriormente, o grau de endividamento das empresas aumentou e a liquidez diminuiu, a partir de 1971. A taxa de retorno (Lucro Líquido/Patrimônio Líquido) apresentava-se crescente de 1970 a 1974, reduzindo-se no último ano.

## 3 - Mobiliário

O ramo de Mobiliário também tem sua demanda basicamente atrelada ao crescimento da construção civil e à expansão do crédito direto ao consumidor. Além do crescimento do mercado interno nos últimos 10 anos, esse gênero contou com a abertura



de novos mercados no exterior.

O desempenho econômico-financeiro do setor vinha ocorrendo a graus crescentes de endividamento até 1973, quando alcançou o mais alto nível. No ano seguinte verificou-se uma certa recuperação que se manteve em 1975. Seus índices de liquidez geral diminuíram, de ano para ano, a partir de 1971, atingindo o nível mais baixo em 1974. Sua rentabilidade apresentou uma tendência positiva até 1973, quando se estabilizou para posteriormente cair, no final do período.

#### 4 - Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos

Constituindo-se em segmento tradicional da indústria de transformação, esse Ramo, no início da década dos anos 70, voltava-se inteiramente para o mercado interno, sofrendo suas oscilações. Desse modo, em 1971, sua produção decresceu em torno de 5,7%. A partir de 1972 começou a receber fortes estímulos - através da política de incentivos fiscais à exportação - para a entrada no mercado externo, especialmente o sub-ramo de calçados. Desde então o crescimento do Ramo baseou-se nessa política, até 1974, quando ocorreu uma retração, tanto externa quanto interna, que dificultou a atuação do setor nos dois últimos anos do período.

No entanto, a descompressão da política salarial, em 1975/76, e a execução menos severa da política monetária a partir do segundo semestre de 1975 elevaram os níveis de crescimento do setor, principalmente pela reutilização da capacidade, antes ociosa.

Utilizando-se os dados conjunturais disponíveis para esse Ramo pode-se mostrar que seu índice de liquidez geral decresceu nos dois últimos anos do período, bem como sua taxa de retor-

no.

## 5 - Produtos Alimentares

A indústria de Produtos Alimentares tem características distintas de outros gêneros industriais em virtude da diversidade de sub-ramos que abrange. A maioria deles, ligada ao esquema safra-entre-safra, determina grandes variações na produção. Outros sub-ramos, por estarem vinculados ao mercado externo, sujeitam-se à evolução dessa demanda. Tem-se ainda a considerar, num prazo mais longo, o poder aquisitivo dos consumidores internos e o crescimento vegetativo desse mercado, como condicionantes do crescimento dessa indústria.

Desse modo, o desenvolvimento do setor, nos últimos anos, baseou-se, principalmente, na acentuada urbanização ocorrida no período, na expansão de algumas faixas de mercado via aumento do poder aquisitivo, na inovação das técnicas de comercialização e no incremento das exportações.

Quanto ao desempenho econômico-financeiro do Ramo, os dados conjunturais mostram um crescente grau de endividamento a partir de 1971, uma situação de liquidez geral piorando a partir desse ano e uma taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido oscilando ao longo do período e atingindo seu mais alto índice em 1974.

### D - Estrutura Industrial do município de Campinas

O município de Campinas, conforme estudo realizado pelo Centro Técnico Econômico de Assessoria Empresarial - CTAE<sup>(8)</sup> é um

---

(8) Estrutura Industrial do Município de Campinas. CTAE-UNICAMP, 1976.

dos maiores centros industriais do Brasil. Em 1970, de acordo com os dados censitários da FIBGE<sup>(9)</sup>, situou-se como o 8º município do Brasil em termos de contribuição para a formação do Valor da Produção Industrial do País. Constitui-se no pólo da 2a. Região Administrativa mais industrializada do Estado de São Paulo (região de Campinas), que em conjunto com a região da Grande São Paulo representa 81,0% da geração do Valor de Produção Industrial do Estado.

O Quadro II.3 apresenta a contribuição do Município em termos da sua participação, em 1970, tanto no Estado de São Paulo quanto na Região da qual é a sede.

Quadro II.3

Participação do município de Campinas - 1970

(Em percentuais)

Variáveis	No Est. de São Paulo (*)	Na região de Campinas (**)
Nº de Estabelecimentos	1,7	10,7
Pessoal Ocupado	2,0	16,3
Pes. Ocupado na Produção	2,0	15,9
Total Salários Pagos	1,8	19,3
Valor da Transf. Industrial	1,9	17,5
Valor da Prod. Industrial	1,8	17,5

(\*) 571 municípios (inclusive a Capital).

(\*\*) 83 municípios.

Fonte: Censo Industrial do Estado de São Paulo - FIBGE - 1970

O município de Campinas pode ser considerado uma área poli-industrial, com predomínio dos pequenos e médios estabelecimentos, sendo que os de maior tamanho, em termos globais, em 1973, absorviam

(9) Censos Industriais do Estado de São Paulo e do Brasil - FIBGE, 1970.

mais da metade da mão-de-obra ocupada (54,4%), pois apresentam um porte médio substancialmente elevado. As indústrias com mais de 500 empregados chegaram a atingir em Campinas, nesse mesmo ano, a média de 1 853 empregados, enquanto que no Estado de São Paulo e Brasil, em 1970, a média correspondeu a 1 055 e 992, respectivamente.

Nos anos recentes, a estrutura industrial do Município tem sofrido rápidas e significativas modificações: os ramos tradicionais vêm perdendo sua importância em relação aos ramos mais dinâmicos e de tecnologia mais moderna. A partir de 1960, e principalmente no período de 1970/75, ocorreu um crescimento do número de estabelecimentos que se instalaram em Campinas (do total de indústrias existentes no Município, em 1974, 35,0% foram fundadas na década dos anos 60 e 45,0% no período de 1970/75), certamente resultante do processo de desconcentração industrial do maior centro urbano do País: a Grande São Paulo.

A maioria dos estabelecimentos industriais do Município produz bens de consumo final - essencialmente os de pequeno e médio porte - e, portanto, estão voltados, principalmente, para o mercado de Campinas e municípios vizinhos inclusive a Capital do Estado. Também a maior parcela dos ramos produtores de bens intermediários atende predominantemente ao mercado local. No entanto, nos que produzem bens de capital (Mecânica, parcela de Material de Transporte e de Material Elétrico e de Comunicações), a estrutura industrial é caracterizada por um alto grau de monopólio, dada a existência de elevado número de pequenas unidades industriais em conjunto com poucos grandes estabelecimentos, estes últimos que atendem fundamentalmente a mercados fora do Município. Esse grupo de ramos, de tamanho característico grande, com maior

grau de concentração e maior dinamismo compõe um aspecto peculiar do parque industrial de Campinas. Por outro lado, outro conjunto de ramos com significativas diferenciações do já especificado, completa a visão global do setor secundário local. São eles: Minerais não Metálicos, Madeira, Mobiliário, Vestuário e Calçados e Editorial e Gráfica.

Um dos fatores explicativos da maior significação de determinados ramos em confronto com outros, refere-se ao fato de que algumas indústrias locais constituem-se em estabelecimentos de empresas de grande porte em termos de mercado nacional. Por exemplo: Singer do Brasil Indústria e Comércio Ltda., Bendix do Brasil Equipamentos para Auto-Veículos Ltda., General Elétric do Brasil S/A., Robert Bosch do Brasil Ltda., Pirelli S/A Cia. Industrial Brasileira, etc.

A região de Campinas, e em especial o município de Campinas, tem contado com fatores que certamente proporcionaram atrativos locacionais para a instalação de indústrias, como: a disponibilidade de áreas, melhores condições gerais de vida, a existência de um mercado relativamente desenvolvido e de infra-estrutura básica e de oferta de serviços de utilidade pública aliados à facilidade de transporte de matérias-primas e de escoamento da produção, dada a localização estratégica existente em função dos eixos aêro-rodoviários disponíveis.

Assim sendo, o município de Campinas constitui-se numa área que apresenta condições infra-estruturais capazes de estimular um processo de crescimento auto-sustentado e, ademais, conta com fatores favoráveis para uma atuação de receptora de atividades industriais deslocadas pelo estrangulamento da região da Grande São Paulo, constituindo-se, portanto, num de seus mais naturais prolongamentos.



Capítulo III  
Análise Econômico-Financeira  
das Empresas Industriais de  
Campinas





## Capítulo III

### Análise Econômico-Financeira das Empresas Industriais de Campinas

#### A - Introdução

A análise econômico-financeira realizada neste capítulo tem por objeto de estudo o total da amostra selecionada para o setor industrial do município de Campinas referente ao período de 1973 a 1975.

Dadas as características de seleção e representatividade, já explicitadas em capítulo anterior, analisa-se essa amostra como indicadora do desempenho do setor secundário local, naqueles anos.

Primordialmente pretende-se, a partir dessa globalização, detectar peculiaridades de cada porte e ramo e estabelecer comparações entre os resultados encontrados, utilizando como ponto de partida o comportamento médio estabelecido para o conjunto dos gêneros industriais aqui estudados. Esse conjunto compõe-se de 15 ramos, totalizando 383 empresas distribuídas, em termos de porte, nos seguintes percentuais: 86,4% de pequenas, 11,0% de médias e 2,6% de grandes empresas.

#### B - Desempenho

A amostra das empresas industriais de Campinas apresentou, nos três estratos de tamanho, crescimento do Faturamento, ao longo do período analisado. Deve-se destacar neste sentido as empresas de médio porte que evidenciaram um comportamento diferenciado dos demais, incrementando suas vendas, em 1975, em maiores per-

centuais que no ano anterior.

Relativamente à composição do Faturamento total torna-se importante enfatizar a elevada participação das grandes empresas que atingiu mais de 50,0% desse valor nos três anos estudados.

Essas afirmações podem ser confirmadas nos dados constantes dos Quadros III.1 e III.2.

Quadro III.1

Evolução do Faturamento anual por Porte

- Total da Amostra -

(Índice base móvel)

Estratos	Anos		
	1973	1974	1975
Pequenas	100	124	102
Médias	100	115	121
Grandes	100	122	106
Total	100	120	109

Quadro III.2

Participação no Faturamento anual por Porte

- Total da Amostra -

(Em percentuais)

Estratos	Anos		
	1973	1974	1975
Pequenas	17,7	18,2	17,0
Médias	28,2	27,0	29,8
Grandes	54,1	54,8	53,2
Total	100,0	100,0	100,0

Considerando-se os ramos que compõem a amostra pode-se constatar, através da Tabela I do Anexo Estatístico, o desempe-

no bastante irregular dos gêneros industriais selecionados.

De modo geral, o ano de 1974 mostrou o maior crescimento real das vendas, tomando-se 1973 como base. Em 1975 esse crescimento assumiu menores proporções.

Deve-se destacar o comportamento do Faturamento do ramo de Material Elétrico e de Comunicações que tendo obtido, em 1974, o maior incremento, 115,6%, entre os 15 gêneros estudados, apresentou, por outro lado, a maior queda, 27,0%, em 1975.

Apenas os ramos de Mecânica, Produtos de Matérias Plásticas e Vestuário e Calçados apresentaram um incremento em percentuais crescentes nos três anos. Este fato é significativo na medida em que o ramo de Mecânica atingiu cerca de 20,0% do Faturamento total da amostra em todo o período 1973/75, conforme evidencia a Tabela II do Anexo Estatístico. Somando-se a esse Ramo, o de Química, a participação no total das vendas alcançou mais de 40,0% no mesmo período.

No que diz respeito à evolução do Ativo Real e à participação dos estratos de tamanho na sua formação, os Quadros III.3 e III.4 demonstram um comportamento bastante semelhante ao descrito com relação ao Faturamento. Isto vale dizer que o destaque manteve-se com as médias empresas em termos de incremento real do Ativo em percentuais crescentes ao longo do período e que a participação preponderante na formação do valor total do Ativo Real coube ainda às grandes empresas, neste caso, com percentuais bem próximos dos 60,0%, em cada ano do período.

Quadro III.3

Evolução do Ativo Real por Porte

- Total da Amostra -

(Índice base móvel)

Estratos \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	100	118	113
Médias	100	114	123
Grandes	100	117	108
Total	100	116	112

Quadro III.4

Participação no Ativo Real por Porte

- Total da Amostra -

(Em percentuais)

Estratos \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	15,7	15,9	16,0
Médias	26,0	25,5	27,8
Grandes	58,3	58,6	56,2
Total	100,0	100,0	100,0

Da mesma forma, em relação à evolução do Ativo Real por ramo, o maior crescimento foi verificado em 1974 (16,0%), seguido, em 1975, por incremento menor (12,0%), como pode ser visto na Tabela III do Anexo Estatístico.

O ramo de Material Elétrico e de Comunicações também evidenciou, neste aspecto, desempenho semelhante ao ocorrido em relação ao Faturamento.

Novamente os ramos de Mecânica e Química representaram em conjunto mais de 42,0%, nos três anos, do total do Ativo Real

da amostra. No entanto, o primeiro desses ramos apresentou queda de participação, principalmente em 1974. (Tabela IV do Anexo Estatístico).

A evolução do Patrimônio Líquido das empresas componentes da amostra ocorreu de maneira diferenciada para cada estrato de tamanho. Assim, as grandes empresas, que induziram o comportamento do total da amostra, tiveram seu capital próprio reduzido, em 12,0%, em 1974, e aumentado em 35,0%, em 1975. Já, as pequenas e médias empresas alcançaram incremento de seu Patrimônio Líquido nos dois anos (1974 e 1975), embora o maior índice de crescimento tenha se dado em anos diferentes.

Quanto à formação do Patrimônio Líquido total, foram as grandes empresas as que mais contribuíram, em 1973 (60,6%), embora essa participação tenha decrescido nos anos finais do período, notadamente em 1974.

Os Quadros III.5 e III.6 mostram os dados aqui comentados.

Quadro III.5

Evolução do Patrimônio Líquido por Porte

- Total da Amostra -

(Índice base móvel)

Estratos	Anos	1973	1974	1975
	Pequenas		100	122
Médias		100	111	124
Grandes		100	088	135
Total		100	099	127

Quadro III.6

Participação no Patrimônio Líquido por Porte  
- Total da Amostra -

(Em percentuais)

Estratos	Anos	1973	1974	1975
	Pequenas		14,6	18,1
Médias		24,8	27,9	27,2
Grandes		60,6	54,0	57,3
Total		100,0	100,0	100,0

O exame da evolução do Patrimônio Líquido por gênero industrial demonstra que, de modo geral, houve crescimento desse valor, nos dois últimos anos do período. No entanto, em 1974, em função da acentuada queda ocorrida no capital próprio do ramo de Química (67,0%), o valor total da amostra sofreu uma redução de 1,0%, conforme a Tabela V do Anexo Estatístico.

Assim sendo, o ramo de Química que, em conjunto com o de Mecânica, detinha, em 1973, 40,1% de participação no capital próprio do total da amostra, nos dois anos subsequentes, cedeu sua posição (2º lugar) para o gênero de Produtos Farmacêuticos que passou a totalizar com o primeiro (Mecânica), 42,4%, em 1974 e 44,0%, em 1975. (Tabela VI do Anexo Estatístico).

O estudo da evolução do Lucro Líquido (D.I.R.) mostra um comportamento totalmente diferenciado para cada estrato de tamanho. Enquanto os pequenos estabelecimentos apresentavam incremento real nesse valor (29,0%), em 1974, e redução, em 1975, sem no entanto baixá-lo a nível inferior ao alcançado em 1973, as médias empresas tinham seu Lucro Líquido decrescente ao longo do período e as grandes evidenciavam crescimento apenas em 1975 (113,0%

em relação a 1974), ultrapassando, inclusive, o valor alcançado em 1973.

No que concerne à contribuição por estrato de tamanho para a formação do Lucro Líquido (D.I.R.) total observa-se, para os três anos, que a participação é diretamente proporcional ao porte das empresas. A menor defasagem existente entre esses percentuais é encontrada no ano de 1974, quando se reduziu bastante o valor do lucro das grandes empresas (41,0%), aproximando-se do percentual dos demais estratos de tamanho. Apesar disso, as empresas de grande porte, no final do período, aumentaram sua participação relativa em função do acentuado acréscimo alcançado naquele valor.

Essas assertivas podem ser visualizadas através dos Quadros III.7 e III.8.

Quadro III.7

Evolução do Lucro Líquido (D.I.R.) anual por Porte  
- Total da Amostra -

(Índice base móvel)

Estratos	Anos		
	1973	1974	1975
Pequenas	100	129	082
Médias	100	095	098
Grandes	100	059	213
Total	100	080	142

Quadro III.8

Participação no Lucro Líquido (D.I.R.) anual por Porte  
- Total da Amostra -

(Em percentuais)

Estratos \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	15,5	25,0	14,5
Médias	28,2	33,5	23,2
Grandes	56,3	41,5	62,3
Total	100,0	100,0	100,0

A maioria dos ramos estudados apresentou queda nos valores reais do Lucro Líquido (D.I.R.), tanto em 1974 (8 ramos), como em 1975 (10 ramos). Este comportamento determinou, no segundo ano do período analisado, a redução do Lucro Líquido, em 20,0%. No entanto, em 1975, a recuperação, - notadamente dos ramos de Produtos Farmacêuticos, de Mecânica e Metalúrgico - que atingiu valores superiores aos alcançados em 1973, elevou o valor do Lucro Líquido total da amostra em 13,0% relativamente ao primeiro ano do período. A Tabela VII do Anexo Estatístico indica estas inter-relações.

Destaque deve ser dado à elevada participação do ramo de Mecânica no Lucro Líquido total, que chegou a atingir em 1975, 51,5%, secundado pelo de Produtos Alimentares (em 1973 e 1974) e pelo Metalúrgico (em 1975), conforme pode ser visto na Tabela VIII do Anexo Estatístico.

C - Estrutura de Capital

A análise da estrutura de capital das empresas indus-



triais de Campinas procurou - através da estruturação dos dados do Balanço Patrimonial efetuada no sentido de se obter a participação de cada item, tanto de Ativo como de Passivo, no total do Ativo Real, - distinguir e detectar as características de cada porte e gênero industrial.

O exame do Quadro III.9 mostra que a participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real das pequenas e médias empresas industriais componentes da amostra foi bastante semelhante, oscilando do pouco, nos três anos, em torno de uma média de 46,6%. Já, as de grande porte, embora tenham apresentado, em 1973, a maior participação (51,3%), sofreram, no ano seguinte, acentuada redução nesse percentual que atingiu 38,7% - o menor, nos três estratos, no período considerado.

Uma vez que o Capital de Giro Próprio constitui-se na diferença entre Patrimônio Líquido e Imobilizado verificou-se que a aplicação dos recursos próprios em imobilizações e ou giro teve um comportamento diferenciado para cada estrato de tamanho.

As empresas de pequeno porte, em função do maior peso das imobilizações no total do Ativo Real apresentaram, em média, no período, 21,8% de seu Patrimônio Líquido destinado ao giro enquanto as médias empresas utilizaram 27,6% para essas aplicações.

Nas grandes empresas essa composição do capital próprio variou sensivelmente de ano para ano, atingindo o capital próprio em giro, 35,1%, 24,6% e 40,5%, em 1973, 1974 e 1975, respectivamente, em decorrência da acentuada queda do Patrimônio Líquido no segundo ano do período, conforme anteriormente comentado.

Deve-se ainda ressaltar, com relação ao total dos recursos destinados ao giro nas empresas pesquisadas, a participação das disponibilidades no Ativo Corrente das pequenas empresas em





## D - Análise Econômica

### 1 - Produtividade

Os Índices de produtividade do Ativo Real das pequenas e médias empresas superaram os das grandes, nos três anos pesquisados. Embora o comportamento desse índice, nos três estratos, tenha sido semelhante - isto é, incremento, em 1974, e queda, em 1975, - destaca-se para as empresas de pequeno porte, as maiores variações.

Quanto à produtividade do Imobilizado pode-se verificar, pelo Quadro III.10, o comportamento diferenciado de cada porte, salientando-se, no último ano, o resultado apresentado pelas pequenas empresas, que decresce 13,0% em relação a 1974, enquanto os demais estratos mantiveram ou melhoraram esse índice.

A relação Faturamento/Patrimônio Líquido indica uma evolução da produtividade do capital próprio bastante semelhante, nos três portes, com incremento, em 1974, e queda, em 1975. No entanto, as variações desse índice ocorreram em diferentes proporções, sendo mais acentuadas nas empresas de grande porte.

A produtividade por operário mostra os maiores valores alcançados pelas grandes empresas em contraste com os resultados das pequenas que, inclusive, decresceram nos dois anos estudados.

A comparação dos índices de produtividade do Ativo Real dos quinze ramos selecionados destaca as pequenas empresas dos ramos de Produtos Farmacêuticos, Material de Transporte e Produtos Alimentares por apresentarem os mais altos coeficientes de 1973 a 1975.

Quadro III.10

Índices de Produtividade por Porte  
- Total da Amostra -

Índices	Fat. / At. Real (Em unidades)			Fat. / Imob. (Em unidades)			Fat. / Patr. L.Íq. (Em unidades)			Fat. / Pes. Prod. (Em cruzeiros)	
	Anos										
	73	74	75	73	74	75	73	74	75	1974	1975
Estratos	1,55	1,63	1,47	4,16	4,55	4,01	3,36	3,41	3,19	112 140	105 081
Pequenas	1,49	1,50	1,48	4,46	4,33	4,50	3,16	3,27	3,19	182 678	202 525
Médias	1,28	1,33	1,31	3,84	4,55	4,54	2,49	3,43	2,70	314 206	325 446
Grandes	1,37	1,42	1,38	4,05	4,49	4,43	2,79	3,38	2,91	206 443	211 714
Total											

As pequenas empresas dos ramos de Material de Transporte, Vestuário e Calçados e Madeira assim como as pequenas e médias dos gêneros de Produtos Alimentares e Mobiliário evidenciaram a maior produtividade do Imobilizado, no período.

Deve-se ressaltar que os índices discrepantes encontrados para as pequenas empresas do ramo de Produtos Farmacêuticos refletem os reduzidos valores imobilizados por essas empresas.

A produtividade do Patrimônio Líquido mostra, como destaque, com os mais altos índices, as grandes empresas dos ramos Químico e de Material Elétrico e de Comunicações, as médias do gênero de Madeira e as pequenas do ramo de Produtos Farmacêuticos.

Em termos de produtividade por operário, os maiores valores, nos dois anos, foram alcançados pelas grandes empresas dos ramos Químico e de Produtos Farmacêuticos e pelas médias do ramo de Produtos de Matérias Plásticas. Em contrapartida, as pequenas empresas do gênero de Material de Transporte e Mobiliário e as médias do ramo de Vestuário e Calçados apresentaram os mais baixos resultados.

Torna-se importante salientar, ainda em relação à produtividade por operário, que as pequenas empresas, em onze dos quinze ramos examinados, tiveram redução nesse índice, em 1975.

A Tabela XIII do Anexo Estatístico mostra os dados relativos aos índices de produtividade por ramo e porte.

## 2 - Rentabilidade

As taxas de rentabilidade (do Ativo Real e Patrimônio Líquido) comportaram-se de modo diferenciado para cada porte de empresa constante da amostra. Enquanto os pequenos estabele-

cimentos apresentavam crescimento desses índices, em 1974, e que da, em 1975, as médias empresas reduziam suas taxas de ano para ano. Já, as grandes evidenciavam decréscimo acentuado no segundo ano da análise e recuperação no fim do período.

Quanto à relação Lucro Líquido/Pessoal na Produção, o Quadro III.11 aponta os resultados superiores alcançados pelas grandes empresas, nos dois anos, sendo que, em 1975, esse valor ultrapassou em quatro vezes o valor das pequenas empresas e duas vezes o das médias

Dentre os ramos que compõem a amostra destaca-se o de Material de Transporte com os maiores índices de rentabilidade (do Ativo Real e Patrimônio Líquido), nos dois primeiros anos do período. Em 1975, foi o gênero de Mecânica que contou com as mais altas taxas.

No outro extremo encontram-se as grandes empresas dos ramos de Química e de Produtos Farmacêuticos com as menores taxas médias de rentabilidade no período, além das pequenas desse último ramo e das grandes do gênero de Material Elétrico e de Comunicações que apresentaram prejuízo, em 1974 e 1975, respectivamente.

Considerando-se o Lucro Líquido obtido por operário, o destaque em termos de maiores valores deve ser dado, em 1974, às empresas de médio porte dos ramos de Química e de Produtos de Matérias Plásticas e, em 1975, às grandes empresas dos gêneros de Produtos Farmacêuticos e de Mecânica. Por outro lado, retirando-se as empresas que apresentaram prejuízo naqueles anos, os menores valores referem-se às médias empresas dos ramos de Vestuário e Calçados e de Bebidas, em 1974 e 1975, respectivamente.

Quadro III.11

Índices de Rentabilidade por Porte  
- Total da Amostra -

Índices Anos	L.LÍq. (D. I. R.) / At. Real (Em percentuais)			L.LÍq. (D. I. R.) / Patr. LÍq. (Em percentuais)			L.LÍq. (D. I. R.) / Pes. Prod. (Em cruzeiros)	
	73	74	75	73	74	75	1974	1975
Pequenas	8,2	9,0	6,5	17,8	18,8	14,2	6 185	4 676
Médias	9,0	7,5	6,0	19,1	16,3	12,9	9 069	8 153
Grandes	8,0	4,0	7,9	15,6	10,4	16,4	9 520	19 769
Total	8,3	5,7	7,2	16,8	13,5	15,1	8 266	10 982



De modo geral, os ramos industriais estudados reduziram seus Índices de produtividade por operário, em 1975, notadamente nas pequenas empresas, das quais, constituíram exceção apenas as de quatro ramos (Madeira, Mobiliário, Química e Produtos Farmacêuticos).

As taxas de rentabilidade comentadas podem ser visualizadas na Tabela XIV e Gráfico V do Anexo Estatístico.

## E - Análise Financeira

### 1 - Liquidez Geral

Partindo-se da situação de solvência constatou-se, para as médias e grandes empresas da amostra, uma queda do Índice de liquidez geral, em 1974, seguida de incremento que praticamente atingiu os níveis iniciais do período.

No entanto, os pequenos estabelecimentos apresentaram, ao inverso daqueles estratos de tamanho, crescimento desse cociente, em 1974, e redução, no ano seguinte. (Quadro III.12)

Quadro III.12

### Índice de Liquidez Geral por Porte

- Total da Amostra -

(Em unidades)				
Estratos	Anos	1973	1974	1975
	Pequenas		1,16	1,23
Médias		1,26	1,21	1,25
Grandes		1,37	1,15	1,38
Total		1,30	1,18	1,31

Deve-se lembrar que a evolução dos índices de liquidez está em função da maior ou menor participação do capital próprio em giro, anteriormente comentada no item relativo à análise da estrutura de capital dessas empresas.

Quanto à situação de liquidez geral pode-se observar que a posição relativa dos ramos oscila bastante no período. Neste sentido, destacaram-se com as mais altas taxas médias do período, as pequenas empresas do ramo de Produtos Farmacêuticos, as médias do gênero de Minerais não Metálicos e as grandes de Produtos Alimentares.

Os gêneros de Minerais não Metálicos e de Material de Transporte mantiveram uma tendência de crescimento em todos os estratos que os compõem. Da mesma forma isto ocorreu nos ramos Metalúrgico (com exceção das pequenas empresas) e Químico (com exceção das grandes empresas).

Em vários ramos da amostra foram constatados problemas de liquidez no período. No entanto, apenas as médias empresas no gênero de Madeira e as pequenas no ramo Editorial e Gráfico apresentaram índices abaixo de 1 (um) nos três anos consecutivos, sendo mais crítica a situação destas últimas empresas por demonstrarem uma tendência decrescente deste índice, ao longo do período.

## 2 - Liquidez Corrente

De modo geral, conforme pode ser visto no Quadro III.13, os índices de liquidez de curto prazo das indústrias componentes da amostra apresentaram uma tendência crescente ao longo dos três anos, com apenas uma exceção, as empresas de grande porte, em 1974. Este fato pode ser explicado pela acentuada que-

da do Patrimônio Líquido dessas empresas, ocorrida naquele ano, o que reduziu sensivelmente seu capital próprio em giro. O crescimento posterior desse índice, que alcançou nível superior ao inicial, foi possibilitado pela recuperação do capital de giro próprio aliada à crescente utilização de recursos de longo prazo.

Quadro III,13

Índice de Liquidez Corrente por Porte  
- Total da Amostra -

(Em unidades)

Anos	1973	1974	1975
Estratos			
Pequenas	1,33	1,38	1,41
Médias	1,54	1,74	1,81
Grandes	1,60	1,54	1,93
Total	1,54	1,55	1,80

Na maioria dos ramos pesquisados constatou-se uma tendência de crescimento dos índices de liquidez corrente, no período.

Deste modo, destacaram-se as empresas do ramo de Minerais não Metálicos e as médias do gênero de Produtos Farmacêuticos entre os maiores índices. Pode-se ainda citar os pequenos estabelecimentos desse último gênero e as grandes empresas do ramo de Produtos Alimentares embora com tendência diferenciada.

Com resultados inferiores à unidade situaram-se as pequenas empresas dos ramos de Produtos de Matérias Plásticas e de Bebidas e as de grande porte do gênero de Material Elétrico e de Comunicações, sendo mais crítica a situação destas últimas, por apresentarem tendência de redução desses índices ao longo dos três anos.

Os dados referentes à situação de liquidez geral e corrente encontram-se também na Tabela XV e Gráficos VI e VII do Anexo Estatístico.

#### F - Conclusões

As medidas governamentais visando a desaceleração do crescimento da economia refletiram-se na queda das taxas do setor industrial de Campinas, embora estas últimas tenham se situado bem acima das apresentadas pelo setor a nível nacional.

As taxas de crescimento alcançadas pelo setor secundário do Município, 20,0% em 1974 e 9,0% em 1975, em confronto com 8,2% e 4,2%, obtidas pelo setor industrial brasileiro, nos mesmos anos, demonstram um ritmo de crescimento próprio do município de Campinas que tem se destacado pelos aspectos favoráveis de infra-estrutura urbana e principalmente graças à localização privilegiada em relação ao mercado consumidor.

Apesar da existência de problemas conjunturais afetando o setor, no período analisado, delineiam-se aspectos indicativos de modificações na estrutura industrial local, uma vez que gêneros tradicionais como Produtos Alimentares e Mobiliário perderam participação no Faturamento total para outros mais dinâmicos, como Material Elétrico e de Comunicações e Produtos de Matérias Plásticas. Além do mais, os dois ramos que detinham a liderança nos três anos pesquisados, Mecânico e Químico, - também considerados dinâmicos - aumentaram sua participação de 42,0%, em 1973, para 43,8%, em 1975.

Deve-se ainda atentar para o fato de que, em 1973 e 1974, o gênero Mecânico alcançou a maior participação no total do

Lucro Líquido gerado, seguido pelo de Produtos Alimentares. No entanto, em 1975, o ramo Metalúrgico superou este último, passando para o segundo lugar, e conseguindo, juntamente com o Mecânico, lucros correspondentes a cerca de 60,0% do total do setor.

Com relação à rentabilidade do Patrimônio Líquido, o total da amostra, em Campinas, evidenciou, em 1975, resultado superior, em 11,8%, ao do ano anterior, calcado, no entanto, somente nos índices das grandes empresas, que mostraram incremento de 57,7%. Em confronto com as "Maiores empresas industriais brasileiras", - escolhidas pela Revista Visão<sup>(1)</sup> - que apresentaram uma queda nesse índice de 10,0%, pode-se reafirmar o desempenho positivo desse porte no Município.

Da mesma forma, a comparação da situação de liquidez corrente das grandes empresas locais com as maiores do País, no período 1974/75, destaca, com incremento de 27,0%, as instaladas em Campinas, uma vez que as arroladas em "Quem é Quem na Economia Brasileira"<sup>(2)</sup> evidenciaram queda desse cociente, em 6,0%.

O índice de endividamento, entendido pelo resultado da relação Exigível/Total dos recursos aplicados, vem confirmar as inferências realizadas sobre o comportamento das empresas de grande porte do Município visto que reduziram esse nível de 61,0% para 52,0%, de 1974 para 1975, enquanto as "Maiores do Brasil"<sup>(3)</sup> no mesmo período, apresentaram crescimento do percentual de endividamento, de 53,0% para 55,0%.

---

(1) (2) (3) - As maiores empresas industriais do Brasil apresentadas pela Revista Visão em Quem é Quem na Economia Brasileira, agosto, 1977.

Cabe finalmente ressaltar que a nível global, um período de três anos é insuficiente para destacar tendências setoriais bem definidas, em especial no caso do Brasil ( e a oscilação dos dados da amostra assim o demonstra), em que o crescimento do setor industrial tem apresentado alternância entre aceleração e desaceleração nos últimos anos, refletindo as flutuações da economia mundial e de uma política econômica do tipo "stop and go", fatos estes já comentados no capítulo anterior.

Capítulo IV

Análise Econômico-Financeira do  
ramo de Minerais não Metálicos





## Capítulo IV

### Análise Econômico-Financeira do Ramo de Minerais não Metálicos

#### A - Introdução

O ramo de Minerais não Metálicos tem cerca de 60,0% das pequenas e médias empresas da amostra voltadas para a produção de telhas e tijolos, e as demais para produtos diversos, sempre destinados à construção civil (artefatos de cimento, marmoraria, vidros, etc.) A maior faixa de mercado consumidor destes produtos (76,7%) localiza-se em Campinas, 11,2% em outras cidades do interior do Estado de São Paulo, 10,0% na Capital do Estado e 2,1% em outros Estados.

Esse Ramo não conta, na amostra analisada, com empresas de grande porte, sendo que as pequenas respondem por 98,0% do número de estabelecimentos e as médias pelos 2,0% restantes.

Estas empresas alcançaram Faturamento que representou 3,4%, 3,6% e 3,3%, respectivamente em 1973, 1974 e 1975, do total das vendas das empresas componentes da amostra.

Quanto à participação do Ativo Real do Ramo no total da amostra, os dados se apresentaram mais elevados que os do Faturamento, correspondendo a 4,7%, em 1973, e permanecendo em 3,8% nos dois últimos anos do período.

Por outro lado, o Lucro Líquido do ramo de Minerais não Metálicos correspondeu a 4,3%, 6,8% e 3,7%, respectivamente, em 1973, 1974 e 1975, em relação ao total da amostra.

Em termos da contribuição dos estratos de tamanho para o Faturamento total do Ramo, o Quadro IV.1 evidencia a tendência de queda da participação relativa das pequenas empresas, ao longo

do período.

Quadro IV.1

Participação dos estratos de tamanho no Faturamento total do ramo de Minerais não Metálicos

(Em percentuais)

Porte \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	81,3	80,6	76,9
Médias	18,7	19,4	23,1
Total	100,0	100,0	100,0

As empresas de pequeno porte embora apresentassem, em 1974, incremento de participação no Ativo Real total do Ramo, tiveram, no último ano estudado, redução nesse coeficiente que atingiu nível inferior ao inicial, conforme dados do Quadro IV.2.

Quadro IV.2

Participação dos estratos de tamanho no Ativo Real do ramo de Minerais não Metálicos

(Em percentuais)

Porte \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	69,8	74,3	69,0
Médias	30,2	25,7	31,0
Total	100,0	100,0	100,0

A mencionada queda da participação das médias no Ativo Real total do Ramo, no exercício de 1974, deveu-se ao fato destas empresas contarem com altas imobilizações em jazidas. Como o incremento de suas vendas foi bastante acentuado, nesse ano, o que poderá ser visto no Quadro IV.3, provocou baixa de Imobilizado,

referente à exaustão de jazidas, e conseqüente redução do Ativo Real.

B - Desempenho

O ramo de Minerais não Metálicos apresentou crescimento das vendas no período de 1973 a 1974, em todos os extratos constantes do Quadro IV.3, liderados pelas médias empresas do Ramo.

Já, no segundo momento da análise (1974/1975), surgem comportamentos diferenciados. O total do Ramo evidenciou decréscimo no valor do Faturamento anual (corrigido a preços de 1975), motivado pelas empresas de pequeno porte que apresentaram queda de 7,0%. Os demais extratos examinados demonstraram incremento das vendas nesta segunda etapa analisada, embora menor que o do período anterior, com exceção das empresas selecionadas como "Melhores e Maiores".

Quadro IV.3

Evolução do Faturamento anual

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Min.ñ.Metál.		27,9	(2,4)
Pequenas " " "		26,9	(7,0)
Médias " " "		32,4	16,7
Total da Amostra		20,2	9,3
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metál.)		-	35,5
Melhores e Maiores (ramo Min.ñ.Metál.)		16,5	21,7

Com relação a evolução dos valores do Ativo Real - Quadro IV.4 - o Ramo teve, no primeiro momento, comportamento inver

so ao do total da amostra, em decorrência do desempenho das médias empresas.

No segundo momento de análise (1974 a 1975) o Ramo como um todo apresentou incremento nesses valores, destacando-se o percentual alcançado pelas médias empresas que atingiu 33,1%.

Quadro IV.4

Evolução do Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Min.ñ.Metāl.		(4,8)	10,3
Pequenas " " "		1,3	2,4
Médias " " "		(18,9)	33,1
Total da Amostra		16,3	12,3
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metāl.)		-	32,0

O Patrimônio Líquido do ramo Minerai s não Metálicos apresentou evolução bastante diferenciada daquela verificada para o Faturamento, em função da característica especial desse gênero industrial, - depreciação rápida das imobilizações em jazidas -, conforme referência anterior. Desse modo, o incremento das vendas das empresas de porte médio, em 1974, causou impacto no comportamento do Patrimônio Líquido, levando-o, naquele ano a um decréscimo (-19,5%), - o maior observado entre os extratos estudados no Quadro IV.5.

## Quadro IV.5

## Evolução do Patrimônio Líquido

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Min. ñ.Metāl.		(3,8)	14,4
Pequenas " " "		5,5	5,1
Médias " " "		(19,5)	35,2
Total da Amostra		(1,0)	26,9
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metāl.)		-	36,7

## C - Estrutura de Capital

A peculiaridade do ramo de Minerais não Metálicos, já examinada anteriormente, torna-se bem clara no exame de sua estrutura de capital apresentada pelo Quadro IV.6. Pode-se observar, para o total do Ramo, que a participação do Imobilizado no Ativo Real decresceu, ao longo do período, em função do comportamento dos percentuais evidenciados pelas médias empresas, cuja queda atingiu cerca de 50,0%, em 1974, para praticamente estabilizar-se, em 1975.

Deve-se destacar, ainda em relação as médias empresas, os altos percentuais de participação dos valores disponíveis no Ativo Real, crescentes no período, e atingindo a média de participação mais alta (24,0%) de toda a amostra das empresas industriais de Campinas analisada.

Estrutura de Capital do ramo de Mineraiis não Metálicos

(Em percentuais)	Porte Anos	TOTAL					PEQUENAS					MÉDIAS						
		Anos					Anos					Anos						
		1973	1974	1975	1973	1974	1975	1973	1974	1975	1973	1974	1975	1973	1974	1975		
Contas	11,0	15,9	14,5	8,7	11,8	7,9	16,3	27,9	29,1	30,5	34,2	36,0	31,6	33,5	35,7	28,1	36,1	36,5
Disponível	41,5	50,1	50,5	40,3	45,3	43,6	44,4	64,0	65,6	3,9	4,4	4,2	3,2	2,1	2,0	5,5	11,0	9,2
Real.Longo Prazo	45,4	54,5	54,7	43,5	47,4	45,6	49,9	75,0	74,8	54,6	54,5	45,3	56,5	52,6	54,4	50,1	25,0	25,2
ATIVO CIRCULANTE	54,6	45,5	45,3	56,5	52,6	54,4	50,1	25,0	25,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Imobilizado	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
TOTAL ATIVO REAL	18,3	21,5	18,2	23,8	26,3	23,2	5,7	7,4	6,9	6,4	2,4	2,9	8,3	3,0	4,2	1,9	0,9	-
Exig.Curto Prazo	24,7	23,9	21,1	32,1	29,3	27,4	7,6	8,3	6,9	75,3	76,1	78,9	67,9	70,7	72,6	92,4	91,7	93,1
Exig.Longo Prazo	75,3	76,1	78,9	67,9	70,7	72,6	92,4	91,7	93,1	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
PASSIVO CIRCULANTE	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Patrimônio Líquido	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
TOTAL PASSIVO	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

A participação do capital próprio no total dos recursos investidos no Ramo foi a maior, - entre todos os gêneros que compõem a amostra - ao longo dos três anos estudados, tendo, alcançado cerca de 80,0%, em 1975.

Comparando-se os percentuais do Ramo com os do total da amostra (Quadro IV.7) verifica-se, ao final do período (1973/75), resultados diferentes. Enquanto as pequenas empresas evidenciaram tendência de crescimento desses percentuais, em todo o período, as médias empresas assim como as do total da amostra demonstraram queda em 1974 e posterior incremento, sem que nestas últimas fosse atingido o nível inicial.

As taxas crescentes de participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real, do total do Ramo, aliadas a coeficientes decrescentes de imobilização, determinaram aumento no montante do Capital de Giro Próprio e melhoria na situação de liquidez das empresas, fato que será examinado adiante.

Quadro IV.7

Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real

(Em percentuais)

	Anos	1973	1974	1975
Extratos				
Total do ramo Min.ñ.Metāl.		75,3	76,1	78,9
Pequenas " " "		67,9	70,7	72,6
Médias " " "		92,4	91,7	93,1
Total da Amostra		49,3	41,9	47,4
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metāl.)		-	49,4	51,2

A análise da participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real das empresas de pequeno porte mostra que o alto grau de imobilizações determinou o menor volume de recursos próprios

em giro, apesar da decrescente participação do Patrimônio Líquido no total das aplicações.

De modo inverso, o baixo grau de imobilização do Ativo Real, das médias empresas - notadamente nos dois últimos anos - levou à maior participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real, conforme o Quadro IV.8.

Quadro IV.8

Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Anos			
	1973	1974	1975	
Total do ramo Min.ñ.Metāl.	20,8	30,6	33,6	
Pequenas " " "	11,4	18,1	18,2	
Médias " " "	42,3	66,7	67,9	
Total da Amostra	15,4	10,3	16,2	
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metāl.)	-	9,7	10,3	

D - Análise Econômica

1 - Produtividade

A produtividade do Ativo Real do ramo de Minerais não Metálicos (Quadro IV.9) apresenta-se inferior à do total das empresas da amostra, nos três anos pesquisados, apesar de ter crescido, no período 1973/75, a uma taxa maior que a destas últimas (19,0% e 0,7%, respectivamente).

Deve-se ainda ressaltar que os menores resultados dessa relação referem-se às empresas de médio porte.



Quadro IV.9

Produtividade do Ativo Real  
(Faturamento/Ativo Real)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Min.ñ.Metāl.		1,00	1,35	1,19
Pequenas " " "		1,17	1,46	1,33
Médias " " "		0,62	1,01	0,89
Total da Amostra		1,37	1,42	1,38
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metāl.)		-	0,69	0,71

O exame do Quadro IV.10 evidencia claramente os baixos coeficientes de produtividade do Imobilizado desse Ramo em relação ao total da amostra. Essa diferença de produtividade que significava mais do que o dobro, em 1973, reduziu-se ao longo do período. Assim, o comportamento do ramo de Minerais não Metálicos deveu-se ao nível e natureza de suas imobilizações.

Quadro IV.10

Produtividade do Imobilizado  
(Faturamento/Imobilizado)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Min.ñ.Metāl.		1,84	2,96	2,63
Pequenas " " "		2,07	2,78	2,44
Médias " " "		1,24	4,06	3,53
Total da Amostra		4,05	4,49	4,43
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metāl.)		-	1,74	1,74

Bastante semelhante ao comportamento dos índices de produtividade do Imobilizado, nos vários extratos analisados, re

vela-se, no Quadro IV.11, o cociente de produtividade do Patrimônio Líquido.

Quadro IV.11

Produtividade do Patrimônio Líquido  
(Faturamento/Patrimônio Líquido)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Min.ñ.Metāl.		1,33	1,77	1,51
Pequenas " " "		1,72	2,07	1,83
Médias " " "		0,67	1,11	0,95
Total da Amostra		2,79	3,38	2,91
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metāl)		-	1,40	1,39

Quanto à produtividade do Pessoal na Produção pode-se verificar, através do Quadro IV.12, que a taxa de incremento observada para o Ramo, no período 1974/75, foi superior a do total da amostra, em função do desempenho do estrato de porte médio, cujos valores per capita e variação percentual foram os mais elevados.

Quadro IV.12

Produtividade do Pessoal na Produção  
(Faturamento/Pessoal na Produção)

(Em cruzeiros)

Extratos	Anos	1974(*)	1975	Varição % 1975/74
Total do ramo Min.ñ.Metāl.		110 559	114 455	3,5
Pequenas " " "		97 930	97 794	(0,1)
Médias " " "		238 910	263 490	10,3
Total da Amostra		206 443	211 714	2,6

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col.18) - Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

2 - Rentabilidade

As taxas de retorno apresentadas pelo ramo de Minerais não Metálicos, que se colocam entre as menores dos gêneros industriais analisados, decresceram, no período 1973/75, em proporção semelhante à do total da amostra (-11,9% e -10,1%, respectivamente), conforme indica o Quadro IV.13.

Torna-se importante assinalar que os baixos coeficientes das médias empresas do Ramo devem-se à elevada e crescente participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real, fato já anteriormente comentado.

Quadro IV.13

Rentabilidade do Patrimônio Líquido  
(Lucro Líquido/Patrimônio Líquido)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975	Variação % 1975/73
Total do ramo Min.ñ.Metál.		10,1	13,3	8,9	(11,9)
Pequenas " " "		12,1	16,5	11,1	(8,3)
Médias " " "		6,8	6,2	5,0	(26,5)
Total da Amostra		16,8	13,5	15,1	(10,1)
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metál.)		-	9,8	13,2	34,7(*)

(\*) Variação 1975/74

A rentabilidade do Faturamento nesse Ramo, apesar de apresentar resultados mais elevados que o do total da amostra, ao longo do período, decresce mais acentuadamente, como demonstram os dados do Quadro IV.14.

Quadro IV 14

Rentabilidade do Faturamento  
(Lucro Líquido/Faturamento)

(Em percentuais)

Extratos	Anos				Variação % 1975/73
		1973	1974	1975	
Total do ramo Min. ñ. Metãl		7,6	7,5	5,9	(22,4)
Pequenas " " "		7,0	8,0	6,1	(12,9)
Médias " " "		10,1	5,6	5,2	(48,5)
Total da Amostra		6,0	4,0	5,2	(13,3)
Maiores S/A's (ramo Min. ñ. Metãl)		-	7,0	9,5	35,7 (*)

(\*) Variação 1975/74

Uma vez que o capital próprio representa parcela considerável no valor do Ativo Real desse gênero de indústrias, essa medida de rentabilidade assemelha-se bastante a taxa de retorno, anteriormente estudada.

Deve-se ressaltar, neste aspecto, a particularidade do comportamento da rentabilidade do Ativo, desse Ramo, inverso ao do total da amostra, ao longo do período.

O Quadro IV 15 evidencia tais comportamentos.

Quadro IV.15

Rentabilidade do Ativo Real  
(Lucro Líquido/Ativo Real)

(Em percentuais)

Extratos	Anos				Variação % 1975/73
		1973	1974	1975	
Total do ramo Min. ñ. Metãl.		7,6	10,1	7,0	(7,9)
Pequenas " " "		8,2	11,7	8,1	(1,2)
Médias " " "		6,3	5,7	4,6	(27,0)
Total da Amostra		8,3	5,7	7,2	(13,3)
Maiores S/A's (ramo Min. ñ. Metãl.)		-	4,8	6,8	41,7 (*)

(\*) Variação 1975/74

Aos moldes do ocorrido com a produtividade, a rentabilidade obtida por operário, no ramo de Minerais não Metálicos, situa as empresas de médio porte como as que apresentaram os melhores resultados. Ambos os cocientes, em 19/4/75, superaram os valores encontrados para o total da amostra em 61,7% e 24,8%, respectivamente.

O desempenho desse estrato de tamanho, no entanto, não foi suficiente para evitar a queda de rentabilidade do total do Ramo, como pode ser visto no Quadro IV.16, inversamente do ocorrido com relação à produtividade do Pessoal na Produção do Ramo (Quadro IV.12).

Quadro IV.16

Rentabilidade do Pessoal na Produção  
(Lucro Líquido/Pessoal na Produção)

(Em cruzeiros)

Extratos	Anos	1974(*)	1975	Variação % 1975/74
Total do ramo Min.ñ.Metal.		8 314	6 734	(19,0)
Pequenas " " "		7 818	5 954	(23,8)
Médias " " "		13 364	13 707	2,6
Total da Amostra		8 266	10 982	32,9

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col.18) - Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

E - Análise Financeira

1 - Liquidez Geral

O ramo de Minerais não Metálicos apresentou, nos anos analisados, a situação financeira de maior folga, - com os maiores índices de liquidez dentre os gêneros componentes da amostra.

tra - dada a alta participação de capital próprio em giro e a queda constante do grau de endividamento (Quadros IV.8 e IV.6).

Neste sentido, o grande decréscimo ocorrido na participação das imobilizações no Ativo Real das empresas de porte médio, liberando mais recursos para giro, veio concorrer para que os índices desse estrato alcançassem níveis tão diferenciados dos demais extratos estudados.

Torna-se assim evidente no Quadro IV.17 que os índices de liquidez geral calculados para o Ramo não refletem o comportamento dos estratos que o compõem, uma vez que os referentes às médias empresas equivalem várias vezes aos das pequenas.

Quadro IV.17

Índice de Liquidez Geral

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Min.ñ. Metāl.		1,84	2,28	2,60
Pequenas " " "		1,36	1,62	1,66
Médias " " "		6,54	9,01	10,85
Total da Amostra		1,30	1,18	1,31
Maiores S/A's (ramo Min.ñ. Metāl.)		-	1,19	1,21

2 - Liquidez Corrente

Os índices de liquidez de curto prazo do Ramo demonstram a mesma situação de folga evidenciada pelos índices anteriores, embora tenham crescido, no período, em proporções menores, em consequência, ainda, do incremento no Capital de Giro Próprio, uma vez que não ocorreram transferências de exigibilidades de curto para longo prazo. (Quadro IV.6)

## Quadro IV.18

## Índice de Liquidez Corrente

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
	Total do ramo Min.ñ.Metāl.		2,27	2,34
Pequenas " " "		1,70	1,72	1,88
Médias " " "		7,76	8,62	9,53
Total da Amostra		1,54	1,55	1,80
Maiores S/A's (ramo Min.ñ.Metāl.)		-	1,56	1,76

## F - Conclusões

O destaque, no ramo de Minerais não Metálicos, em Campinas, deve ser dado ao comportamento do Patrimônio Líquido das empresas que compõem a amostra. Para o total do Ramo, e, em especial, para as médias empresas, os recursos próprios representam os maiores percentuais de participação no total dos recursos aplicados (Ativo Real), de todas as empresas estudadas.

Deve-se lembrar que essa peculiaridade do Ramo vem do nível e natureza de suas imobilizações, que exige altos investimentos em jazidas e minas cuja exaustão, diretamente proporcional ao incremento da produção, se manifesta de maneira bastante acelerada.

Cabe ainda salientar que variáveis externas interferem de maneira muito acentuada no desempenho deste Ramo.

A principal delas diz respeito à situação de dependência do Ramo, quase que exclusiva do mercado imobiliário, altamente especulativo, e por sua vez, bastante vinculado à política de financiamentos do Banco Nacional de Habitação, política esta, nem sem-

estável, ou melhor, realista, em relação ao crescimento do mercado como um todo, mas que sofre a interferência em sua atuação, de fatores alheios às crescentes necessidades sócio-econômicas de habitação



Capítulo V

Análise Econômico-Financeira

ramo Metalúrgico



## Capitulo V

### Análise Econômico-Financeira do ramo Metalúrgico

#### A - Introdução

Com a produção das pequenas e médias empresas da amostra voltada essencialmente para a construção civil (estruturas metálicas, portas, grades, vitraux, armários para banheiros, lustres, candelhas, etc.) e das grandes caracterizada por artefatos de trefilados de ferro e aço para uso industrial, o ramo Metalúrgico, em 1973, apresentava 72,5% do seu mercado consumidor localizado em Campinas, 11,0% na Capital do Estado de São Paulo, 10,1%, em outras cidades do interior do Estado, 6,3%, em outros Estados e apenas 0,1% em outros Países.

A amostra analisada nesse Ramo compõe-se de 95,8% de pequenos estabelecimentos industriais, 2,8% de médios e 1,4% de grandes empresas.

O Faturamento dessas empresas representava 5,2%, 6,1% e 5,9%, respectivamente, em 1973, 1974 e 1975, do valor total do Faturamento das indústrias componentes da amostra.

Em termos de participação do Ramo no Ativo Real total, os percentuais relativos ao mesmo período, bastante se aproximam dos referentes ao Faturamento: 5,3%, 5,8% e 6,3%.

Por outro lado, em relação ao Lucro Líquido total, a amostra do Ramo totalizou 6,5%, 11,8% e 8,3%, respectivamente, para os três anos.

Considerando-se os diferentes estratos de tamanho na composição do Faturamento total do Ramo pode-se verificar, pelo Quadro V.1, o aumento da participação relativa das grandes empresas,

no período 1973/75 de cerca de 26,0% enquanto que a participação das pequenas e médias decresceu, respectivamente, 4,0% e 22,0%.

Quadro V.1

Participação dos estratos de tamanho no  
Faturamento total do ramo Metalúrgico

(Em percentuais)

Porte \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	43,5	47,5	41,6
Médias	26,7	23,4	20,8
Grandes	29,8	29,1	37,6
Total	100,0	100,0	100,0

Da mesma forma, na composição do Ativo Real total, as empresas de pequeno e médio porte tiveram sua participação reduzida, no final do período, de 2,9% e 19,0%, respectivamente, enquanto as grandes indústrias aumentaram essa participação em 13,5%.

Quadro V.2

Participação dos estratos de tamanho no  
Ativo Real do ramo Metalúrgico

(Em percentuais)

Porte \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	37,5	39,1	36,4
Médias	22,6	19,4	18,3
Grandes	39,9	41,5	45,3
Total	100,0	100,0	100,0

## B - Desempenho

O exame da evolução do valor do Faturamento anual (corrigido a preços de 1975) das empresas industriais do ramo Metalúrgico demonstra que ocorreu, no período de 1973/74 um crescimento cerca de cinco vezes maior do que o alcançado no segundo período (1974/75), - 39,5% e 7,2%, respectivamente. Este último incremento baseou-se no desempenho das indústrias de grande porte (38,3%), enquanto, no primeiro momento analisado, o crescimento, em termos de cada estrato de tamanho, foi geral - embora mais acentuado nas pequenas empresas (52,1%).

Esse comportamento, apresentado pelo Ramo, também foi observado para o total da amostra (composta de 15 ramos), embora em proporções diferenciadas, denotando que a queda ocorrida na taxa de crescimento do Faturamento das indústrias metalúrgicas, ao longo do período 1973/75, foi muito mais acentuada.

Os dados utilizados como referencial para a análise das empresas locais evidenciam o comportamento semelhante das empresas "Melhores e Maiores" do Brasil que manifestaram crescimento do Faturamento, embora em percentuais menores, no segundo período considerado.

O crescimento das vendas das "Maiores S/A's" do Brasil, referente, no entanto, apenas ao período 1974/75, supera o apresentado pelas grandes empresas do Ramo no Município, como pode ser visto no Quadro V.3.

Quadro V.3

Evolução do Faturamento anual

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Metalúrgico		39,5	7,2
Pequenas "	"	52,1	(6,1)
Médias "	"	22,6	(4,7)
Grandes "	"	36,2	38,3
Total da Amostra		20,2	9,3
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	46,7
Melhores e Maiores (ramo Met.)		32,2	10,4

Com relação ao incremento do Ativo Real - Quadro V.4 - os resultados do Ramo superam os alcançados pelo total da amostra.

Apesar de ter ocorrido um aumento nas taxas de crescimento do Ativo Real das médias e uma relativa estabilidade nas grandes empresas metalúrgicas, no período, a queda acentuada dessa taxa para as pequenas empresas, 34,2% (1973/74) e 12,2% (1974/75), levou ao menor incremento nos valores totais do Ramo, em 1975.

Quadro V.4

Evolução do Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Metalúrgico		28,5	20,6
Pequenas "	"	34,2	12,2
Médias "	"	10,3	14,1
Grandes "	"	33,5	31,6
Total da Amostra		16,3	12,3
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	56,2

O Patrimônio Líquido apresentou crescimento sensível-

mente superior ao do Ativo Real, levando conseqüentemente a maior participação do capital próprio nas aplicações desse Ramo. As taxas de crescimento das pequenas e médias empresas - que podem ser vistas no Quadro V.5 - embora menores em 1975, mantiveram-se maiores que as do Ativo Real.

Importante se torna destacar o comportamento desses estratos de tamanho, - que, em 1974, apresentaram crescimento nos valores do Patrimônio Líquido, de 42,0% e 40,2%, respectivamente - em comparação ao total da amostra que demonstrou decréscimo de 1,0%.

Quadro V.5

Evolução do Patrimônio Líquido

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Metalúrgico		32,1	25,1
Pequenas "	"	42,0	16,1
Médias "	"	40,2	14,4
Grandes "	"	22,2	36,7
Total da Amostra		(1,0)	26,9
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	42,2

C - Estrutura de Capital

Caracteriza-se a estrutura de Capital do ramo Metalúrgico por manifestar, no período de 1973/75, conforme mostra o Quadro V.6, redução no percentual de imobilizações em relação ao Ativo Real (34,4% para 30,4%), decorrente basicamente do comportamento do estrato de grandes empresas, - que evidenciou uma tendência decrescente ao longo dos três anos. Já, as pequenas e médias, em





1974, apresentaram queda, seguida, em 1975, por incremento do grau de imobilizações que atingiu níveis superiores aos iniciais.

No período analisado (1973 a 1975) verificou-se tendência de aumento da participação do Patrimônio Líquido nas aplicações (51,9% para 55,3%), no total das indústrias do Ramo, resultante do comportamento das pequenas e médias indústrias, conforme os dados do Quadro V.7.

Paralelamente, a participação de capital de terceiros no Ramo apresenta-se decrescente, no mesmo período.

Esta característica, aliada ao coeficiente de imobilizações refletir-se-á na situação de liquidez geral, como será visto mais adiante.

Deve-se ainda enfatizar que a participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real do ramo Metalúrgico ocorre em percentuais superiores, não só aos do total da amostra como também aos das "Maiores S/A's", durante todo o período.

Quadro V.7

Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
	Total do ramo Metalúrgico		51,9	52,5
Pequenas " "	" "	47,6	50,3	52,0
Médias " "	" "	39,4	50,1	50,3
Grandes " "	" "	62,9	57,6	59,9
Total da Amostra		49,3	41,9	47,4
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	45,9	41,8

Em virtude da tendência crescente da participação do Patrimônio Líquido nas aplicações, e ainda, da baixa contribuição

do Imobilizado para a formação do Ativo Real, o ramo Metalúrgico apresentou um percentual de Capital de Giro Próprio (Quadro V.8) dos mais altos entre os 15 ramos estudados.

Deve-se observar que a grande diferença existente entre os percentuais do Ramo analisado e as "Maiores S/A's" - que vêm manifestando taxas negativas - deve-se ao tipo de estrutura das empresas componentes do estudo especial da Revista Conjuntura Econômica (siderúrgicas e de metalurgia pesada).

Quadro V.8

Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Metalúrgico		17,4	24,1	24,8
Pequenas "	"	17,4	21,9	16,5
Médias "	"	12,7	24,5	20,8
Grandes "	"	20,2	26,1	33,1
Total da Amostra		15,4	10,3	16,2
Maiores S/A's (remo Met.)		-	(2,3)	(8,4)

D - Análise Econômica

1 - Produtividade

A relação Faturamento/Ativo Real, que pode ser examinada no Quadro V.9, apresentou para o total do Ramo incremento da produtividade, no período 1973/74, seguido de queda acentuada, no período subsequente, quando atingiu (1975) nível inferior ao de 1973. Este fato foi reflexo do comportamento das pequenas e médias empresas uma vez que as grandes, além de exibirem os menores índices de produtividade, dentro do Ramo, evidenciaram, também,

menor crescimento ao longo dos três anos.

Os índices das grandes empresas do ramo Metalúrgico aproximam-se bastante dos apresentados pelas "Maiores S/A's".

Quadro V.9

Produtividade do Ativo Real  
(Faturamento/Ativo Real)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Metalúrgico		1,36	1,48	1,31
Pequenas "	"	1,58	1,79	1,50
Médias "	"	1,60	1,79	1,49
Grandes "	"	1,01	1,03	1,09
Total da Amostra		1,37	1,42	1,38
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	0,75	0,70

Com relação à produtividade do Imobilizado constatou-se uma situação semelhante à do Ativo Real analisada anteriormente, ou seja, incremento em 1974 e queda em 1975, embora o resultado deste último exercício tenha superado o de 1973, em cerca de 9,1%.

Esse comportamento foi consequência da evolução dos valores alcançados pelas indústrias de grande porte, apesar das pequenas e médias empresas evidenciarem os maiores índices, o que pode ser visto no Quadro V.10.

Quadro V.10

Produtividade do Imobilizado  
(Faturamento/Imobilizado)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Metalúrgico		3,95	5,06	4,31
Pequenas "	"	5,24	6,29	4,22
Médias "	"	6,01	6,98	5,07
Grandes "	"	2,37	3,28	4,07
Total da Amostra		4,05	4,49	4,43
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	1,55	1,40

Quanto à produtividade do Patrimônio Líquido do Ramo, uma situação semelhante à do Ativo Real pode ser observada no Quadro V.11, isto é, incremento em 1974 e queda acentuada em 1975.

Outros aspectos, contudo, devem ser ressaltados:

- as grandes empresas apresentaram crescimento do índice de produtividade ao longo do período;
- as médias empresas, embora com os índices mais altos, evidenciaram queda de 27,0% no período 1973/75;
- as "Maiores S/A's" demonstraram incremento de 2,0% no período 1974/75.





## Quadro V.13

Rentabilidade do Patrimônio Líquido  
(Lucro Líquido/Patrimônio Líquido)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	Anos			Variação % 1975/73
		1973	1974	1975	
Total do ramo Metalúrgico		19,8	21,6	17,4	(12,1)
Pequenas " "		25,9	28,0	18,1	(30,1)
Médias " "		30,2	23,8	9,6	(68,2)
Grandes " "		11,7	15,3	19,6	67,5
Total da Amostra		16,8	13,5	15,1	(10,1)
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	13,9	13,0	(6,5) (*)
Melhores e Maiores (ramo Met.)		16,1	21,6	12,6	(21,7)

(\*) Variação 1975/74

A relação Lucro Líquido/Faturamento que apresentou, para o total do Ramo, incremento em 1974 e queda em 1975, tem, no vamente, nas grandes empresas a melhor performance, evidenciando no último ano da análise, rentabilidade do Faturamento, superior a todos os extratos componentes do Quadro V.14.

Tanto as pequenas como as médias empresas mostraram, em 1975, decréscimo da taxa, sendo a dessas últimas, muito mais acentuado (56,8% no período).

Quadro V.14

Rentabilidade do Faturamento  
(Lucro Líquido/Faturamento)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	Anos			Variação % 1975/73
		1973	1974	1975	
Total do ramo Metalúrgico		7,5	7,8	7,3	(2,7)
Pequenas " "		7,8	7,9	6,3	(19,1)
Médias " "		7,4	6,7	3,2	(56,8)
Grandes " "		7,3	8,5	10,8	47,9
Total da Amostra		6,0	4,0	5,2	(13,3)
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	8,5	7,7	(9,4) <sup>(*)</sup>
Melhores e Maiores (ramo Met.)		8,5	8,6	6,7	(21,2)

(\*) Variação 1975/74

Conforme demonstra o Quadro V.15, a rentabilidade do Ativo Real do ramo Metalúrgico apresentou comportamento semelhante ao dos outros índices de rentabilidade anteriormente analisados.

Quadro V.15

Rentabilidade do Ativo Real  
(Lucro Líquido/Ativo Real)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	Anos			Variação % 1975/73
		1973	1974	1975	
Total do ramo Metalúrgico		10,2	11,5	9,6	5,9
Pequenas " "		12,3	14,1	9,4	(23,6)
Médias " "		11,9	11,9	4,8	(59,7)
Grandes " "		7,4	8,8	11,8	59,5
Total da Amostra		8,3	5,7	7,2	(13,3)
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	6,4	5,4	(15,6) <sup>(*)</sup>

(\*) Variação 1975/74



O Lucro Líquido obtido por pessoa ocupada na produção para o ramo Metalúrgico, sofreu queda (de 1974 para 1975), da ordem de 2,1%, como consequência do desempenho das pequenas e médias empresas que tiveram essa relação diminuída em 30,2% e 42,5%, respectivamente, em cada estrato de tamanho. Apenas as grandes empresas desse Ramo alcançaram maior rentabilidade per capita, no período analisado, tendo um crescimento de 56,4% nesta relação, como pode ser visto no Quadro V.16.

Quadro V.16

Rentabilidade do Pessoal na Produção  
(Lucro Líquido/Pessoal na Produção)

(Em cruzeiros)

Extratos	Anos	1974(*)	1975	Variação % 1975/74
Total do ramo Metalúrgico		10 640	10 413	(2,1)
Pequenas "	"	9 441	6 590	(30,2)
Médias "	"	11 060	6 363	(42,5)
Grandes "	"	12 776	19 977	56,4
Total da Amostra		8 266	10 982	32,9

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col.18) - Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

E - Análise Financeira

1 - Liquidez Geral

O índice de liquidez geral para o ramo Metalúrgico, teve, no período 1973/75, como demonstra o Quadro V.17, um crescimento de 14,0%, apresentando, em cada exercício, valores mais altos que os do total da amostra das indústrias de Campinas.

O que ocorreu, no período, foi o maior incremento do Patrimônio Líquido em comparação com a evolução das imobilizações, liberando assim, parcelas de capital próprio, para giro ( $\text{Patrimônio Líquido} - \text{Imobilizado} = \text{Capital de Giro Próprio}$ ), o que pode ser observado nos Quadros V.7 e V.8, anteriormente comentados.

Considerando-se o comportamento dos diferentes estratos de tamanho, pode-se afirmar que o incremento observado no total do Ramo foi determinado basicamente pelas grandes empresas, cujos índices de liquidez geral, além de denotarem uma acentuada tendência de crescimento, foram os maiores ao longo dos três anos.

Com referência as empresas de grande porte, deve-se lembrar que a taxa de rentabilidade do Patrimônio Líquido cresceu 67,5% no período 1973/75 - dados do Quadro V.13 - e o Lucro Líquido gerado, comparado com a evolução do Patrimônio Líquido, foi totalmente reinvestido. Outro aspecto que propiciou essa situação de liquidez foi a queda da participação das imobilizações no Ativo Real, de 42,7%, em 1973, para 26,8%, em 1975 (conforme Quadro V.6).

As médias empresas, embora componham o estrato com o maior grau de endividamento do Ramo, nos três anos considerados, tiveram a participação do capital de terceiros no Ativo Real decrescente de 60,6%, em 1973, para 49,7%, em 1975 (Quadro V.6). Este fato, que afeta diretamente a situação de liquidez, tem seus reflexos minimizados pelo maior incremento da participação do Capital de Giro Próprio nos valores do Ativo (Quadro V.8), uma vez que é relativamente menor a participação do Imobilizado no Ativo Real (Quadro V.6), nas empresas desse porte.

Nas pequenas empresas, o índice de liquidez geral apresentou-se praticamente estável no período (1,33, em 1973, para 1,34, em 1975) e menor em relação ao total do ramo Metalúrgico, nos três exercícios pesquisados.

Inversamente ao que ocorreu com as médias empresas, as de pequeno porte apresentaram maior aumento do grau de imobilizações do Patrimônio Líquido (Quadro V.6), o que diminuiu os recursos próprios para giro afetando a liquidez.

Quadro V.17

Índice de Liquidez Geral

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Metalúrgico		1,36	1,52	1,55
Pequenas " "		1,33	1,44	1,34
Médias " "		1,21	1,49	1,42
Grandes " "		1,54	1,61	1,82
Total da Amostra		1,30	1,18	1,31
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	0,96	0,85
Melhores e Maiores (ramo Met.)		1,25	1,25	1,20

2 - Liquidez Corrente

Verifica-se, pelo Quadro V.18, uma evolução acentuada do índice de liquidez corrente, para o total do ramo Metalúrgico, de 1,51, em 1973, para 2,03, em 1975. Primeiramente, deve-se lembrar a maior utilização de recursos a longo prazo neste período (ver Quadro V.6); o que alivia a situação financeira a curto prazo. Do mesmo modo, foram injetados recursos sem exigibilidade (no Patrimônio Líquido), o que aliado ao aspecto anterior, de-

terminou a evolução do Índice.

Quanto aos diferentes estratos de tamanho, dentro do Ramo, destacam-se os Índices das médias e grandes empresas, - em especial, o destas últimas que é o maior, em 1975 - devido, principalmente, a crescente utilização de recursos a longo prazo, que afetou de modo positivo a situação de liquidez de curto prazo. A diferença dos Índices das pequenas empresas deve-se basicamente a menor utilização destes recursos de longo prazo, o que, em conjunto com o crescente grau de imobilizações (Quadro V 6), levou à diminuição dos recursos para giro.

Quadro V.18

Índice de Liquidez Corrente

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Metalúrgico		1,51	1,70	2,03
Pequenas " "		1,39	1,49	1,49
Médias " "		1,69	1,90	2,02
Grandes " "		1,54	1,86	2,74
Total da Amostra		1,54	1,55	1,80
Maiores S/A's (ramo Met.)		-	1,58	1,51

F - Conclusões

O desempenho do ramo Metalúrgico em Campinas, tomando por base as empresas componentes da amostra analisada, é função, principalmente, do comportamento da construção civil - que atinge, em especial, as pequenas e médias empresas - e ainda, das indústrias do ramo Mecânico, que se constituem no principal mercado das empresas metalúrgicas de grande porte.

Cabe destacar que o Ramo, em relação aos demais, embora tenha aumentado sua participação relativa, tanto em Faturamento como em Patrimônio Líquido, decresceu em termos de Lucro Líquido. Neste aspecto, verifica-se que as empresas de médio porte pesaram negativamente no desempenho do Ramo pois, no período, sofreram queda significativa de participação relativamente aos outros estratos de tamanho.

Ainda com referência às médias empresas, observa-se que, embora manifestando incremento de produtividade da mão-de-obra direta, - em consequência basicamente da redução deste pessoal - não conseguiram manter a rentabilidade, sofrendo, pelo contrário, uma violenta queda nessa relação, fato que, caso persista, afetará, sem dúvida, o desempenho futuro destas empresas.

Devido ao incremento da produtividade do Imobilizado, as grandes empresas do Ramo, possivelmente estão bem próximas do nível máximo de ocupação. Por outro lado, as pequenas e médias empresas, que aumentaram suas imobilizações técnicas em função da situação de 1974, perderam no ano seguinte em termos de produtividade.

Praticamente em todos os aspectos analisados destaca-se o melhor desempenho do Ramo, no ano de 1974, enquanto que, em 1975, apenas os índices de liquidez apresentam incremento, o que, inclusive, se constitui em reflexo dos resultados do exercício anterior.



Capítulo VI

Análise Econômico-Financeira do  
ramo de Mobiliário





## Capítulo VI

### Análise Econômico-Financeira do ramo de Mobiliário

#### A - Introdução

A amostra do ramo de Mobiliário apresenta cerca de 85,0% de suas empresas pequenas e médias voltadas para a fabricação de móveis em geral (desde produtos feitos sob encomenda até os produzidos em série) e as demais para produtos específicos (móveis de escritório, gaveteiros, colchões, etc.) Dessa produção, 57,7% era absorvida pelo mercado de Campinas, enquanto o restante se distribuía em , 18,9% para outras cidades do interior do Estado de São Paulo, 15,5% para outros Estados, 7,7% para a Capital do Estado e 0,2% para o Exterior.

Nesse Ramo, as pequenas empresas respondem por 85,3% do número de estabelecimentos, e as médias por 14,7%, não contando, a amostra estudada, com empresas de grande porte.

O Faturamento do Ramo representou, 7,3%, 5,0% e 5,3%, respectivamente, em 1973, 1974 e 1975, do Faturamento total das empresas componentes da amostra de Campinas.

Em termos de sua participação no Ativo Real total, os percentuais relativos ao mesmo período, são ligeiramente inferiores aos do Faturamento: 5,7%, 4,8% e 5,2%.

Quanto ao Lucro Líquido total, o ramo de Mobiliário alcançou 6,5%, 4,6% e 6,4%, respectivamente, para os três anos.

No que diz respeito à contribuição dos estratos de tamanho para o Faturamento total do Ramo, o Quadro VI.1 evidencia um crescimento constante da participação relativa das médias empresas, ao longo do período, tornando cada vez menor a já redu-

zida participação das pequenas indústrias, embora estas contem com um número de estabelecimentos quase seis vezes maior que o das médias.

Quadro VI.1

Participação dos estratos de tamanho no  
Faturamento total do ramo de Mobiliário

(Em percentuais)

Porte \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	27,7	26,2	19,8
Médias	72,3	73,8	80,2
Total	100,0	100,0	100,0

O mesmo comportamento das empresas de médio porte observado em relação à participação no Faturamento total do Ramo pode ser visto, na composição do Ativo Real (Quadro VI.2), embora este incremento tenha ocorrido em menores proporções que aquele.

Quadro VI.2

Participação dos estratos de tamanho no  
Ativo Real do ramo de Mobiliário

(Em percentuais)

Porte \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	25,6	22,5	20,3
Médias	74,4	77,5	79,7
Total	100,0	100,0	100,0

B - Desempenho

As vendas do ramo de Mobiliário tiveram, no período 1973/74, a maior queda (-17,2%), verificada entre todos os ramos estudados na amostra, recuperando-se no próximo período, sem, no entanto, alcançar, em 1975, os níveis de 1973.

Como pode ser visto no Quadro VI.3, as pequenas empresas do Ramo apresentaram um decréscimo nas vendas de 21,9%, no primeiro período, superior ao ocorrido com as de médio porte. No período seguinte da análise (1974/75), o desempenho dos dois estratos foi completamente diferenciado uma vez que, enquanto os pequenos estabelecimentos novamente apresentavam redução no faturamento, as médias empresas cresciam em 25,6%.

Também é importante notar a diferença do comportamento do Ramo em relação ao total da amostra.

Quadro VI.3

Evolução do Faturamento anual

(Em percentuais)			
Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Mobiliário		(17,2)	15,7
Pequenas " "		(21,9)	(12,3)
Médias " "		(15,4)	25,6
Total da Amostra		20,2	9,3
Melhores e Maiores (ramo Mobil.)		9,4	7,2

O decréscimo verificado nos valores do Ativo Real do ramo de Mobiliário acompanhou, embora em menores proporções, o desempenho das vendas no primeiro período, crescendo proporcionalmente mais no momento seguinte (1974/75), basicamente resultante

do incremento ocorrido nos valores das empresas de médio porte, conforme dados do Quadro VI.4. Destaca-se, ao final do período, um aumento do Ativo Real do Ramo em percentual bem mais elevado do que o apresentado pelo total da amostra.

Quadro VI.4

Evolução do Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Mobiliário		(1,4)	20,7
Pequenas "	"	(13,3)	8,8
Médias "	"	2,6	24,2
Total da Amostra		16,3	12,3

A evolução do Patrimônio Líquido desse Ramo manifestou-se, de 1973 para 1974, de maneira bastante diferenciada das vendas, crescendo em 11,5%, em função do comportamento desses valores, nas empresas médias. No período subsequente, verificou-se incremento em todos os extratos analisados, especialmente no percentual relativo às pequenas empresas, como indica o Quadro VI.5.

Quadro VI.5

Evolução do Patrimônio Líquido

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Mobiliário		11,5	22,8
Pequenas "	"	(28,2)	36,2
Médias "	"	20,8	20,9
Total da Amostra		(1,0)	26,9

## C - Estrutura de Capital

A estrutura de capital do ramo de Mobiliário, que pode ser visualizada no Quadro VI.6, tem, como peculiaridade, a baixa participação das imobilizações no Ativo Real, principalmente no estrato das empresas de médio porte, que evidenciaram o menor grau médio de imobilizações, no período, entre todas as empresas desse porte analisadas na amostra. Quanto ao dado relativo ao Ramo como um todo, apenas no gênero de Minerais não Metálicos se obteve média menor. No entanto, o grau de imobilizações do Ativo Real, no ramo de Mobiliário, mostra uma tendência de crescimento ao longo dos três anos.

Por outro lado, o coeficiente do Ativo Corrente apresentou tendência de baixa no período, para os dois estratos de tamanho, demonstrando queda da participação de realizáveis a curto prazo e, especificamente nas médias empresas, incremento das disponibilidades.



Em relação ao percentual de Patrimônio Líquido na composição do Ativo Real, o Quadro VI.7 mostra, para o Ramo, tendência de crescimento em torno de 15,0%, ao final do período, comportamento esse, diferente do apresentado pelo total da amostra analisada.

Esse incremento foi alcançado em função, basicamente, do desempenho das médias empresas do Ramo, uma vez que o coeficiente revelado pelos pequenos estabelecimentos cresceu relativamente pouco ao final dos três anos considerados.

Quadro VI.7

Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Mobiliário		38,7	43,7	44,5
Pequenas "	"	28,7	23,7	29,7
Médias "	"	42,1	49,5	48,3
Total da Amostra		49,3	41,9	47,4

Como era de se esperar, pela análise dos dados anteriores, a participação do Capital de Giro Próprio nos valores do Ativo demonstrou crescimento de 22,0%, no período 1973/75, para as médias empresas do Ramo, enquanto as de pequeno porte, - em consequência do incremento do Imobilizado em proporções maiores que o crescimento do Patrimônio Líquido - apresentaram, nos dois últimos anos do período, Capital de Giro Próprio negativo, conforme aponta o Quadro VI.8.

Quadro VI.8

Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Mobiliário		16,7	19,6	19,8
Pequenas " "	" "	5,5	(3,3)	(0,5)
Médias " "	" "	20,5	26,3	25,0
Total da Amostra		15,4	10,3	16,2

D - Análise Econômica

1 - Produtividade

O ramo de Mobiliário apresentou sensível decréscimo, de exercício para exercício, na produtividade do Ativo Real, apesar de ter obtido cocientes superiores aos do total da amostra das indústrias de Campinas, como indica o Quadro VI.9. O comportamento dos diferentes estratos de tamanho mostrou-se diversificado, no final do período, pois, enquanto as pequenas empresas mostravam decréscimo acentuado e constante, as de médio porte, evidenciavam um decréscimo (mais intenso que o dos pequenos estabelecimentos, de 1973 para 1974, e pequeno crescimento na produtividade, no período seguinte.



## Quadro VI.9

Produtividade do Ativo Real  
(Faturamento/Ativo Real)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
	Total do ramo Mobiliário		1,77	1,49
Pequenas " "		1,92	1,73	1,39
Médias " "		1,72	1,42	1,44
Total da Amostra		1,37	1,42	1,38

A produtividade do Imobilizado, conforme o Quadro VI.10, alcançava, em 1973, nos dois estratos componentes da amostra do Ramo, os maiores índices entre os ramos analisados, - superando em quase duas vezes os cocientes encontrados para o total da amostra - em função, basicamente, do baixo grau de imobilizações demonstrado pelo Ramo, já anteriormente comentado.

No entanto, de modo diverso ao do comportamento evidenciado pelas empresas do total da amostra no primeiro período, o Ramo apresentou tendência de queda acentuada nessa produtividade, nos três anos, em consequência dos resultados obtidos pelas pequenas empresas que reduziram essa taxa, no período, em cerca de 44,0%.

Quadro VI.10

Produtividade do Imobilizado  
(Faturamento/Imobilizado)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
	Total do ramo Mobiliário		8,08	6,19
Pequenas " "		8,30	6,41	4,62
Médias " "		8,00	6,12	6,17
Total da Amostra		4,05	4,49	4,43

Quanto à produtividade do Patrimônio Líquido, observa-se no Quadro VI.11, os cocientes do Ramo, como um todo, superiores aos do total da amostra estudada, apesar de, aos moldes da produtividade do Imobilizado, decrescerem ao longo do período.

Na realidade, a participação do Patrimônio Líquido na estrutura de capital do Ramo (Quadro VI.6) é bem inferior à apresentada pelo total da amostra de Campinas.

Dessa forma, os resultados alcançados pelas pequenas empresas foram superiores, durante todo o período, aos das médias, uma vez que nas primeiras a participação de capital de terceiros é bem maior.

Quadro VI.11

Produtividade do Patrimônio Líquido  
(Faturamento/Patrimônio Líquido)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
	Total do ramo Mobiliário		4,59	3,41
Pequenas " "		6,71	7,30	4,70
Médias " "		4,10	2,87	2,98
Total da Amostra		2,79	3,38	2,91

O exame do Quadro VI.12 mostra que a produtividade do Pessoal Ocupado na Produção, nos dois anos analisados, no ramo de Mobiliário é inferior à média apresentada pelo total da amostra, apesar de conter um incremento várias vezes superior ao verificado nestas últimas.

Um destaque deve ser dado aos valores alcançados pelas médias empresas, que superaram, em 1975, em quase 10,0%, a média per capita do total da amostra, obtendo um crescimento nos valores da produtividade de 45,3%.

Por outro lado, as pequenas empresas do Ramo, além de demonstrarem a mais baixa produtividade entre todas as desse porte analisadas na amostra, perderam no período, cerca de 18,4%, manifestando em 1975, um valor correspondente a apenas 30,3% do obtido pelas médias empresas.

Quadro VI.12

Produtividade do Pessoal na Produção  
(Faturamento/Pessoal na Produção)

(Em cruzeiros)				
Extratos	Anos	1974(*)	1975	Variação % 1975/74
Total do ramo Mobiliário		130 206	158 932	22,1
Pequenas " "	" "	86 013	70 190	(18,4)
Médias " "	" "	159 170	231 196	45,3
Total da Amostra		206 443	211 714	2,6

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col.18) - Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

## 2 - Rentabilidade

As taxas de retorno apresentadas pelo ramo de Mobiliário, apesar de superiores, em 1973 e 1975, às do total da amostra, refletiram o comportamento dos estabelecimentos de porte mē-

dio, cujas taxas caíram, em 1974, mais de 50,0%, recuperando-se no ano seguinte, sem, no entanto, alcançarem os níveis iniciais.

O Quadro VI.13 mostra, ainda, que os pequenos estabelecimentos do Ramo, apesar da reduzida participação do Patrimônio Líquido nos valores do Ativo Real, evidenciaram taxas de retorno menores que as das empresas de médio porte, com exceção do ano de 1974. No entanto, ao inverso destas últimas, a evolução das taxas das pequenas foi positiva, evidenciando, no final do período, um crescimento da ordem de 18,8%.

Quadro VI.13

Rentabilidade do Patrimônio Líquido  
(Lucro Líquido/Patrimônio Líquido)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975	Variação % 1975/73
Total do ramo Mobiliário		24,5	12,6	19,9	(18,8)
Pequenas " "		15,4	16,4	18,3	18,8
Médias " "		26,7	12,1	20,1	(24,7)
Total da Amostra		16,8	13,5	15,1	(10,1)
Melhores e Maiores (ramo Mobil.)		16,8	25,4	25,1	49,4

O ramo de Mobiliário, como um todo, apresentou uma taxa de rentabilidade do Faturamento, em 1975, superior à da amostra total das indústrias de Campinas, obtendo também, ao inverso destas últimas, crescimento naquele cociente, de cerca de 17,0%, conforme o Quadro VI.14.

As empresas de pequeno porte, embora alcançassem rentabilidade sempre menor em relação à das médias, tiveram um incremento de cerca de 70,0% no final do período. Esse comportamento foi resultante da queda real ocorrida nos valores do Faturamento

desse porte de empresas do Ramo, que totalizou cerca de 32,0%, ao longo dos três anos, constituindo-se na maior queda ocorrida nas vendas entre as pequenas empresas dos ramos analisados.

Quadro VI.14

Rentabilidade do Faturamento  
(Lucro Líquido/Faturamento)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	Anos			Variação % 1975/73
		1973	1974	1975	
Total do ramo Mobiliário		5,3	3,7	6,2	17,0
Pequenas " "		2,3	2,2	3,9	69,6
Médias " "		6,5	4,2	6,8	4,6
Total da Amostra		6,0	4,0	5,2	(13,3)

Como pode ser observado pelo Quadro VI.15, o incremento verificado nos valores do Ativo Real não foi acompanhado pelo do Lucro Líquido. Em consequência, o Ramo apresentou, no período, uma redução na rentabilidade do Ativo Real de 7,4%.

O desempenho dos dois estratos de tamanho foi semelhante ao verificado na taxa de retorno, com as pequenas obtendo percentuais menores mas evoluindo positivamente, ao inverso das médias empresas.

Quadro VI.15

Rentabilidade do Ativo Real  
(Lucro Líquido/Ativo Real)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	Anos			Variação % 1975/73
		1973	1974	1975	
Total do ramo Mobiliário		9,5	5,5	8,8	(7,4)
Pequenas " "		4,4	3,9	5,4	22,7
Médias " "		11,2	6,0	9,7	(13,4)
Total da Amostra		8,3	5,7	7,2	(13,3)

Conforme afirmação feita na análise da produtividade da mão-de-obra direta, ocorreu uma sensível variação de resultados em função do porte das empresas, variação essa que se mantém ainda acentuada ao se verificar a rentabilidade desse Pessoal Ocupado na Produção (Quadro VI.16).

A medida desses valores, nos dois anos, indica aumento da diferença entre os dois estratos comparados, uma vez que a rentabilidade das pequenas, que em 1974, correspondia a 28,8% do obtido pelas médias, passa, em 1975, a representar apenas 17,5%.

Deve ser ressaltado, em relação ao grande incremento demonstrado pelas empresas de médio porte do Ramo, que além do acréscimo real no montante de Lucro Líquido, de cerca de 90,0%, de 1974 para 1975, a redução na mão-de-obra direta ocupada, em torno de 14,0%, no mesmo período, elevou sensivelmente os resultados apresentados.

Quadro VI.16

Rentabilidade do Pessoal na Produção  
(Lucro Líquido/Pessoal na Produção)

(Em cruzeiros)

Extratos	Anos	1974(*)	1975	Varição % 1975/74
Total do ramo Mobiliário		4 812	9 837	104,4
Pequenas "	"	1 929	2 739	42,0
Médias "	"	6 701	15 617	133,1
Total da Amostra		8 266	10 982	32,9

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col.18) - Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

## E - Análise Financeira

### 1 - Liquidez Geral

O ramo de Mobiliário teve, no período analisado, como evidencia o Quadro VI.17, um índice de liquidez geral evoluindo positivamente em 7,8%, tendo demonstrado, inclusive, nos dois últimos anos, resultados superiores aos do total da amostra das indústrias de Campinas. Esta situação de liquidez deveu-se ao comportamento do capital próprio em giro (Quadro VI.8) que cresceu cerca de 18,6% no período.

Torna-se importante destacar ainda, que a queda observada no índice das médias empresas, de 1974 para 1975, foi provocada pelo grande decréscimo na taxa de retorno, verificada em 1974, como mostrou o Quadro VI.13.

Já, as pequenas empresas desse Ramo que, em 1973, alcançaram um índice praticamente igual a um, em 1974, em consequência dos prejuízos obtidos, - o que levou o Capital de Giro Próprio dessas empresas a se tornar negativo na participação no Ativo Real, nos dois últimos anos (Quadro VI.8) - tiveram aquele valor ainda mais reduzido, não conseguindo recuperar, ao fim dos três anos, a já precária situação inicial de liquidez. Os índices apresentados, nos anos de 1974 e 1975, situaram-se entre os mais baixos de todas as pequenas empresas dos ramos estudados.

Quadro VI.17

Índice de Liquidez Geral

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Mobiliário		1,27	1,35	1,36
Pequenas "	"	1,08	0,96	0,99
Médias "	"	1,35	1,52	1,48
Total da Amostra		1,30	1,18	1,31

2 - Liquidez Corrente

Os índices de liquidez de curto prazo, para o ramo de Mobiliário, de um modo global, evidenciaram um incremento ao longo do período, que atingiu, no total, 14,0%, como pode ser visto no Quadro VI.18.

Esse resultado deve-se às médias empresas do Ramo, uma vez que as pequenas indústrias de Mobiliário apresentaram um acréscimo final de apenas 1,7%, em função da transferência das exigibilidades de curto para longo prazo, como pode ser verificado no Quadro VI.6, que mostra as dívidas de longo prazo crescendo cerca de 80,0% no período.

Quadro VI.18

Índice de Liquidez Corrente

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Mobiliário		1,50	1,66	1,71
Pequenas "	"	1,20	1,08	1,22
Médias "	"	1,64	1,96	1,90
Total da Amostra		1,54	1,55	1,80



## F - Conclusões

O ramo de Mobiliário, em Campinas, de modo geral, apresentou, no ano de 1974, uma situação de crise uma vez que a redução nos valores reais do Faturamento verificou-se em ambos os portes das empresas componentes da amostra (tanto as fabricantes de móveis sob encomenda, que atingem uma classe de renda mais alta, como as de móveis em série, mais populares), tendo, no entanto, persistido esse decréscimo, em 1975, apenas para as pequenas empresas.

Estas últimas chegaram a apresentar uma queda de produtividade da mão-de-obra direta de cerca de 18,4%, ao fim do período. Por outro lado, as empresas de médio porte, embora tendo também passado por crise, em 1974, - quando apresentaram queda de Faturamento e de Lucro - conseguiram recuperar, em 1975, o nível de Faturamento obtido em 1973, o que, paralelamente à redução do pessoal ocupado, em 13,5%, levou ao aumento da produtividade da mão-de-obra direta e à recuperação, em grande parte, da taxa de retorno.

Cabe destacar algumas variáveis externas atuando, no período, de forma a interferir no comportamento do Ramo. Uma destas variáveis é a política de financiamento, via crédito direto ao consumidor que, uma vez desacelerada, atingiu em maior grau as empresas de pequeno porte. Além deste fato, estas empresas produzem sob encomenda e voltadas para a classe média urbana, a qual, - prejudicada na ocasião pela redução do crédito-somente volta a se constituir em compradora após um período destinado à estabilização da situação financeira particular (variando, este período, entre 12 e 36 meses em função dos prazos daqueles financiamentos).

Por outro lado, a existência de grandes estoques acumulados durante o período de ritmo acelerado de crescimento, até 1973, e a posterior desova destes estoques provocaram, no exercício imediatamente posterior (1974), uma queda do Faturamento, apenas transitória, que atingiu as empresas médias, produtoras de móveis em série, passíveis de serem estocados.

Ainda, no período, deve-se atentar para o comportamento do Ramo, em outros Estados, principalmente do sul do país (Paraná e Santa Catarina) que começaram a entrar no mercado mais pela produção de móveis semi-acabados do que pelo fornecimento de matéria-prima bruta.

Finalmente deve-se considerar que o crescimento do mercado, em geral não é acompanhado pela expansão das empresas instaladas - principalmente as de pequeno porte, - mas sim, pelo surgimento de outras unidades.

## Capítulo VII

Análise Econômico-Financeira do  
ramo de Vestuário, Calçados e Ar  
tefatos de Tecidos



## Capítulo VII

### Análise Econômico-Financeira do ramo de Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos

#### A - Introdução

Das empresas componentes da amostra do ramo de Vestuário e Calçados, cerca de 60,0% produzem roupas em geral, 20,0%, calçados e as restantes outros artefatos de tecidos ( barracas, guarda-chuvas, cortinas, luvas, etc.). O mercado de Campinas absorve 48,6% dessa produção, enquanto, 29,4% se distribui para outras cidades do interior do Estado de São Paulo, 13,5% para outros Estados, 8,3% para a Capital do Estado e 0,2% é exportada.

Na amostra analisada, o Ramo não conta com empresas de grande porte, sendo 95,2% de pequenos estabelecimentos e, 4,8% representados pelas médias empresas.

O Faturamento alcançado pelo conjunto dessas empresas, significava 3,0%, em 1973, e 2,7%, em 1974 e 1975, do total do Faturamento da amostra.

Do mesmo modo, as aplicações em ativos, em relação ao total das indústrias analisadas, muito se aproximam aos do Faturamento, correspondendo a 2,8%, em 1973, 2,7%, em 1974, e 2,8%, em 1975.

Por outro lado, em relação ao Lucro Líquido total, a amostra do Ramo, obteve 2,1%, 1,9% e 1,6%, respectivamente, nos três anos.

Pelo Quadro VII.1, pode-se verificar, em termos de contribuição dos dois estratos de tamanho para o Faturamento total do Ramo, uma queda constante da participação relativa das médias empresas, ao longo dos três anos.

Quadro VII.1

Participação dos estratos de tamanho no Faturamento total do ramo de Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos

(Em percentuais)

Porte \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	71,1	78,1	81,1
Médias	28,9	21,9	18,9
Total	100,0	100,0	100,0

Na composição do Ativo Real total, o mesmo comportamento das empresas de médio porte, do Ramo, pode ser observado, tendo inclusive, esta participação, decrescido em proporções maiores. O Quadro VII.2 mostra esses percentuais.

Quadro VII.2

Participação dos estratos de tamanho no Ativo Real do ramo de Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos

(Em percentuais)

Porte \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	69,8	73,8	80,5
Médias	30,2	26,2	19,5
Total	100,0	100,0	100,0

B - Desempenho

O ramo de Vestuário e Calçados apresentou-conforme o Qua

dro VII.3 - incremento maior nos valores de suas vendas, no período 1974/75, quando ultrapassou, inclusive, os percentuais de aumento encontrados para o total da amostra.

No entanto, os resultados foram bem diferentes para os dois estratos de tamanho estudados. Enquanto as pequenas empresas faziam crescer suas vendas, colocando-se, no segundo período, acima do total da amostra e das "Melhores e Maiores" deste Ramo no Brasil, as médias indicavam um decréscimo de 17,8%, de 1973 para 1974 (entre os maiores, neste período, em relação ao total da amostra pesquisada) e de 3,8%, no período subsequente, o que influenciou, decisivamente, no comportamento do Faturamento do Ramo.

Quadro VII.3

Evolução do Faturamento anual

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Vest., Calç.		8,5	11,7
Pequenas " " "		19,1	16,0
Médias " " "		(17,8)	(3,8)
Total da Amostra		20,2	9,3
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	27,5
Melhores e Maiores (ramo V., Calç.)		18,4	8,0

A evolução do Ativo Real, para o total do Ramo, manifesta-se de forma semelhante à do Faturamento, se bem que, em proporções maiores.

Com relação a esses valores, pode-se dizer que as pequenas empresas foram responsáveis pelo desempenho do Ramo, uma vez que cresceram em, 19,6%, de 1973 para 1974, e, 26,1%, de 1974 para 1975. Quanto as empresas de médio porte, observa-se no Quadro VII.4, que a maior queda de Ativo Real ocorreu no segundo período.

Quadro VII.4  
Evolução do Ativo Real

(Em percentuais)				
Extratos		Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Vest. Calç.			13,2	15,6
Pequenas	" " "		19,6	26,1
Médias	" " "		(1,8)	(13,9)
Total da Amostra			16,3	12,3
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)			-	36,2

O Patrimônio Líquido do ramo de Vestuário e Calçados evoluiu, ao longo dos três anos, a taxas constantes, mas, inferiores às do Ativo Real, levando conseqüentemente a uma menor participação dos recursos próprios nas aplicações desse Ramo.

Apenas as pequenas empresas apresentaram uma taxa de incremento de capital próprio, no período de 1973/74, maior que a do Ativo Real, apesar de uma acentuada queda no período seguinte.

O Quadro VII.5 mostra ainda, as empresas de porte médio com decréscimo de Patrimônio Líquido, em 1974, muito mais acentuado que o verificado para as do total da amostra, e não conseguindo recuperar-se, em 1975, ao inverso destas últimas.

Quadro VII.5  
Evolução do Patrimônio Líquido

(Em percentuais)				
Extratos		Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Vest., Calç.			10,8	10,8
Pequenas	" " "		29,3	15,7
Médias	" " "		(21,8)	(3,5)
Total da Amostra			(1,0)	26,9
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)			-	32,4



## C - Estrutura de Capital

Examinando-se o Quadro VII.6 destaca-se, como principal característica da estrutura de capital do ramo de Vestuário e Calçados, um coeficiente médio de imobilização do Ativo Real, no período, em torno de 21,9% para o total do Ramo e de 21,1% para as pequenas empresas. Estes coeficientes, que são os mais baixos de toda a amostra estudada, apresentaram, em 1974, uma queda que não foi recuperada pelo acréscimo verificado em 1975.

Quanto a participação do capital próprio no Ativo Real, o Quadro VII.7 indica que os percentuais do Ramo, e, de modo mais acentuado, do estrato de pequenas empresas, situam-se abaixo da média apresentada pelo total da amostra das indústrias de Campinas.

Da mesma forma que as imobilizações, também o Patrimônio Líquido mostra-se decrescente nas aplicações do Ramo, no período.



Quadro VII.7

## Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Vest., Calç.		34,8	34,1	32,7
Pequenas " " "		31,8	34,4	31,5
Médias " " "		41,8	33,3	37,3
Total da Amostra		49,3	41,9	47,4
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	44,6	43,3

Destas análises poder-se-ia antecipar o verificado no Quadro VII.8, onde o Capital de Giro Próprio, do Ramo, participa de modo decrescente no Ativo Real.

Apesar de ambos os estratos, componentes do Ramo, mostram, em 1975, resultados superiores aos das "Maiores S/A's" desse Ramo no Brasil, as médias empresas tiveram uma queda acentuada nesse coeficiente.

Quadro VII.8

## Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Vest., Calç.		12,2	12,8	11,1
Pequenas " " "		10,3	13,7	10,4
Médias " " "		16,6	10,2	13,9
Total da Amostra		15,4	10,3	16,2
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	11,9	9,4

D - Análise Econômica

1 - Produtividade

A produtividade do Ativo Real do ramo de Vestuário e Calçados (Quadro VII.9) mostra-se em 1973, de modo geral, superior à do total das empresas da amostra. No entanto, ao contrário destas últimas, essa produtividade decresce ao longo do período, notadamente o estrato de pequenas empresas, com uma queda total em torno de 9,0%, embora as médias empresas apresentassem os menores resultados nos três anos.

Quadro VII.9

Produtividade do Ativo Real  
(Faturamento/Ativo Real)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Vest., Calç.		1,45	1,39	1,34
Pequenas " " "		1,48	1,47	1,35
Médias " " "		1,39	1,16	1,29
Total da Amostra		1,37	1,42	1,38
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	0,87	0,81

Com relação à produtividade do Imobilizado, o exame do Quadro VII.10 evidencia os altos cocientes desse Ramo comparados com os do total da amostra. Esse desempenho, comum aos dois estratos de tamanho, reflete os baixos índices de imobilização já destacados anteriormente.

No entanto, ao longo do período, a tendência observada nos resultados de cada porte é divergente, verificando-se que a queda dos valores das pequenas empresas determinou o compor

tamento do Ramo.

Quadro VII.10

Produtividade do Imobilizado  
(Faturamento/Imobilizado)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Vest., Calç.		6,39	6,53	6,21
Pequenas " " "		6,86	7,13	6,40
Médias " " "		5,48	5,01	5,51
Total da Amostra		4,05	4,49	4,43
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	2,65	2,39

Conforme pode ser visto no Quadro VII.11, as pequenas empresas do Ramo também apresentaram os maiores índices de produtividade relativamente ao Patrimônio Líquido, embora decrescentes no final do período.

Por outro lado, as empresas de médio porte evidenciaram crescimento do índice em 1974, aos moldes do ocorrido com o total da amostra.

Quadro VII.11

Produtividade do Patrimônio Líquido  
(Faturamento/Patrimônio Líquido)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Vest., Calç.		4,16	4,07	4,10
Pequenas " " "		4,64	4,28	4,29
Médias " " "		3,31	3,48	3,47
Total da Amostra		2,79	3,38	2,91
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	1,95	1,87

A produtividade do Pessoal na Produção apresentou, no período 1974/75, incremento em todos os extratos arrolados no Quadro VII.12, embora aquele referente ao Ramo, de modo geral, tenha sido bem superior ao do total da amostra. Contudo, os valores encontrados para esse último extrato representam mais de duas vezes os do total do Ramo.

O mesmo ocorre com os diferentes portes, pois embora as médias empresas apresentassem o dobro da variação percentual das pequenas, seus valores, relativos à produtividade da mão-de-obra direta, foram os menores.

Ainda convém destacar que o incremento da produtividade das pequenas empresas, no período 1974/75, foi o maior observado entre as empresas desse porte, dos cinco ramos analisados.

Quadro VII.12

Produtividade do Pessoal na Produção  
(Faturamento/Pessoal na Produção)

(Em cruzeiros)				
Extratos	Anos	1974 (*)	1975	Variação % 1975/74
Total do ramo Vest., Calç.		89 889	97 982	9,0
Pequenas " " "		96 923	103 188	6,5
Médias " " "		71 415	80 518	12,7
Total da Amostra		206 443	211 714	2,6

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - O ferta Global (Col.18) - Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

2 - Rentabilidade

A rentabilidade do Patrimônio Líquido do Ramo aqui analisada denotou um comportamento semelhante ao do total da amostra, isto é, queda no primeiro momento (1973/74) e recuperação no

período subsequente, sem, no entanto, alcançar os níveis iniciais. A comparação destes níveis mostra para o total do Ramo um decréscimo em proporções maiores ocasionado pela queda acentuada e constante dos percentuais relativos às pequenas empresas.

O Quadro VII.13 apresenta, ainda, o comportamento bastante diferenciado das médias empresas do Ramo que chegaram a apresentar uma taxa de retorno, em 1974, de apenas 0,4%.

Quadro VII.13

Rentabilidade do Patrimônio Líquido  
(Lucro Líquido/Patrimônio Líquido)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975	Variação %
					1975/73
Total do ramo Vest., Calç.		18,0	11,7	12,2	(32,2)
Pequenas " " "		22,2	15,5	12,9	(41,9)
Médias " " "		10,5	0,4	9,5	(9,5)
Total da Amostra		16,8	13,5	15,1	(10,1)
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	14,7	12,3	(16,3) (*)
Melhores e Maiores (ramo V., Calç.)		16,3	18,3	17,9	9,8

(\*) Variação 1975/74

A taxa de Lucro sobre o Faturamento, indicada no Quadro VII.14, comporta-se de maneira bastante semelhante aos percentuais de rentabilidade do Patrimônio Líquido anteriormente descritos.

Quadro VII.14

Rentabilidade do Faturamento  
(Lucro Líquido/Faturamento)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975	Variação % 1975/73
Total do ramo Vest., Calç.		4,3	2,9	3,0	(30,2)
Pequenas " " "		4,8	3,6	3,0	(37,5)
Médias " " "		3,2	0,1	2,7	(15,6)
Total da Amostra		6,0	4,0	5,2	(13,3)
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	7,6	6,6	(13,2) (*)

(\*) Variação 1975/74

Tendo como causa, uma vez mais, os reduzidos percentuais das médias empresas, e o constante e sensível decréscimo ocorrido nos cocientes das pequenas, o ramo de Vestuário e Calçados apresentou uma rentabilidade do Ativo Real bem inferior e caindo, no período, em proporções muito maiores à do total da amostra, como pode ser visto no Quadro VII.5.

Quadro VII.15

Rentabilidade do Ativo Real  
(Lucro Líquido/Ativo Real)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975	Variação % 1975/73
Total do ramo Vest., Calç.		6,3	4,0	4,0	(36,5)
Pequenas " " "		7,1	5,3	4,1	(42,3)
Médias " " "		4,4	0,1	3,5	(20,5)
Total da Amostra		8,3	5,7	7,2	(13,3)
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	6,6	5,3	(19,7) (*)

(\*) Variação 1975/74

Conforme indica o Quadro VII.16, o Lucro Líquido ob-



tido por operário, nesse Ramo, diferiu completamente nos dois estratos que compõem a amostra. Enquanto os valores das empresas de porte médio cresciam violentamente no segundo ano, dado o reduzido valor de 1974, sem, no entanto, alcançarem os resultados apresentados pelas pequenas empresas, estas últimas indicavam um decrêscimo nesta rentabilidade.

Nota-se ainda, para o Ramo como um todo, que os montantes encontrados situam-se várias vezes abaixo dos obtidos pelo total da amostra, e com um crescimento, em 1973, também inferior.

Quadro VII.16

Rentabilidade do Pessoal na Produção  
(Lucro Líquido/Pessoal na Produção)

(Em cruzeiros)

Extratos	Anos	1974(*)	1975	Variação % 1975/74
Total do ramo Vest., Calç.		2 574	2 902	12,7
Pequenas " " "		3 522	3 111	(11,7)
Médias " " "		85	2 199	2 487,1
Total da Amostra		8 266	10 982	32,9

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col.18) - Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

E - Análise Financeira

1 - Liquidez Geral

O ramo de Vestuário e Calçados apresentou, no período 1973/75, um pequeno decréscimo no índice de liquidez geral, da ordem de 2,5%. Essa variação deveu-se, basicamente, ao comportamento do grau de imobilização do Patrimônio Líquido que cresceu,

de 1974 para 1975, em torno de 6,0%, afetando diretamente o capital próprio em giro, que se reduz ao longo do período, conforme pode ser visto no Quadro VII.8, já analisado.

Cabe ainda observar, no Quadro VII.17, uma situação de liquidez geral para as empresas do Ramo, em ambos os estratos analisados, inferior à do total da amostra, notadamente em 1975. Apenas uma exceção deve ser mencionada: as empresas de tamanho pequeno, em 1974.

Quanto aos diferentes portes, deve-se destacar que os índices alcançados pelas médias empresas, apesar de superiores aos das pequenas, em 1973 e 1975, tiveram uma queda ao longo do período, não verificada para as empresas de pequeno porte. Também é importante evidenciar a ocorrência, para esses dois estratos de tamanho, de índices de liquidez geral iguais, em diferentes anos do período, com graus de imobilização do Patrimônio Líquido completamente diferenciado, demonstrando a existência de uma estrutura de capital específica para cada porte de empresa, dentro de um mesmo ramo.

Quadro VII.17

Índice de Liquidez Geral

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Vest., Calç.		1,19	1,19	1,16
Pequenas " " "		1,15	1,21	1,15
Médias " " "		1,29	1,15	1,22
Total da Amostra		1,30	1,18	1,31
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	1,21	1,16
Melhores e Maiores (ramo V., Calç.)		1,07	1,27	1,20

## 2 - Liquidez Corrente

A situação de liquidez corrente a curto prazo para o Ramo, a exemplo do ocorrido com o total da amostra analisada, foi crescente de exercício para exercício. O Quadro VII.18 mostra que esse comportamento deveu-se, basicamente, ao desempenho das pequenas empresas do Ramo uma vez que as de porte médio, apesar de apresentarem índices maiores, nos dois primeiros anos, tiveram um sensível decréscimo ao longo do período.

A evolução de duas variáveis explicaria a origem desta situação: a primeira seria o grau de imobilização do Patrimônio Líquido, e a segunda, a utilização de recursos exigíveis a longo prazo.

Desse modo, pode-se verificar, para as pequenas empresas desse Ramo, que o incremento do índice de 1973 para 1974 justifica-se plenamente pela queda do grau de imobilização do Patrimônio Líquido, naquele mesmo período, enquanto o acréscimo posterior (1974 para 1975), só foi possível graças à transferência de recursos exigíveis de curto para longo prazo, que cresceu 48,2% naqueles anos, conforme pode ser visto no Quadro VII.6, anteriormente comentado.

Da mesma forma, para as médias empresas, o índice de liquidez do ano de 1974, com base no comportamento da primeira variável (grau de imobilização), seria obrigatoriamente inferior ao de 1975. Contudo, o resultado da relação Exigível a Longo Prazo/Ativo Real reduziu-se, naqueles dois anos do período, em cerca de 50,0%, levando a uma piora na situação de liquidez de curto prazo das empresas desse porte do ramo de Vestuário e Calçados, uma vez que os recursos exigíveis a curto prazo tornavam-se

relativamente maiores.

Quadro VII.18

Índice de Liquidez Corrente

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Vest., Calç.		1,43	1,45	1,48
Pequenas " " "		1,35	1,44	1,50
Médias " " "		1,66	1,46	1,38
Total da Amostra		1,54	1,55	1,80
Maiores S/A's (ramo V., Calç.)		-	1,65	1,63

F - Conclusões

Embora tenha havido queda da participação do ramo de Vestuário e Calçados no total da amostra do setor industrial de Campinas, tanto no que se refere ao Faturamento como ao Lucro Líquido, as empresas de pequeno porte sofreram, com menor intensidade, os reflexos da conjuntura, no período.

Estas empresas, - que atendem a um mercado de maior poder aquisitivo, com exigências de produtos artesanais - revelaram taxas de incremento superiores às apresentadas pelas de porte médio, e mesmo, pelas "Maiores S/A's" do Ramo, com produção padronizada, apesar dos incentivos governamentais destinados a estas últimas empresas, principalmente as voltadas para a exportação, como as produtoras de calçados.

Neste Ramo, em Campinas, a participação das empresas de pequeno porte é grandemente significativa, não só no que diz respeito ao número de empresas, mas também ao valor do Faturamento.

Assim, o Ramo caracteriza-se pelo atendimento, quase que exclusivamente, ao mercado local e da região.

As empresas desse porte, organizando-se de modo a atender diretamente ao consumidor, através de pequenas lojas da própria fábrica, evitam a intermediação na comercialização, e dessa forma, conseguem acompanhar o crescimento do mercado regional.

As médias empresas, por outro lado, sofrem a concorrência das empresas de outras regiões do Estado, - também exportadoras - que se beneficiam dos incentivos fiscais e passam a atuar com vantagens no mercado da região de Campinas. Em consequência observou-se queda no Faturamento das empresas de porte médio da a mostra, fato já mencionado anteriormente.



Capítulo VIII

Análise Econômico-Financeira do  
ramo de Produtos Alimentares





## Capítulo VIII

### Análise Econômico-Financeira do ramo de Produtos Alimentares

#### A - Introdução

Das pequenas e médias empresas da amostra do ramo de Produtos Alimentares, 64,0% produzem doces em geral, 20,0% constituem-se de torrefações de café e as demais fabricam outros tipos de alimentos, inclusive rações. Quanto às grandes empresas, cerca de 70,0% dedicam-se a produção de massas alimentícias e o restante à de doces.

Em 1973, o mercado consumidor desses bens localizava-se em sua maior parcela (52,3%), em Campinas, distribuindo-se o restante pelos seguintes mercados: outras cidades do interior do Estado (25,6%), Capital do Estado de São Paulo (11,3%), outros Estados (7,4%) e outros Países (3,4%).

Composta de 28 empresas industriais, a amostra deste Ramo estratifica-se em 71,4% de pequenos estabelecimentos, 17,9% de médios e 10,7% de grandes empresas.

O Faturamento obtido por essas empresas, nos três anos analisados, teve a maior participação no Faturamento total da amostra entre os cinco ramos selecionados: 11,3% em 1973, 9,1% em 1974 e 9,0% em 1975.

Quanto à contribuição do Ramo para a formação do Ativo Real total, permaneceu constante, ao longo do período, em torno de 8,0%.

Em relação ao Lucro Líquido total, a amostra do ramo de Produtos Alimentares contribuiu, em 1973 e 1974, com os maiores percentuais (12,3% e 12,4%, respectivamente) entre os ramos ana-

lisados. Já, em 1975, essa participação decresceu para 8,3% chegando aos níveis alcançados pelo ramo Metalúrgico.

Considerando-se a participação relativa dos estratos de tamanho no Faturamento total do Ramo, o Quadro VIII.1 evidencia, ao longo do período, um decréscimo no percentual das grandes empresas, ao inverso do que ocorreu com as médias e pequenas. Estas últimas, inclusive, apresentaram um crescimento relativo de 17,4%.

Quadro VIII.1

Participação dos estratos de tamanho no Faturamento total do ramo de Produtos Alimentares

(Em percentuais)

Porte \ Anos	1973	1974	1975
Pequenas	15,5	19,8	18,2
Médias	23,7	25,2	27,0
Grandes	60,8	55,0	54,8
Total	100,0	100,0	100,0

No que diz respeito à formação do Ativo Real torna-se importante salientar, no período, a constância dos valores relativos aos três estratos de tamanho, conforme pode ser observado no Quadro VIII.2.

Assim sendo, pode-se notar que as grandes empresas reduziram sua participação no Faturamento do Ramo sem alterar a posição referente às aplicações em ativos.

Quadro VIII.2

Participação dos estratos de tamanho no Ativo  
Real do ramo de Produtos Alimentares

(Em percentuais)

Porte	Anos		
	1973	1974	1975
Pequenas	10,2	11,1	10,2
Médias	17,3	16,6	17,2
Grandes	72,5	72,3	72,6
Total	100,0	100,0	100,0

B - Desempenho

Os diversos extratos de empresas industriais, arrolados no Quadro VIII.3, mostram um comportamento totalmente diferenciado quanto à evolução do Faturamento anual. As pequenas empresas que, no primeiro momento, apresentam a mais alta taxa de crescimento, praticamente mantêm esses valores no ano posterior, enquanto as médias crescem nos dois momentos. Já, as grandes, em função do decréscimo ocorrido, de 1973 para 1974, não conseguem ao fim do período alcançar os valores iniciais, embora evidenciem um incremento no segundo momento.

Foi o comportamento das maiores empresas (médias e grandes) que determinou o desempenho do Ramo no período.

Deve-se ainda destacar, em comparação ao total da amostra, que apenas no segundo momento (1974 para 1975), o Ramo apresentou o mesmo sentido crescente.

Quadro VIII.3

Evolução do Faturamento anual

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Prod.Aliment.		(3,7)	8,2
Pequenas " " "		22,6	(0,3)
Médias " " "		2,9	15,7
Grandes " " "		(12,9)	7,8
Total da Amostra		20,2	9,3
Maiores S/A's (ramo Pr.Alim.)		-	41,1
Melhores e Maiores (ramo Pr.Alim.)		11,5	10,4

A evolução dos valores do Ativo Real no ramo de Produtos Alimentares, de modo bastante semelhante ao ocorrido com o total da amostra das indústrias de Campinas, apresentou, no segundo momento, um crescimento menor que o observado inicialmente.

Essa queda na taxa de incremento, como pode ser visto no Quadro VIII.4, só não se verificou para as empresas de médio porte.

Quadro VIII.4

Evolução do Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Prod.Aliment.		16,6	12,9
Pequenas " " "		26,9	4,3
Médias " " "		12,0	17,2
Grandes " " "		16,3	13,2
Total da Amostra		16,3	12,3
Maiores S/A's (ramo Pr.Alim.)		-	42,8

Este Ramo, como um todo, apresentou crescimento nos valores do Patrimônio Líquido mais acentuado no primeiro momento de análise, ao contrário do ocorrido com o total da amostra. Afirmações que podem ser verificadas no Quadro VIII.5.

Quadro VIII.5

Evolução do Patrimônio Líquido

(Em percentuais)

Extratos	Relações	1974/73	1975/74
Total do ramo Prod.Aliment.		21,2	8,8
Pequenas " " "		9,6	2,3
Médias " " "		12,9	12,3
Grandes " " "		24,1	8,9
Total da Amostra		(1,0)	26,9
Maiores S/A's (ramo Pr.Alim.)		-	37,1

C - Estrutura de Capital

A estrutura de capital do ramo de Produtos Alimentares a apresenta uma participação das aplicações em imobilizações ou giro diferenciada em termos de porte.

Desse modo, o exame do Quadro VIII.6 mostra que, enquanto as médias empresas revelaram uma tendência de manutenção do grau de imobilizações (de 1973 a 1975), as pequenas evidenciaram redução nesses percentuais ao fim do período e as grandes, demonstrando incremento, chegaram a atingir, em 1975, o mais alto coeficiente de participação - praticamente 50,0% - do Imobilizado nos valores do Ativo Real, entre as empresas desse porte analisadas.



Por outro lado, a utilização de capital para giro que, no total do Ramo, corresponde em média a 53,2% do Ativo Real, tem nas pequenas empresas os maiores coeficientes, ressaltando-se na composição desse Ativo, a grande parcela do item Disponível em relação ao demonstrado pelos demais estratos de empresas.

No período considerado, o capital próprio, apesar do incremento observado em 1974, manteve-se praticamente constante em termos de participação no Ativo Real do Ramo, ao inverso do comportamento do total da amostra que evidencia decréscimo no segundo ano da análise, seguido de recuperação, em 1975, sem, no entanto atingir os níveis iniciais.

Vale a pena destacar que o desempenho do Ramo realizou-se em função do estrato de grandes empresas que evidenciou crescimento no período 1973/75, com percentuais superiores aos das "Maiores S/A's" do Ramo, conforme os dados expressos no Quadro VIII.7.

Quadro VIII.7

## Participação do Patrimônio Líquido no Ativo Real

(Em percentuais)				
Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Prod.Aliment.		63,9	66,4	64,0
Pequenas " " "		56,4	48,7	47,7
Médias " " "		53,0	53,4	51,2
Grandes " " "		67,5	72,0	69,3
Total da Amostra		49,3	41,9	47,4
Maiores S/A's (ramo Pr.Alim.)		-	46,4	48,4

Em virtude do comportamento do capital próprio e do grau de imobilizações, o Capital de Giro Próprio do ramo de Produtos Alimentares, em todos os estratos que o compõem, apresentou que-

da no período analisado (1973/75), chegando, inclusive, as pequenas e médias empresas, a revelar, em 1975, percentuais inferiores ao do total da amostra.

O Quadro VIII.8 aponta, ainda, nesse aspecto, a tendência inversa das empresas do Ramo em relação ao total das indústrias do Município analisadas.

Quadro VIII.8

Participação do Capital de Giro Próprio no Ativo Real

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Prod. Aliment.		21,2	25,4	19,0
Pequenas " " "		17,7	15,5	14,1
Médias " " "		16,4	20,5	15,0
Grandes " " "		22,8	28,0	20,6
Total da Amostra		15,4	10,3	16,2
Maiores S/A's (ramo Pr. Alim.)		-	19,4	13,8

D - Análise Econômica

1 - Produtividade

Apesar dos cocientes de produtividade do Ativo Real do Ramo, nos três anos estudados, serem superiores aos do total da amostra, apresentam-se acentuadamente decrescentes, ao contrário do verificado para este último extrato.

Observa-se, pelo Quadro VIII.9, que a redução de 28,4% nas taxas das grandes empresas, de 1973 para 1975, provocada pelo decréscimo ocorrido nos valores reais do Faturamento, foi a maior, com relação aos diferentes portes de empresas do Ramo.



## Quadro VIII.9

Produtividade do Ativo Real  
(Faturamento/Ativo Real)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Prod. Aliment.		1,94	1,60	1,53
Pequenas " " "		2,96	2,86	2,74
Médias " " "		2,65	2,44	2,41
Grandes " " "		1,62	1,22	1,16
Total da Amostra		1,37	1,42	1,38
Maiores S/A's (ramo Pr. Alim.)		-	1,54	1,53

De modo geral, a produtividade do Imobilizado do ramo de Produtos Alimentares, embora, em 1973, tenha se apresentado mais alta que a do total da amostra, nos anos seguintes, - inversamente a estas últimas empresas - decresceu, atingindo níveis inferiores.

No entanto, cada estrato de tamanho manifestou um comportamento diferenciado, conforme indica o Quadro VIII.10:

- as pequenas empresas, além dos maiores cocientes, obtiveram incremento de produtividade no período;
- as de porte médio, apesar de alcançarem índices próximos aos das anteriores, tenderam a perder produtividade;
- as grandes empresas, paralelamente aos baixos cocientes demonstrados, - inferiores, inclusive, aos do total da amostra - decresceram cerca de 35,0%, ao longo dos três anos, devido aos altos valores imobilizados, anteriormente comentados.

Quadro VIII.10

Produtividade do Imobilizado  
(Faturamento/Imobilizado)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Prod. Aliment.		4,54	3,91	3,41
Pequenas " " "		7,67	8,63	8,14
Médias " " "		7,25	7,41	6,66
Grandes " " "		3,63	2,76	2,38
Total da Amostra		4,05	4,49	4,43
Maiores S/A's (ramo Pr.Alim.)		-	4,67	4,61

A produtividade do Patrimônio Líquido deste Ramo, como um todo, - apresentada no Quadro VIII.11 - bastante se assemelha ao descrito na análise do Imobilizado, destacando-se novamente a queda na produtividade das grandes empresas, desta vez atingindo cerca de 30,0%.

Quadro VIII.11

Produtividade do Patrimônio Líquido  
(Faturamento/Patrimônio Líquido)

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Prod. Aliment.		3,03	2,41	2,40
Pequenas " " "		5,25	5,88	5,73
Médias " " "		5,01	4,56	4,70
Grandes " " "		2,41	1,69	1,67
Total da Amostra		2,79	3,38	2,91
Maiores S/A's (ramo Pr.Alim.)		-	3,19	3,28

O Faturamento alcançado por operário no ramo de Pro-

duto Alimentares, além de inferior ao do total da amostra das indústrias de Campinas, mostrou-se decrescente nos dois anos analisados.

No entanto, o estrato de pequenas empresas, apresentando os mais altos resultados desse porte entre os ramos estudados, obteve um crescimento superior ao da média dos valores de todas as empresas componentes da amostra, basicamente em função da redução do pessoal ocupado nesse período, uma vez que o Faturamento se manteve praticamente estável (Quadro VIII.12).

Quadro VIII.12

Produtividade do Pessoal na Produção  
(Faturamento/Pessoal na Produção)

(Em cruzeiros)

Extratos	Anos	1974(*)	1975	Variação % 1975/74
Total do ramo Prod. Aliment.		183 085	179 864	(1,8)
Pequenas " " "		220 080	231 140	5,0
Médias " " "		171 700	160 626	(6,4)
Grandes " " "		177 754	177 253	(0,3)
Total da Amostra		206 443	211 714	2,6

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col.18) - Revista Conjuntura Econômica - F. G.V.

2 - Rentabilidade

Pela análise do Quadro VIII.13 constata-se que o decréscimo da taxa de retorno do Ramo resultou do comportamento dos valores obtidos pelas grandes empresas que tiveram reduzido seu lucro em termos reais, notadamente em 1974, em cerca de 36,0%, levando a uma redução na rentabilidade de mais de 50,0%. O desempenho dessas empresas, principalmente nos anos finais do período,

aproxima-se bastante do exposto pelas "Melhores e Maiores" do Ramo no Brasil.

Por outro lado, em termos de resultado no final do período, destacam-se as médias empresas cujas taxas foram as únicas que cresceram.

Quadro VIII.13

Rentabilidade do Patrimônio Líquido  
(Lucro Líquido/Patrimônio Líquido)

(Em percentuais)

Extratos	Anos	1973	1974	1975	Variação %
					1975/73
Total do ramo Prod.Aliment.		19,9	13,2	11,6	(41,7)
Pequenas " " "		14,6	22,4	12,6	(13,7)
Médias " " "		14,3	18,6	16,3	14,0
Grandes " " "		21,5	11,3	10,7	(50,2)
Total da Amostra		16,8	13,5	15,1	(10,1)
Maiores S/A's (ramo Pr.Alim.)		-	14,5	14,5	0 <sup>(*)</sup>
Melhores e Maiores (ramo Pr.Alim.)		12,9	13,0	9,9	(23,3)

(\*) Variação 1975/74

Comparando-se o Quadro VIII.14, apresentado a seguir, com o anteriormente comentado pode-se verificar que o comportamento, ao longo do período, da rentabilidade do Faturamento foi bastante semelhante ao encontrado para o Patrimônio Líquido.

Assim como o Lucro Líquido, as vendas do Ramo não acompanharam o incremento do capital próprio uma vez que o decréscimo verificado na rentabilidade do Faturamento foi menor que o ocorrido na taxa de retorno.

No caso das pequenas empresas e "Melhores e Maiores" do Ramo, onde o incremento do Faturamento foi maior que o do Patrimônio Líquido, houve maior redução na rentabilidade das vendas

do que a taxa de retorno, ao contrário do comportamento descrito no parágrafo anterior.

Quadro VIII.14

Rentabilidade do Faturamento  
(Lucro Líquido/Faturamento)

(Em percentuais)

Extratos	Anos			Variação % 1975/73
	1973	1974	1975	
Total do ramo Prod.Aliment.	6,5	5,5	4,8	(26,2)
Pequenas " " "	2,8	3,8	2,2	(21,4)
Médias " " "	2,8	4,1	3,5	25,0
Grandes " " "	8,9	6,7	6,4	(28,1)
Total da Amostra	6,0	4,0	5,2	(13,3)
Maiores S/A's (ramo Pr.Alim.)	-	4,5	4,4	(2,2) (*)
Melhores e Maiores (ramo Pr.Alim.)	2,9	2,7	1,6	(44,8)

(\*) Variação 1975/74

O desempenho do ramo de Produtos Alimentares, no que diz respeito à rentabilidade do Ativo Real, esteve, no período, bem próximo dos índices relativos ao Patrimônio Líquido, notadamente para as empresas de médio e grande porte.

Apenas no estrato de pequenas empresas a queda dos percentuais dessa relação, - apontada no Quadro VIII.15 - foi mais acentuada em virtude do maior incremento dos valores do Ativo Real comparados com os do capital próprio.

Quadro VIII.15  
Rentabilidade do Ativo Real  
(Lucro Líquido/Ativo Real)

(Em percentuais)

Extratos	Anos			Variação % 1975/73
	1973	1974	1975	
Total do ramo Prod.Aliment.	12,7	8,8	7,4	(41,7)
Pequenas " " "	8,2	10,9	6,0	(26,8)
Médias " " "	7,6	10,0	8,3	9,2
Grandes " " "	14,5	8,2	7,4	(49,0)
Total da Amostra	8,3	5,7	7,2	(13,3)
Maiores S/A's (ramo Pr.Alim.)	-	7,0	6,7	(4,3) (*)

(\*) Variação 1975/74

O Lucro Líquido obtido por pessoa ocupada na produção do Ramo, de modo global, apresentou, inversamente ao total da amostra, decréscimo, no ano de 1975 em relação a 1974. A queda de produtividade bem mais acentuada nas pequenas empresas deveu-se à redução nos valores reais do Lucro Líquido desses estabelecimentos, naqueles dois anos, levando o valor alcançado em 1974, - superior ao total da amostra - a uma acentuada queda, em 1975, que o reduziu a menos de 50,0% do valor per capita de todas as empresas analisadas, como mostra o Quadro VIII.16.

## Quadro VIII.16

Rentabilidade do Pessoal na Produção  
(Lucro Líquido/Pessoal na Produção)

(Em cruzeiros)

Extratos	Anos	1974 <sup>(*)</sup>	1975	Variação % 1975/74
Total do ramo Prod. Aliment.		10 027	8 704	(13,2)
Pequenas " " "		8 388	5 087	(39,4)
Médias " " "		7 012	5 551	(20,8)
Grandes " " "		11 937	11 342	(5,0)
Total da Amostra		8 266	10 982	32,9

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col.18) - Revista Conjuntura Econômica - F. G.V.

## E - Análise Financeira

## 1 - Liquidez Geral

No período de 1973/74, quando ocorreu incremento no Índice de liquidez geral, para o ramo de Produtos Alimentares, verificou-se um aumento das imobilizações, em proporções menores ao do Patrimônio Líquido, o que liberou recursos para giro. Tal não ocorreu no período seguinte (1974/75) quando o acréscimo relativo do capital próprio foi menor que o de imobilizações, levando a uma utilização dos recursos em giro para financiá-las.

Diferentemente da tendência dos índices do total da amostra, os vários estratos que compõem o Ramo apresentaram, no final do período, uma deterioração na situação de liquidez. Essa alteração foi mais acentuada no estrato de pequeno porte, atingindo cerca de 10,0%, em função da queda de participação do Capital de Giro Próprio nos valores do Ativo.

No caso das grandes empresas, a redução do Índice, em 1975, expressa no Quadro VIII.17, deveu-se ao incremento no grau de imobilizações, já anteriormente comentado, que reduziu sensivelmente a liberação de recursos para giro, de modo especial no último ano.

Quadro VIII.17

Índice de Liquidez Geral

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Prod. Aliment.		1,59	1,76	1,53
Pequenas " " "		1,41	1,30	1,27
Médias " " "		1,35	1,44	1,31
Grandes " " "		1,70	2,00	1,67
Total da Amostra		1,30	1,18	1,31
Maiores S/A's (ramo Pr. Alim.)		-	1,29	1,26
Melhores e Maiores (ramo Pr. Alim)		1,08	1,01	1,00

2 - Liquidez Corrente

O exame do Quadro VIII.18 demonstra que os Índices de liquidez corrente desse Ramo, - ao inverso do comportamento a apresentado pelo total da amostra - tendem a decrescer, no período, em função, basicamente, do desempenho das grandes empresas.

Deve-se destacar, para essas empresas, que, apesar de ter havido um acréscimo no Ativo Corrente relativamente menor que o do Patrimônio Líquido, a queda dos índices ocorreu em virtude do aumento do grau de imobilizações e da marcante transferência de dívidas de longo para curto prazo que influenciaram negativamente na situação de liquidez corrente.

Já, as médias e pequenas empresas - notadamente, es



tas últimas - compensaram as exigências de imobilizações e melhoraram a situação de liquidez, no final do período, aumentando consideravelmente a utilização de recursos de longo prazo, fato não muito comum para empresas desses portes.

Quadro VIII.18

Índice de Liquidez Corrente

(Em unidades)

Extratos	Anos	1973	1974	1975
Total do ramo Prod. Aliment.		2,50	2,14	1,74
Pequenas " " "		1,42	1,43	1,48
Médias " " "		1,23	1,32	1,29
Grandes " " "		3,99	2,89	2,02
Total da Amostra		1,54	1,55	1,80
Maiores S/A's (ramo Pr. Alim.)		-	1,48	1,56

F - Conclusões

Considerando-se a amostra da indústria de Produtos Alimentares em Campinas, aqui analisada, constatou-se uma perda de importância relativa ao final do período estudado, tanto em termos de Faturamento como de Lucro Líquido gerado pelo total das empresas industriais pesquisadas.

Deve-se entender da afirmação anterior que o crescimento desse Ramo ocorreu em menores proporções que o de outros gêneros.

Porém, o estudo dos estratos de tamanho evidenciou um desempenho peculiar em função das diferentes características estruturais e do mercado onde atuam.

Desse modo, as pequenas e médias empresas do Ramo, representadas em sua maioria por estabelecimentos produtores de doces

em geral, cerca de 70,0%, com mercado consumidor concentrado no Município e cidades mais próximas, apresentaram seus piores resultados no ano de 1975, conforme os vários indicadores analisados no trabalho. A situação dessas empresas deve ter se agravado, após 1975, em decorrência da perda de poder aquisitivo das classes de menor renda que constituem seu mercado, ao ponto de cortarem da pauta de consumo, produtos dessa natureza.

Já as grandes empresas, caracterizadas na amostra, principalmente, por fabricantes de gêneros de primeira necessidade, com seu mercado consumidor localizado, quase que na sua totalidade (91,0%), fora do município de Campinas e atingindo todo o País, evidenciaram os mais baixos indicadores, em 1974.

Assim, apresentando decréscimos no Faturamento e Lucro Líquido, - da ordem de 13,0% e 35,0%, respectivamente - essas empresas tiveram considerável redução na sua produtividade e taxa de retorno, naquele ano.

No entanto, esse comportamento foi acompanhado de um incremento nos investimentos, o que determinou o crescimento do Patrimônio Líquido, em torno de 24,1%, e acentuadamente do Imobilizado Técnico. Este fato denota uma política própria dessas empresas, reflexo do mercado consumidor de seus produtos que cresce ve getativamente.

Conclusões



## Conclusões

Coerente com a filosofia explícita da UNICAMP, - que utiliza como meios igualmente importantes, o ensino, a pesquisa e o atendimento direto à comunidade da qual constitui parte integrante - o CTAE encara o presente trabalho como elemento imprescindível à execução de suas atividades.

A análise econômico-financeira das empresas industriais de Campinas é mais um componente dos trabalhos de pesquisa que preenche o escopo metodológico pré-estabelecido, de conhecimento da realidade do setor industrial, indispensável para o exercício das atividades de apoio à empresa nacional. Assim é que essa análise vem somar-se aos trabalhos anteriormente concluídos - Cadastro Industrial e Estrutura Industrial - para se constituir num todo necessário e complementar às demais atividades de ensino e assessoramento.

A compreensão e a orientação da empresa industrial são objetivos que têm sido perseguidos mediante a realização de atividades estrategicamente distintas - pesquisa e assessoramento, direto ou via cursos - pois, enquanto a pesquisa estuda a realidade por meio do levantamento, sistematização e análise de dados, o assessoramento propicia a acumulação de experiências indispensáveis à interpretação dessa realidade.

Além do mais, para a atividade de ensino (especialização de consultores industriais e de técnicos de bancos de desenvolvimento), o conjunto de pesquisas significa uma contribuição importante ao fornecer subsídios metodológicos necessários ao conhecimento do setor industrial de regiões onde se atua. Este conhecimento torna-se essencial desde a elaboração dos planos de a-

ção, - na medida em que pode estabelecer prioridades, em função das necessidades e ou importância relativa de cada segmento - até a fase de realização de diagnósticos empresariais. Pois, sabe-se que a análise empresarial, etapa de extrema significância para as atividades de apoio à empresa - tanto financeiro como de assistência econômico-administrativa e tecnológica - não prescinde de estudos desta natureza, contextualizados no tempo e no espaço e ainda estratificados em termos de gênero industrial e porte de empresa.

A otimização do uso dos recursos alocados para as atividades de apoio à empresa nacional, principalmente a pequena e média, leva à necessidade de se detectar capacidades empresariais explícitas ou potenciais. A análise empresarial com essa finalidade só é viabilizada quando a realidade é sistematicamente estudada, tornando possível o estabelecimento de comparações entre as empresas de um mesmo ramo e estrato de tamanho. Contudo, estudos dessa natureza só têm sido realizados em empresas de grande porte e independentemente de sua localização, o que impede o confronto.

Quando o objetivo não se limita às grandes empresas e busca compreender também as pequenas e médias, o uso de dados de balanços resulta muito mais árduo. Principalmente quando se trata de empresas de pequeno porte, torna-se complexo ao extremo trabalhar tecnicamente com todo o universo, dada a ausência de padronização de dados e a falta de confiabilidade dos balanços. No entanto, ao se utilizar uma amostra rigorosamente selecionada e ao se privilegiar a análise horizontal, o trabalho se viabiliza, - embora demandando muito mais esforço - e, conseqüentemente preenche-se a lacuna existente no campo da análise econômica e financeira da empresa.

Claro está que o presente estudo não esgota a análise do te-

ma abordado, não sō porque um de seus objetivos ē justamente fixar uma metodologia, mas tambēm, porque esse tipo de anālise, (econômico-financeira), pela sua prōpria essēncia, ē muito mais indicativa do que conclusiva. Mesmo como anālise indicativa, os dados nāo sāo trabalhados visando, por exemplo, detectar e ou quantificar aspectos de tecnologia e nem mesmo com a preocupaçāo especīfica de objetivar a melhor aplicaçāo dos recursos financeiros. Entretanto, a partir desses dados coletados ē possīvel derivar a anālise de acordo com outros interesses e ou finalidades previamente estabelecidos.

Deve-se ainda destacar que ao ser caracterizada como trabalho piloto, esta pesquisa contēm falhas, principalmente relativas ā indispensāvel incorporaçāo de outros dados. Isto vale dizer da necessidade de solicitar ās empresas o fornecimento de balanços com maior detalhamento das Contas, - de tal maneira que possibilite desagregaçāo de acordo com a natureza da aplicaçāo (realizāvel decomposto em financiamento das vendas, outros crēditos, estoques de matēria-prima, produto em processo e produto acabado), melhor identificaçāo do uso dos recursos (financiamento de ativo fixo e giro) - em especial, as de Resultados, o que permitiria uma anālise mais aprofundada em relaçāo ā estrutura de custos, enriquecendo sobremaneira o estudo da produtividade.

Assim sendo, ao aquilatar as vantagens que trabalhos como este podem representar para o conhecimento da realidade e da evoluçāo do setor industrial, sugere-se a sua extensāo para outras regiōes e Estados no sentido de que os programas compostos de cursos e assessorāmento ās empresas industriais se beneficiem de uma gama de informaçōes que propiciem o real equacionamento das neces









Tabela I

Evolução do Faturamento anual por Ramo

(Em cruzeiros)

Ramos \ Anos	1973(*)	Índice	1974(*)	Índice	1975	Índice(**)
M.ñ.Met.	82 974 725	100	106 136 707	128	103 581 875	098
Metal.	126 401 888	100	176 347 466	140	189 022 799	107
Mecânica	556 745 003	100	578 787 074	104	708 507 349	122
M.Elēt.	182 152 161	100	390 845 413	215	284 944 395	073
M.Trans.	2 044 247	100	3 530 183	173	3 848 076	109
Madeira	27 612 023	100	34 432 583	125	28 018 201	081
Mobil.	176 775 793	100	146 351 982	083	169 262 872	116
Química	456 993 496	100	633 411 871	139	682 555 116	108
P.Farm.	224 428 256	100	212 646 357	095	269 778 686	127
M.Plást.	92 906 175	100	113 410 579	122	199 861 000	176
Têxtil	66 336 714	100	83 304 229	125	83 601 058	100
V.Calç.	71 528 669	100	77 573 827	108	86 616 438	112
P.Alim.	273 873 118	100	263 825 729	096	285 443 897	108
Bebidas	12 260 785	100	15 394 834	126	14 289 586	093
Ed.e Gr.	67 893 865	100	74 433 912	110	71 029 131	095
Total	2 420 926 918	100	2 910 432 746	120	3 180 360 479	109

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col. 18)-Revista Conjuntura Económica - F.G.V.

(\*\*) Índice base móvel

Tabela II

Participação dos Ramos no Faturamento

(Em percentuais)

Ramos \ Anos	1973	1974	1975
Min. não Met.	3,4	3,6	3,3
Metalúrgica	5,2	6,1	5,9
Mecânica	23,1	19,9	22,3
M. Elét. e de Com.	7,5	13,4	9,0
Mat. de Transp.	0,1	0,1	0,1
Madeira	1,1	1,2	0,9
Mobiliário	7,3	5,0	5,3
Química	18,9	21,7	21,5
Prods. Farm.	9,3	7,3	8,5
Mats. Plást.	3,8	3,9	6,3
Têxtil	2,7	2,9	2,6
Vest., Calç.	3,0	2,7	2,7
Prods. Aliment.	11,3	9,1	9,0
Bebidas	0,5	0,5	0,4
Edit. e Gráf.	2,8	2,6	2,2
Total	100,0	100,0	100,0

Tabela III

## Evolução do Ativo Real por Ramo

(Em cruzeiros)

Ramos	Anos	1973(*)	Índice	1974(*)	Índice	1975	Índice(**)
M.ñ.Met.		82 735 570	100	78 772 843	095	86 912 882	110
Metal.		92 969 756	100	119 505 952	129	144 151 492	121
Mecânica		500 093 354	100	495 361 542	099	583 672 386	118
M.Elét.		127 625 819	100	240 495 546	188	171 557 936	071
M.Trans.		981 752	100	1 322 182	135	1 246 932	094
Madeira		13 836 846	100	14 799 343	107	16 508 319	112
Mobil.		99 657 671	100	98 218 583	099	118 582 706	121
Química		276 511 802	100	365 999 018	132	409 668 426	112
P.Farm.		192 421 781	100	202 697 144	105	241 054 488	119
M.Plást.		75 936 356	100	91 050 551	120	147 305 176	162
Têxtil		56 113 338	100	55 142 067	098	58 036 001	105
V,Calç.		49 393 527	100	55 897 411	113	64 609 231	116
P.Alim.		141 301 076	100	164 795 186	117	186 051 961	113
Bebidas		9 097 839	100	9 768 757	107	10 662 369	109
Ed.e Gr.		42 996 292	100	55 579 817	129	62 421 851	112
Total		1 761 672 779	100	2 049 405 942	116	2 302 442 156	112

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col. 18)-Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

(\*\*) Índice base móvel

Tabela IV

## Participação dos Ramos no Ativo Real

(Em percentuais)

Ramos \ Anos	1973	1974	1975
Min. não Met.	4,7	3,8	3,8
Metalúrgica	5,3	5,8	6,3
Mecânica	28,4	24,3	25,3
M. Elét. e de Com.	7,2	11,7	7,5
Mat. de Transp.	0,1	0,1	0,1
Madeira	0,8	0,7	0,7
Mobiliário	5,7	4,8	5,2
Química	15,7	17,9	17,7
Prods. Farm.	10,9	9,9	10,4
Mats. Plást.	4,3	4,4	6,4
Têxtil	3,2	2,7	2,5
Vest., Calç.	2,8	2,7	2,8
Prods. Aliment.	8,0	8,0	8,1
Bebidas	0,5	0,5	0,5
Edit. e Gráf.	2,4	2,7	2,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Tabela V

Evolução do Patrimônio Líquido por Ramo

(Em cruzeiros)

Ramos	1973(*)	Índice	1974(*)	Índice	1975(*)	Índice(**)
M.ñ.Met.	62 324 215	100	59 959 317	096	68 612 822	114
Metá.	48 208 714	100	63 688 942	132	79 645 760	125
Mecânica	215 964 814	100	239 669 666	111	341 407 722	142
M.Elét.	46 942 447	100	57 466 757	122	55 594 812	097
M.Trans.	450 897	100	717 856	159	780 364	109
Madeira	4 592 213	100	5 273 034	115	5 908 788	112
Mobil.	38 498 820	100	42 940 597	112	52 731 219	123
Química	132 618 632	100	43 350 700	033	106 958 580	247
P.Farm.	130 890 839	100	125 125 129	096	139 054 549	111
M.Plást.	32 224 468	100	35 288 630	110	47 586 835	135
Têxtil	25 096 823	100	27 243 594	109	23 733 202	087
V,Calç.	17 200 394	100	19 052 038	111	21 112 845	111
P.Alim.	90 259 740	100	109 376 489	121	118 997 347	109
Bebidas	7 246 738	100	7 600 607	105	7 599 841	100
Ed.e Gr.	16 651 699	100	23 464 433	141	22 057 563	094
<b>Total</b>	<b>869 171 437</b>	<b>100</b>	<b>860 217 789</b>	<b>099</b>	<b>1 091 782 249</b>	<b>127</b>

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col. 18)-Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

(\*\*) Índice base móvel

Tabela VI

Participação dos Ramos no Patrimônio Líquido

(Em percentuais)

Ramos	Anos	1973	1974	1975
Min.não Met.		7,2	7,0	6,3
Metalúrgica		5,5	7,4	7,3
Mecânica		24,8	27,9	31,3
M.Elét.e de Com.		5,4	6,7	5,1
Mat.de Transp.		0,1	0,1	0,1
Madeira		0,5	0,6	0,5
Mobiliário		4,4	5,0	4,8
Química		15,3	5,0	9,8
Prods.Farm.		15,1	14,5	12,7
Mats.Plást.		3,7	4,1	4,4
Têxtil		2,9	3,2	2,2
Vest.,Calç.		2,0	2,2	1,9
Prods.Aliment.		10,4	12,7	10,9
Bebidas		0,8	0,9	0,7
Edit.e Gráf.		1,9	2,7	2,0
Total		100,0	100,0	100,0



Tabela VII

Evolução do Lucro Líquido (D.I.R.) anual por Ramo

(Em cruzeiros)

Ramos	Anos	1973(*)	Ín- dice	1974(*)	Ín- dice	1975	Ín- dice(**)
M.ñ.Met.		6 312 055	100	7 981 900	126	6 093 878	076
Metal.		9 526 594	100	13 725 405	144	13 880 045	101
Mecânica		57 017 167	100	36 533 044	064	85 063 241	233
M.Elēt.		9 869 850	100	9 233 887	094	6 534 476	071
M.Trans.		183 111	100	246 842	135	103 169	042
Madeira		1 035 261	100	1 324 819	128	1 076 454	081
Mobil.		9 449 343	100	5 408 303	057	10 476 558	194
Química		9 516 235	100	8 683 710	091	6 034 001	069
P.Farm.		6 515 534	100	714 806	011	12 396 865	1734
M.Plást.		7 633 643	100	7 676 197	101	2 879 918	038
Têxtil		3 920 665	100	2 159 563	055	2 157 063	099
V,Calç.		3 091 068	100	2 221 766	072	2 565 218	115
P.Alim.		17 924 663	100	14 449 388	081	13 812 637	096
Bebidas		489 240	100	685 715	140	49 503	007
Ed.e Gr.		3 676 299	100	5 495 480	149	1 846 094	034
Total		146 160 728	100	116 540 825	080	164 969 120	142

(\*) Valores corrigidos a preços de 1975 pelo I.P.A. - Oferta Global (Col. 18)- Revista Conjuntura Econômica - F.G.V.

(\*\*) Índice base móvel

Tabela VIII

Participação dos Ramos no Lucro Líquido (D.I.R.)

(Em percentuais)

Ramos	Anos	1973	1974	1975
Min. não Met.		4,3	6,8	3,7
Metalúrgica		6,5	11,8	8,3
Mecânica		39,0	31,4	51,5
M. Elét. e de Com.		6,8	7,9	4,0
Mat. de Transp.		0,1	0,2	0,1
Madeira		0,7	1,1	0,7
Mobiliário		6,5	4,6	6,4
Química		6,5	7,5	3,7
Prods. Farm.		4,5	0,6	7,5
Mats. Plást.		5,2	6,6	1,7
Têxtil		2,7	1,9	1,3
Vest., Calç.		2,1	1,9	1,6
Prods. Aliment.		12,3	12,4	8,3
Bebidas		0,3	0,6	0,1 (*)
Edit. e Gráf.		2,5	4,7	1,1
Total		100,0	100,0	100,0

(\*) Percentual aproximado do valor obtido: 0,030%.

Tabela IX  
Estrutura de Capital por Ramo

(Em percentuais)		Porte: Total											
Ramos	Anos	Contas	Disp.	Real.	At.	Real.	At.	Imob.	At.	Fxig.	Exig.	Pass.	Patr.
				C.P.	Corr.	L.P.	Circ.	Real	C.P.	L. P.	Circ.	Liq.	
Total	1973		5,6	58,2	63,8	2,3	66,1	33,9	100,0	41,5	9,2	50,7	49,3
	1974		6,3	59,9	66,2	2,1	68,3	31,7	100,0	42,6	15,4	58,0	42,0
	1975		6,3	59,4	65,7	3,1	68,8	31,2	100,0	36,5	16,1	52,6	47,4
Min. não Met.	1973		11,0	30,5	41,5	3,9	45,4	54,6	100,0	18,3	6,4	24,7	75,3
	1974		15,9	34,2	50,1	4,4	54,5	45,5	100,0	21,5	2,4	23,9	76,1
	1975		14,5	36,0	50,5	4,2	54,7	45,3	100,0	18,2	2,9	21,1	78,9
Metalúrgica	1973		8,2	53,4	61,6	4,0	65,6	34,4	100,0	40,7	7,4	48,1	51,9
	1974		10,4	56,4	66,8	4,0	70,8	29,2	100,0	40,1	7,4	47,5	52,5
	1975		8,6	56,5	65,1	4,5	69,6	30,4	100,0	32,1	12,6	44,7	55,3
Mecânica	1973		3,6	65,4	69,0	0,7	69,7	30,3	100,0	46,6	10,2	56,8	43,2
	1974		4,4	62,7	67,1	1,1	68,2	31,8	100,0	42,6	9,0	51,6	48,4
	1975		3,0	68,5	71,5	1,1	72,6	27,4	100,0	33,9	7,6	41,5	58,5
M. Elét. e de Com.	1973		5,3	61,9	67,2	1,5	68,7	31,3	100,0	59,3	3,9	63,2	36,8
	1974		5,3	70,1	75,4	0,9	76,3	23,7	100,0	65,6	10,5	76,1	23,9
	1975		3,8	54,1	57,9	10,2	68,1	31,9	100,0	55,0	12,6	67,6	32,4
Mat. de Transp.	1973		25,7	47,7	73,4	1,1	74,5	25,5	100,0	48,7	5,4	54,1	45,9
	1974		23,1	47,8	0,9	1,3	72,2	27,8	100,0	38,9	6,8	45,7	54,3
	1975		20,9	51,3	72,2	2,0	74,2	25,8	100,0	37,4	-	37,4	62,6
Madeira	1973		9,9	58,4	68,3	1,3	69,6	30,4	100,0	47,5	19,3	66,8	33,2
	1974		9,6	52,4	62,0	2,0	64,0	36,0	100,0	40,1	24,3	64,4	35,6
	1975		11,1	54,2	65,3	1,8	67,1	32,9	100,0	40,4	23,8	64,2	35,8
Mobiliário	1973		8,4	66,7	75,1	3,0	78,1	21,9	100,0	50,0	11,3	61,3	38,7
	1974		10,1	61,7	71,8	4,1	75,9	24,1	100,0	43,3	13,0	56,3	43,7
	1975		11,2	58,9	70,1	5,2	75,3	24,7	100,0	40,9	14,6	55,5	44,5
Química	1973		6,6	57,7	64,3	2,8	67,1	32,9	100,0	41,9	10,1	52,0	48,0
	1974		8,0	64,4	72,4	1,4	73,8	26,2	100,0	45,0	43,2	88,2	11,8
	1975		10,6	58,2	68,8	3,5	72,3	27,7	100,0	37,2	36,7	73,9	26,1
Prods. Farm.	1973		0,9	57,5	58,4	0,8	59,2	40,8	100,0	30,8	1,2	32,0	68,0
	1974		2,4	62,5	64,9	0,5	65,4	34,6	100,0	37,3	1,0	38,3	61,7
	1975		2,3	65,9	68,2	0,4	68,6	31,4	100,0	32,8	9,5	42,3	57,7
Mats. Plást.	1973		5,6	52,1	57,7	9,1	66,8	33,2	100,0	42,7	14,9	57,6	42,4
	1974		5,0	42,7	47,7	4,8	52,5	47,5	100,0	37,3	23,9	61,2	38,8
	1975		5,3	57,4	62,7	2,6	65,3	34,7	100,0	39,1	28,6	67,7	32,3
Têxtil	1973		4,6	66,1	70,7	3,0	73,7	26,3	100,0	47,6	7,7	55,3	44,7
	1974		3,5	55,9	59,4	5,9	65,3	34,7	100,0	37,1	13,5	50,6	49,4
	1975		3,9	64,0	67,9	3,3	71,2	28,8	100,0	40,3	18,8	59,1	40,9
Vest., Calç.	1973		6,6	70,3	76,9	0,5	77,4	22,6	100,0	53,8	11,4	65,2	34,8
	1974		7,4	70,8	78,2	0,5	78,7	21,3	100,0	54,0	11,9	65,9	34,1
	1975		6,7	71,0	77,7	0,6	78,3	21,7	100,0	52,7	14,6	67,3	32,7
Prods. Aliment.	1973		8,7	44,8	53,5	3,8	57,3	42,7	100,0	21,4	14,7	36,1	63,9
	1974		4,8	50,1	54,9	4,1	59,0	41,0	100,0	25,7	7,9	33,6	66,4
	1975		5,9	45,3	51,2	3,8	55,0	45,0	100,0	29,4	6,6	36,0	64,0
Bebidas	1973		6,3	26,5	32,8	3,1	35,9	64,1	100,0	17,7	2,6	20,3	79,7
	1974		9,1	26,5	35,6	2,8	38,4	61,6	100,0	17,3	4,9	22,2	77,7
	1975		5,7	34,0	39,7	2,5	42,2	57,8	100,0	26,7	2,0	28,7	71,3
Edit. e Gráf.	1973		7,6	54,1	61,7	1,3	63,0	37,0	100,0	44,6	16,7	61,3	38,7
	1974		9,5	51,7	61,2	2,6	63,8	36,2	100,0	42,6	15,2	57,8	42,2
	1975		9,4	47,9	57,3	4,3	61,6	38,4	100,0	41,1	23,6	64,7	35,3

Tabela X

Estrutura de Capital por Ramo

(Em percentuais)		Porte: Pequenas										
Ramos	Contas Anos	Disp.	Real.	At.	Real.	At.	Imob.	At.	Exig.	Exig.	Pass.	Patr.
		C.P.	Corr.	L.P.	Circ.	Real	C.P.	L.P.	Circ.	Lĩq.		
Total Pequenas	1973	9,1	50,6	59,7	3,1	62,8	37,2	100,0	44,9	9,0	53,9	46,1
	1974	10,0	50,8	60,8	3,3	64,1	35,9	100,0	44,1	8,0	52,1	47,9
	1975	9,8	50,9	60,7	2,8	63,5	36,5	100,0	43,0	11,0	54,0	46,0
Min.ñ.Met.	1973	8,7	31,6	40,3	3,2	43,5	56,5	100,0	23,8	8,3	32,1	67,9
	1974	11,8	33,5	45,3	2,1	47,4	52,6	100,0	26,3	3,0	29,3	70,7
	1975	7,9	35,7	43,6	2,0	45,6	54,4	100,0	23,2	4,2	27,4	72,6
Metalúrgica	1973	12,2	53,1	65,3	4,6	69,9	30,1	100,0	46,8	5,6	52,4	47,6
	1974	13,1	55,5	68,6	3,0	71,6	28,4	100,0	46,1	3,6	49,7	50,3
	1975	14,0	46,9	60,9	3,6	64,5	35,5	100,0	40,8	7,2	48,0	52,0
Mecânica	1973	8,9	45,0	53,9	2,3	56,2	43,8	100,0	34,5	14,8	49,3	50,7
	1974	9,3	41,2	50,5	5,5	56,0	44,0	100,0	37,2	11,3	48,5	51,5
	1975	10,4	46,5	56,9	2,6	59,5	40,5	100,0	43,6	11,5	55,1	44,9
M.Elê.t.e de Com.	1973	10,4	66,6	77,0	0,7	77,7	22,3	100,0	50,7	5,4	56,1	43,9
	1974	9,4	66,5	75,9	0,2	76,1	23,9	100,0	39,3	2,4	41,7	58,3
	1975	9,8	66,3	76,1	0,4	76,5	23,5	100,0	46,4	2,1	48,5	51,5
Mat.de Transp.	1973	25,7	47,7	73,4	1,1	74,5	25,5	100,0	48,7	5,4	54,1	45,9
	1974	23,1	47,8	70,9	1,3	72,2	27,8	100,0	38,9	6,8	45,7	54,3
	1975	20,9	51,3	72,2	2,0	74,2	25,8	100,0	37,4	-	37,4	62,6
Madeira	1973	13,0	56,4	69,4	2,2	71,6	28,4	100,0	56,7	7,8	64,5	35,5
	1974	9,1	56,8	65,9	3,4	69,3	30,7	100,0	49,4	12,0	61,4	38,6
	1975	14,9	53,1	68,0	2,9	70,9	29,1	100,0	45,8	14,5	60,3	39,7
Mobiliário	1973	7,2	69,0	76,2	0,7	76,9	23,1	100,0	63,5	7,8	71,3	28,7
	1974	5,3	66,9	72,2	0,8	73,0	27,0	100,0	66,7	9,6	76,3	23,7
	1975	6,8	62,1	68,9	0,9	69,8	30,2	100,0	56,3	14,0	70,3	29,7
Química	1973	5,6	59,1	64,7	1,4	66,1	33,9	100,0	56,0	8,3	64,3	35,7
	1974	11,2	58,3	69,5	0,6	60,1	29,9	100,0	49,7	14,7	64,4	35,6
	1975	12,0	54,5	66,5	1,3	67,8	32,2	100,0	45,1	15,6	60,7	39,3
Prods.Farm.	1973	0,2	91,5	91,7	-	91,7	8,3	100,0	45,5	-	45,5	54,5
	1974	0,1	92,4	92,5	-	92,5	7,5	100,0	52,5	-	52,5	47,5
	1975	0,5	93,4	93,9	-	93,9	6,1	100,0	42,7	-	42,7	57,3
Mats.Plást.	1973	4,7	49,6	54,3	15,2	69,5	30,5	100,0	64,6	7,8	72,4	27,6
	1974	9,7	43,0	52,7	11,7	64,4	35,6	100,0	54,1	7,3	61,4	38,6
	1975	10,0	49,9	59,9	8,8	68,7	31,3	100,0	60,2	7,4	67,6	32,4
Têxtil	1973	5,2	43,4	48,6	2,3	50,9	49,1	100,0	38,6	10,6	49,2	50,8
	1974	3,5	39,7	43,2	14,1	57,3	42,7	100,0	36,4	10,9	47,3	52,7
	1975	2,8	48,3	51,1	9,2	60,3	39,7	100,0	42,1	14,0	56,1	43,9
Vest.,Calç.	1973	5,6	72,3	77,9	0,5	78,4	21,6	100,0	57,7	10,5	68,2	31,8
	1974	7,3	71,6	78,9	0,5	79,4	20,6	100,0	54,6	11,0	65,6	34,4
	1975	7,3	70,9	78,2	0,6	78,8	21,2	100,0	52,1	16,3	68,4	31,6
Prods.Aliment.	1973	19,6	40,3	59,9	1,5	61,4	38,6	100,0	42,2	1,4	43,6	56,4
	1974	15,0	50,5	65,5	1,4	66,9	33,1	100,0	45,9	5,4	51,3	48,7
	1975	15,3	49,8	65,1	1,3	66,4	33,6	100,0	43,9	8,3	52,2	47,8
Bebidas	1973	6,4	48,7	55,1	0,5	55,6	44,4	100,0	55,8	3,5	59,3	40,7
	1974	30,3	19,6	49,9	0,7	50,6	49,4	100,0	42,4	-	42,4	57,6
	1975	0,8	80,7	81,5	0,7	82,2	17,8	100,0	82,2	-	82,2	17,8
Edit.e Gráf.	1973	10,8	46,5	57,3	1,9	59,2	40,8	100,0	44,6	15,6	60,2	39,8
	1974	10,0	48,6	58,6	1,8	60,4	39,6	100,0	49,4	14,4	63,8	36,2
	1975	9,5	39,5	49,0	4,8	53,8	46,2	100,0	41,9	26,0	67,9	32,1

Tabela XI

## Estrutura de Capital por Ramo

(Em percentuais)		Porte: Médias											
Ramos	Anos	Contas	Disp.	Real.	At.	Real.	At.	Imob.	At.	Exig.	Exig.	Pass.	Patr.
				C.P.	Corr.	L.P.	Circ.	Real	C.P.	L.P.	Circ.	Ltq.	
Total Médias	1973		6,8	56,4	66,2	3,5	66,7	33,3	100,0	41,0	12,0	53,0	47,0
	1974		8,3	53,9	62,2	3,1	65,3	34,7	100,0	35,8	18,3	54,1	45,9
	1975		7,6	56,0	63,6	3,5	67,1	32,9	100,0	35,0	18,6	53,6	46,4
Min. não Met.	1973		16,3	28,1	44,4	5,5	49,9	50,1	100,0	5,7	1,9	7,6	92,4
	1974		27,9	36,1	64,0	11,0	75,0	25,0	100,0	7,4	0,9	8,3	91,7
	1975		29,1	36,5	65,6	9,2	74,8	25,2	100,0	6,9	-	6,9	93,1
Metalúrgica	1973		7,1	64,3	71,4	1,9	73,3	26,7	100,0	42,1	18,5	60,6	39,4
	1974		13,6	58,5	72,1	2,4	74,5	25,5	100,0	37,9	12,0	49,9	50,1
	1975		9,3	58,6	67,9	2,7	70,6	29,4	100,0	33,6	16,1	49,7	50,3
Mecânica	1973		8,7	42,7	51,4	4,2	55,6	44,4	100,0	41,7	17,0	58,7	41,3
	1974		5,6	41,5	47,1	4,4	51,5	48,5	100,0	39,3	25,5	64,8	35,2
	1975		7,2	40,4	47,6	6,8	54,4	45,6	100,0	34,4	17,6	52,0	48,0
M. El. e de Com.	1973		4,8	61,9	66,7	-	66,7	33,3	100,0	51,8	9,2	61,0	39,0
	1974		8,4	61,3	69,7	0,1	69,8	30,2	100,0	39,5	32,2	71,7	28,3
	1975		4,0	59,9	63,9	2,1	66,0	34,0	100,0	35,5	26,4	61,9	38,1
Madeira	1973		5,9	61,0	66,9	0,2	67,1	32,9	100,0	35,7	34,1	69,8	30,2
	1974		10,3	45,8	56,1	-	56,1	43,9	100,0	26,2	42,7	68,9	31,1
	1975		4,8	56,1	60,9	-	60,9	39,1	100,0	31,5	39,2	70,7	29,3
Mobiliário	1973		8,8	65,9	74,7	3,8	78,5	21,5	100,0	45,4	12,5	57,9	42,1
	1974		11,6	60,1	71,7	5,1	76,8	23,2	100,0	36,5	14,0	50,5	49,5
	1975		12,3	58,1	70,4	6,3	76,7	23,3	100,0	37,0	14,7	51,7	48,3
Química	1973		5,3	53,8	59,1	2,3	61,4	38,6	100,0	45,8	12,0	57,8	42,2
	1974		6,7	60,3	67,0	1,9	68,9	31,1	100,0	36,4	10,1	46,5	53,5
	1975		4,2	58,5	62,7	2,9	65,6	34,4	100,0	36,0	8,4	44,4	55,6
Prods. Farm.	1973		4,9	53,5	58,4	1,8	60,2	39,8	100,0	31,3	9,3	46,6	59,4
	1974		6,0	58,4	64,4	0,1	64,5	35,5	100,0	27,5	8,6	36,1	63,9
	1975		8,0	58,2	66,2	0,4	66,6	33,4	100,0	22,2	8,4	30,6	69,4
Mats. Plást.	1973		5,9	52,8	58,7	7,0	65,7	34,3	100,0	35,4	17,3	52,7	47,3
	1974		3,9	42,7	46,6	3,1	49,7	50,3	100,0	33,1	28,1	61,2	38,8
	1975		4,7	58,4	63,1	1,7	64,8	35,2	100,0	36,1	31,6	67,7	32,3
Têxtil	1973		4,5	71,2	75,7	3,1	78,8	21,2	100,0	49,6	7,1	56,7	43,3
	1974		3,5	63,2	66,7	2,2	68,9	31,1	100,0	37,3	14,7	52,0	48,0
	1975		4,4	70,6	75,0	0,8	75,8	24,2	100,0	39,5	20,8	60,3	39,7
Vest., Calç.	1973		8,8	65,5	74,3	0,5	74,8	25,2	100,0	44,8	13,4	58,2	41,8
	1974		7,5	68,7	76,2	0,7	76,9	23,1	100,0	52,2	14,5	66,7	33,3
	1975		4,4	71,5	75,9	0,6	76,5	23,5	100,0	55,2	7,5	62,7	37,3
Prods. Aliment.	1973		3,7	50,5	54,2	9,1	63,3	36,7	100,0	44,2	2,8	47,0	53,0
	1974		7,3	53,0	60,3	6,8	67,1	32,9	100,0	45,6	1,0	46,6	53,4
	1975		5,2	53,6	58,8	5,0	63,8	36,2	100,0	45,7	3,1	48,8	51,2
Bebidas	1973		6,3	24,8	31,1	3,3	34,4	65,6	100,0	14,8	2,6	17,4	82,6
	1974		7,9	26,9	34,8	2,9	37,7	62,3	100,0	15,8	5,2	21,0	79,0
	1975		6,6	26,0	32,6	2,9	35,5	64,5	100,0	17,1	2,4	19,5	80,5
Edit. e Gráf.	1973		4,7	61,5	66,2	0,6	66,8	33,2	100,0	44,7	17,7	62,4	37,6
	1974		9,1	54,4	63,5	3,3	66,8	33,2	100,0	36,5	15,9	52,4	47,6
	1975		9,3	53,7	63,0	3,9	66,9	33,1	100,0	40,5	21,9	62,4	37,6

Tabela XII

Estrutura de Capital por Ramo

(Em percentuais)

Porte:Grandes

Ramos	Contas Anos	Disp.	Real. C.P.	At. Corr.	Real. L.P.	At. Circ.	Imob.	At. Real	Exig. C.P.	Exig. L.P.	Pass. Circ.	Patr. Liq.
Total	1973	4,0	61,2	65,2	1,5	66,7	33,3	100,0	40,7	8,0	48,7	51,3
	1974	4,5	65,0	69,5	1,3	70,8	29,2	100,0	45,2	16,1	61,3	38,7
	1975	4,7	63,5	68,2	3,0	71,2	28,8	100,0	35,3	16,3	51,6	48,4
Metal.	1973	5,1	47,6	52,7	4,6	57,3	42,7	100,0	33,8	2,9	37,1	62,9
	1974	6,5	56,2	62,7	5,7	68,4	31,6	100,0	35,2	8,6	42,4	57,6
	1975	3,9	63,4	67,3	5,9	73,2	26,8	100,0	24,5	15,6	40,1	59,9
Mecânica	1973	2,7	69,1	71,8	0,3	72,1	27,9	100,0	47,9	9,2	57,1	42,9
	1974	3,7	67,7	71,4	0,2	71,6	28,4	100,0	43,6	6,5	50,1	49,9
	1975	1,6	74,7	76,3	0,2	76,5	23,5	100,0	32,8	5,8	38,6	61,4
M.Elét.	1973	4,9	61,3	66,2	2,7	68,9	31,1	100,0	65,6	-	65,6	34,4
	1974	3,4	74,9	78,3	1,4	79,7	20,3	100,0	81,0	-	81,0	19,0
	1975	2,1	44,9	47,0	21,3	68,3	31,7	100,0	78,5	-	78,5	21,5
Química	1973	6,9	58,3	65,2	3,0	68,2	31,8	100,0	40,5	9,8	50,3	49,7
	1974	8,1	65,4	73,5	1,3	74,8	25,2	100,0	46,1	50,2	96,3	3,7
	1975	11,5	58,3	69,8	3,7	73,5	26,5	100,0	37,0	42,2	79,2	20,8
P.Farm.	1973	0,3	58,1	58,4	0,6	59,0	41,0	100,0	30,7	-	30,7	69,3
	1974	2,0	63,0	65,0	0,5	65,5	34,5	100,0	38,6	-	38,6	61,4
	1975	1,5	67,0	68,5	0,4	68,9	31,1	100,0	34,3	9,7	44,0	56,0
P.Alim.	1973	8,4	44,0	52,4	2,8	55,2	44,8	100,0	13,1	19,4	32,5	67,5
	1974	2,7	49,4	52,1	3,8	55,9	44,1	100,0	18,1	9,9	28,0	72,0
	1975	4,7	42,7	47,4	3,9	51,3	48,7	100,0	23,5	7,2	30,7	69,3



Tabela XIV

Índices de Rentabilidade por Porte e Ramo

Ramos e Porte	Índices	L.LTq. (D.I.R.)/At.Real (Em percentuais)			L.LTq. (D.I.R.)/Patr.LTq. (Em percentuais)			L.LTq. (D.I.R.)/Pes.Prod. (Em cruzeiros)	
		Anos			1973	1974	1975	1974	1975
		1973	1974	1975	1973	1974	1975	1974	1975
Total		8,3	5,7	7,2	16,8	13,5	15,1	8 266	10 982
Pequenas		8,2	9,0	6,5	17,8	18,8	14,2	6 185	4 676
Médias		9,0	7,5	6,0	19,1	16,3	12,9	9 069	8 153
Grandes		8,0	4,0	7,9	15,6	10,4	16,4	9 520	19 769
M.ñ.Met.	Total	7,6	10,1	7,0	10,1	13,3	8,9	8 314	6 734
	Pequenas	8,2	11,7	8,1	12,1	16,5	11,1	7 818	5 954
	Médias	6,3	5,7	4,6	6,8	6,2	5,0	13 364	13 707
	Grandes	-	-	-	-	-	-	-	-
Metal.	Total	10,2	11,5	9,6	19,8	21,6	17,4	10 640	10 413
	Pequenas	12,3	14,1	9,4	25,9	28,0	18,1	9 441	6 590
	Médias	11,9	11,9	4,8	30,2	23,8	9,6	11 060	6 363
	Grandes	7,4	8,8	11,8	11,7	15,3	19,6	12 776	19 977
Mecân.	Total	11,4	7,4	14,6	26,4	15,2	24,9	10 317	17 648
	Pequenas	11,2	8,7	8,8	22,1	16,8	19,6	5 002	4 759
	Médias	11,1	8,2	9,7	27,0	23,2	20,1	4 915	5 036
	Grandes	11,4	7,1	15,9	26,7	14,3	25,8	14 724	28 079
M.Elétr.	Total	7,7	3,8	3,8	21,0	16,1	11,8	5 365	5 369
	Pequenas	15,3	9,4	9,9	34,9	16,2	19,2	9 696	4 061
	Médias	7,6	3,7	5,9	19,4	13,1	15,6	5 249	7 678
	Grandes	6,9	3,5	(*)	20,0	18,3	(*)	4 956	(*)
M.Trans.	Total	18,7	18,7	8,3	40,6	34,4	13,2	5 741	2 195
	Pequenas	18,7	18,7	8,3	40,6	34,4	13,2	5 741	2 195
	Médias	-	-	-	-	-	-	-	-
	Grandes	-	-	-	-	-	-	-	-
Madeira	Total	7,5	9,0	6,5	22,5	25,1	18,2	4 648	4 032
	Pequenas	7,2	7,4	8,7	20,2	19,1	21,9	3 593	5 104
	Médias	7,9	11,3	2,9	26,1	36,4	10,0	5 033	1 992
	Grandes	-	-	-	-	-	-	-	-
Mobil.	Total	9,5	5,5	8,8	24,5	12,6	19,9	4 812	9 837
	Pequenas	4,4	3,9	5,4	15,4	16,4	18,3	1 929	2 739
	Médias	11,2	6,0	9,7	26,7	12,1	20,1	6 701	15 617
	Grandes	-	-	-	-	-	-	-	-
Química	Total	3,4	2,4	1,5	7,2	20,0	5,6	9 199	7 422
	Pequenas	3,7	5,3	5,5	10,4	14,8	14,0	10 224	13 677
	Médias	5,8	15,4	6,8	13,7	28,3	12,2	34 669	18 659
	Grandes	3,0	0,1	0,4	6,0	1,4	2,1	234	2 735
P.Farm.	Total	3,4	0,4	5,1	5,0	0,6	8,9	1 492	24 355
	Pequenas	23,7	(*)	7,4	43,5	(*)	12,8	(*)	2 870
	Médias	8,4	2,3	10,9	14,2	3,6	15,7	2 554	13 076
	Grandes	2,6	0,1	4,3	3,8	0,2	7,7	689	35 494
M.Plást.	Total	10,1	8,4	2,0	23,7	21,8	6,1	18 233	5 353
	Pequenas	4,0	12,2	2,2	14,3	31,5	6,8	11 775	1 960
	Médias	12,0	7,5	1,9	25,5	19,3	5,9	23 444	7 442
	Grandes	-	-	-	-	-	-	-	-
Têxtil	Total	7,0	3,9	3,7	15,6	7,9	9,1	4 726	4 448
	Pequenas	3,2	2,5	2,4	6,4	4,7	5,5	1 796	1 403
	Médias	7,8	4,6	4,3	18,1	9,5	10,7	7 800	9 175
	Grandes	-	-	-	-	-	-	-	-
V.,Calç.	Total	6,3	4,0	4,0	18,0	11,7	12,2	2 574	2 902
	Pequenas	7,1	5,3	4,1	22,2	15,5	12,9	3 522	3 111
	Médias	4,4	0,1	3,5	10,5	0,4	9,5	85	2 199
	Grandes	-	-	-	-	-	-	-	-
P.Alim.	Total	12,7	8,8	7,4	19,9	13,2	11,6	10 027	8 704
	Pequenas	8,2	10,9	6,0	14,6	22,4	12,6	8 388	5 087
	Médias	7,6	10,0	8,3	14,3	18,6	16,3	7 012	5 551
	Grandes	14,5	8,2	7,4	21,5	11,3	10,7	11 937	11 342
Bebidas	Total	5,4	7,0	0,5	6,8	9,0	0,7	12 245	854
	Pequenas	8,6	15,4	1,8	21,2	26,7	9,9	5 155	1 629
	Médias	5,1	6,5	0,2	6,2	8,3	0,3	15 081	532
	Grandes	-	-	-	-	-	-	-	-
Ed.e Gr.	Total	8,6	9,9	3,0	22,1	23,4	8,4	11 618	3 737
	Pequenas	9,0	6,8	2,1	22,6	18,8	6,4	5 972	1 899
	Médias	8,1	12,6	3,6	21,6	26,5	9,5	21 233	6 064
	Grandes	-	-	-	-	-	-	-	-

(\*) Empresas que apresentaram prejuízo



Tabela XV

Índices de Liquidez por Porte e Ramo

(Em unidades)							
Ramos e Porte	Índices Anos	Liquidez Geral			Liquidez Corrente		
		1973	1974	1975	1973	1974	1975
Total		1,30	1,18	1,31	1,54	1,55	1,80
Pequenas		1,16	1,23	1,17	1,33	1,38	1,41
Médias		1,26	1,21	1,25	1,54	1,74	1,81
Grandes		1,37	1,15	1,38	1,60	1,54	1,93
Min. não Met.	Total	1,84	2,28	2,60	2,27	2,34	2,78
	Pequenas	1,36	1,62	1,66	1,70	1,72	1,88
	Médias	6,54	9,01	10,85	7,76	8,62	9,53
	Grandes	-	-	-	-	-	-
Metalúrgica	Total	1,36	1,52	1,55	1,51	1,70	2,03
	Pequenas	1,33	1,44	1,34	1,39	1,49	1,49
	Médias	1,21	1,49	1,42	1,69	1,90	2,02
	Grandes	1,54	1,61	1,82	1,54	1,86	2,74
Mecânica	Total	1,23	1,32	1,75	1,48	1,57	2,11
	Pequenas	1,02	1,15	1,08	1,56	1,36	1,30
	Médias	0,95	0,79	1,05	1,23	1,20	1,38
	Grandes	1,26	1,43	1,98	1,50	1,64	2,33
M. Elét. e de Com.	Total	1,09	1,00	1,01	1,13	1,15	1,05
	Pequenas	1,39	1,82	1,58	1,52	1,93	1,64
	Médias	1,09	0,97	1,07	1,29	1,76	1,80
	Grandes	1,05	0,98	0,87	1,01	0,97	0,60
Mat. de Transp.	Total	1,38	1,58	1,98	1,51	1,82	1,93
	Pequenas	1,38	1,58	1,98	1,51	1,82	1,93
	Médias	-	-	-	-	-	-
	Grandes	-	-	-	-	-	-
Madeira	Total	1,04	0,99	1,05	1,44	1,55	1,62
	Pequenas	1,11	1,13	1,18	1,22	1,34	1,48
	Médias	0,96	0,81	0,86	1,87	2,14	1,93
	Grandes	-	-	-	-	-	-
Mobiliário	Total	1,27	1,35	1,36	1,50	1,66	1,71
	Pequenas	1,08	0,96	0,99	1,20	1,08	1,22
	Médias	1,35	1,52	1,48	1,64	1,96	1,90
	Grandes	-	-	-	-	-	-
Química	Total	1,29	0,84	0,98	1,53	2,76	1,85
	Pequenas	1,03	1,09	1,12	1,16	1,40	1,48
	Médias	1,06	1,48	1,48	1,29	1,84	1,74
	Grandes	1,36	0,78	0,93	1,61	1,59	1,88
Prods. Farm.	Total	1,85	1,71	1,62	1,90	1,74	2,08
	Pequenas	2,01	1,76	2,20	2,01	1,76	2,20
	Médias	1,49	1,79	2,18	1,87	2,34	2,98
	Grandes	1,92	1,70	1,57	1,90	1,69	2,00
Mats. Plást.	Total	1,16	0,86	0,96	1,35	1,28	1,60
	Pequenas	0,96	1,05	1,02	0,84	0,97	1,00
	Médias	1,25	0,81	0,96	1,66	1,41	1,75
	Grandes	-	-	-	-	-	-
Têxtil	Total	1,33	1,29	1,21	1,49	1,60	1,69
	Pequenas	1,04	1,21	1,07	1,26	1,19	1,21
	Médias	1,39	1,32	1,26	1,53	1,78	1,90
	Grandes	-	-	-	-	-	-
Vest., Calç.	Total	1,19	1,19	1,16	1,43	1,45	1,48
	Pequenas	1,15	1,21	1,15	1,35	1,44	1,50
	Médias	1,29	1,15	1,22	1,66	1,46	1,38
	Grandes	-	-	-	-	-	-
Prods. Aliment.	Total	1,59	1,76	1,53	2,50	2,14	1,74
	Pequenas	1,41	1,30	1,27	1,42	1,43	1,48
	Médias	1,35	1,44	1,31	1,23	1,32	1,29
	Grandes	1,70	2,00	1,67	3,99	2,89	2,02
Bebidas	Total	1,77	1,73	1,47	1,85	2,06	1,49
	Pequenas	0,94	1,19	1,00	0,99	1,18	0,99
	Médias	1,98	1,80	1,81	2,11	2,20	1,90
	Grandes	-	-	-	-	-	-
Edit. e Gráf.	Total	1,03	1,10	0,95	1,38	1,44	1,39
	Pequenas	0,98	0,95	0,79	1,29	1,19	1,17
	Médias	1,07	1,27	1,07	1,48	1,74	1,55
	Grandes	-	-	-	-	-	-

Tabela XVI

Evolução do Pessoal na Produção por Ramo

(Em unidades)

Ramos \ Anos	1974	1975	Variação % 1975/74
M.ñ.Met.	960	905	(5,7)
Metal.	1 290	1 333	3,3
Mecânica	3 541	4 820	36,1
M.Elét.	1 721	1 217	(29,3)
M.Trans.	43	47	9,3
Madeira	285	267	(6,3)
Mobil.	1 124	1 065	(5,2)
Química	944	813	(13,9)
P.Farm.	479	509	6,3
M.Plást.	421	538	27,8
Têxtil	457	485	6,1
V,Calç.	863	884	2,4
P.Alim.	1 441	1 587	10,1
Bebidas	56	58	3,6
Ed.e Gr.	473	494	4,4
Total	14 098	15 022	6,6

Tabela XVII

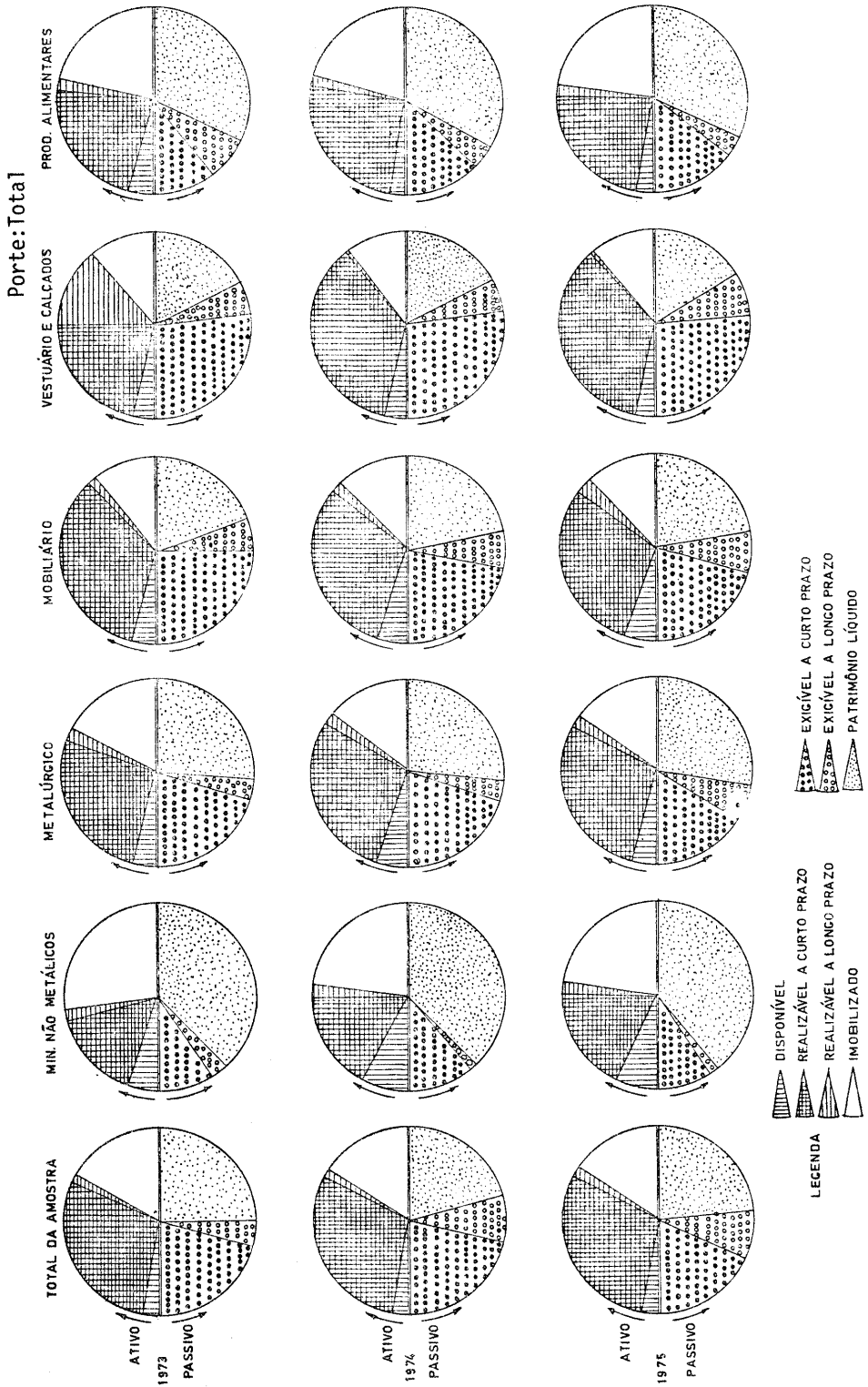
Localização do Mercado Consumidor  
por Ramo - 1973

(Em percentuais)

Locais Ramos	Campinas	Capital S. Paulo	Outras Cidades Estado	Outros Estados	Outros Países	Total
M.ñ.Met.	76,7	10,0	11,2	2,1	-	100,0
Metal.	72,5	11,0	10,1	6,3	0,1	100,0
Mecânica	52,0	15,6	21,2	9,7	1,5	100,0
M.Elēt.	39,9	21,7	24,7	9,7	4,0	100,0
M.Trans.	55,6	9,4	22,1	12,2	0,7	100,0
Madeira	90,0	5,4	4,1	0,5	-	100,0
Mobil.	57,7	7,7	18,9	15,5	0,2	100,0
Química	33,6	17,9	30,9	16,4	1,2	100,0
P.Farm.	12,4	24,6	40,3	22,7	-	100,0
M.Plāst.	33,4	16,5	27,1	22,6	0,4	100,0
Têxtil	38,7	13,5	19,8	23,8	4,2	100,0
V,Calç.	48,6	8,3	29,4	13,5	0,2	100,0
P.Alim.	52,3	11,3	25,6	7,4	3,4	100,0
Bebidas	44,7	6,4	46,5	2,4	-	100,0
Ed.Gr.	82,8	4,3	9,7	3,0	0,2	100,0
Total	62,7	10,6	17,4	8,6	0,7	100,0



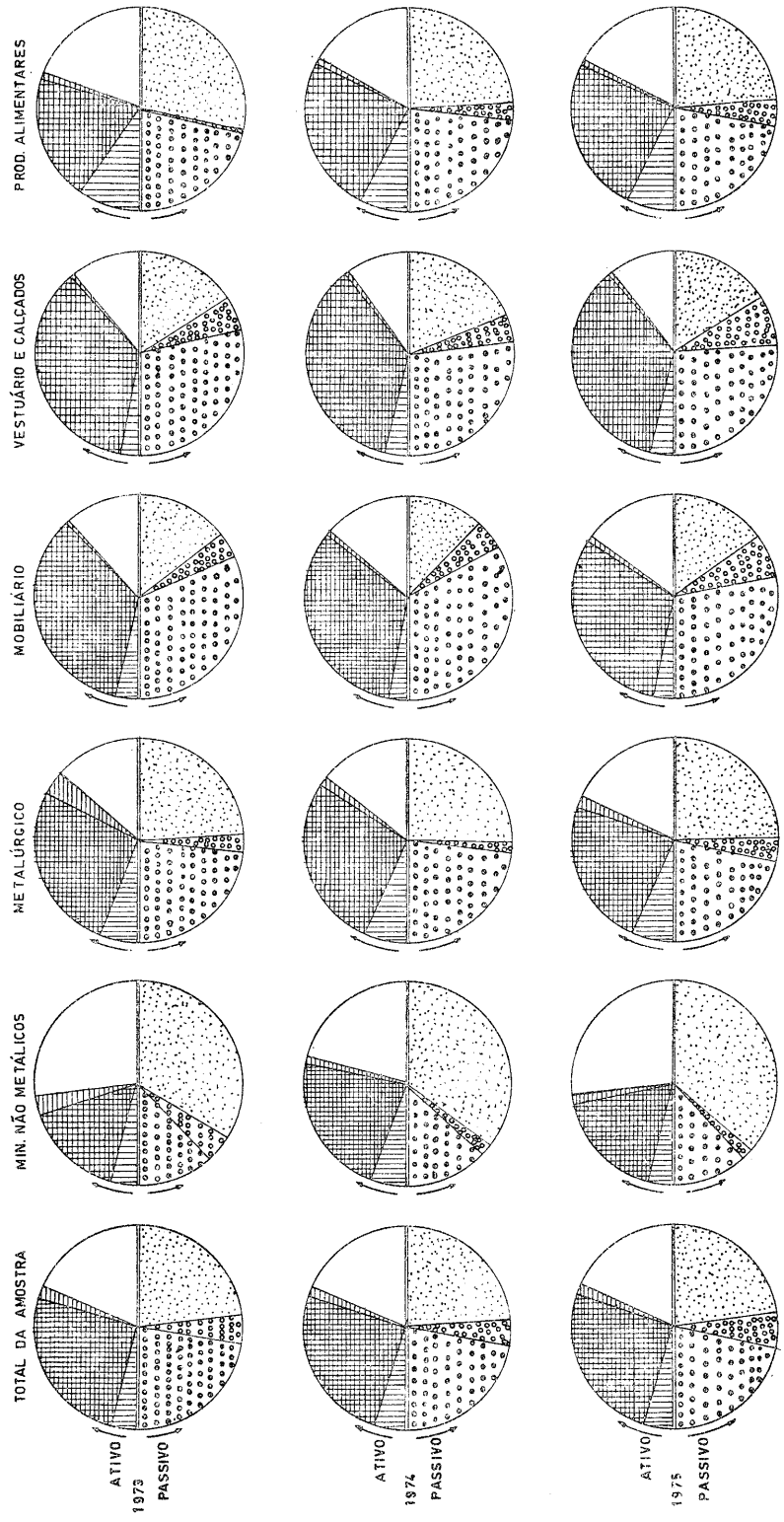
Gráfico I  
Estrutura de Capital por Ramo





Estrutura de Capital por Ramo

Porte: Pequenas



DISPONÍVEL
   
 REALIZÁVEL A CURTO PRAZO
   
 REALIZÁVEL A LONGO PRAZO
   
 INMOBILIZADO
   
 EXIGÍVEL A CURTO PRAZO
   
 EXIGÍVEL A LONGO PRAZO
   
 PATRIMÔNIO LÍQUIDO
   
 LEGENDA

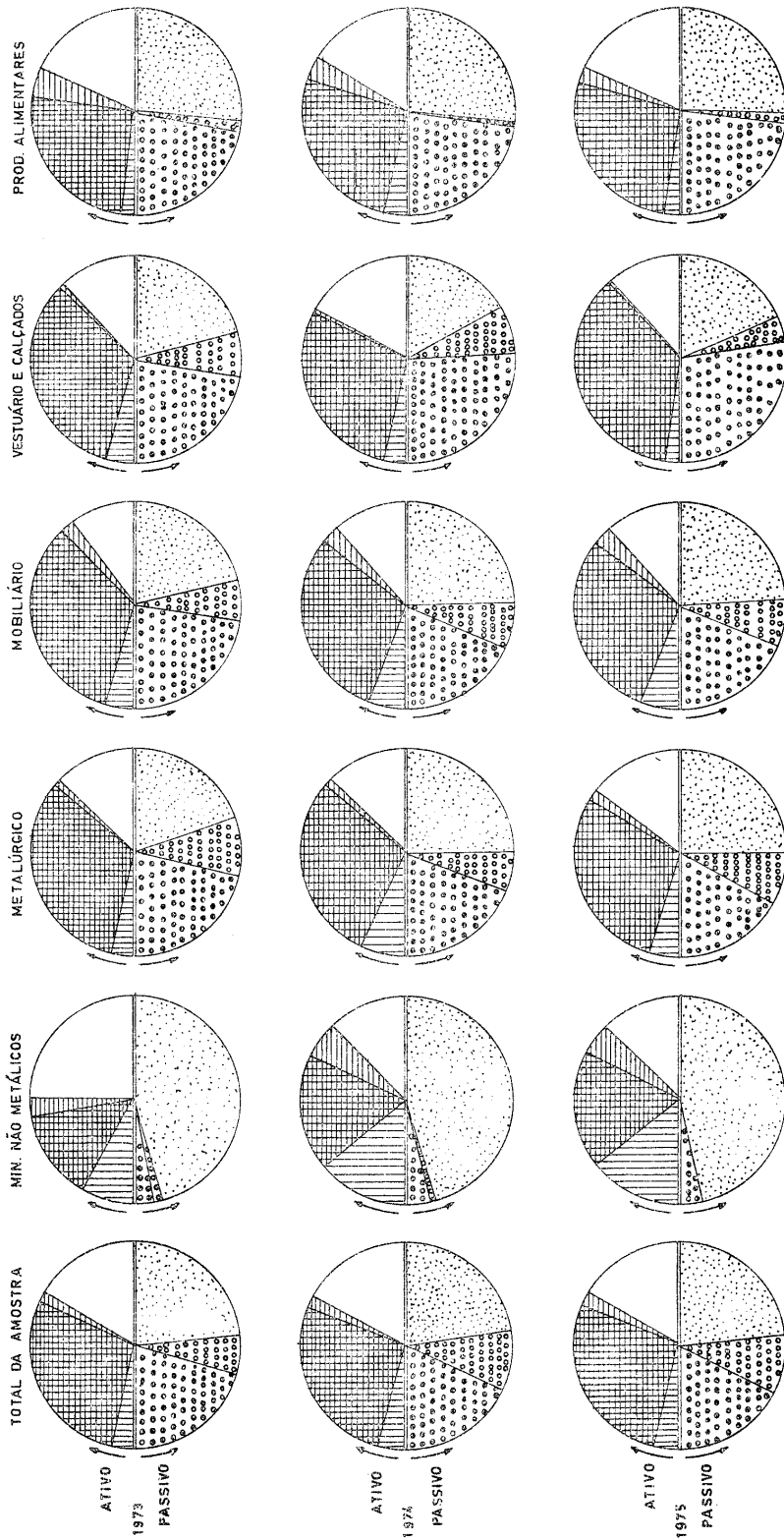




Gráfico III

Estrutura de Capital por Ramo

Porte: Médias



LEGENDA

- DISPONÍVEL
- REALIZÁVEL A CURTO PRAZO
- REALIZÁVEL A LONGO PRAZO
- IMOBILIZADO
- EXIGÍVEL A CURTO PRAZO
- EXIGÍVEL A LONGO PRAZO
- PATRIMÔNIO LÍQUIDO



### Gráfico IV

### Estrutura de Capital por Ramo

Porte: Grandes

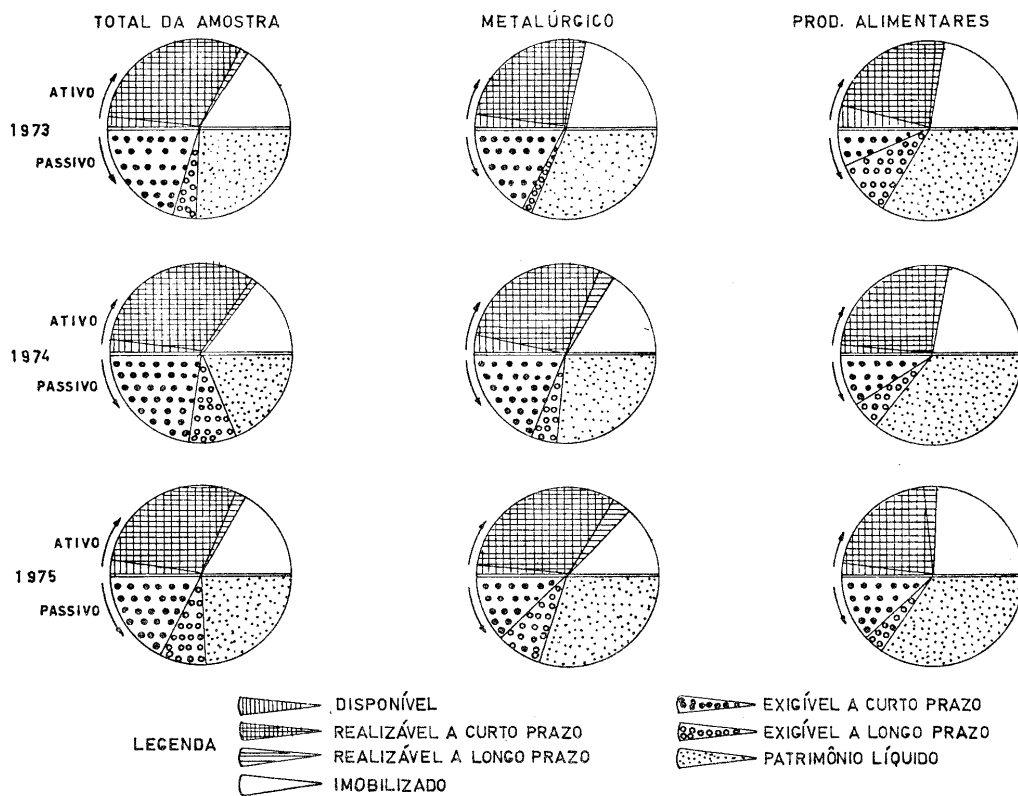




Gráfico V  
Taxa de Retorno por Porte e Ramo

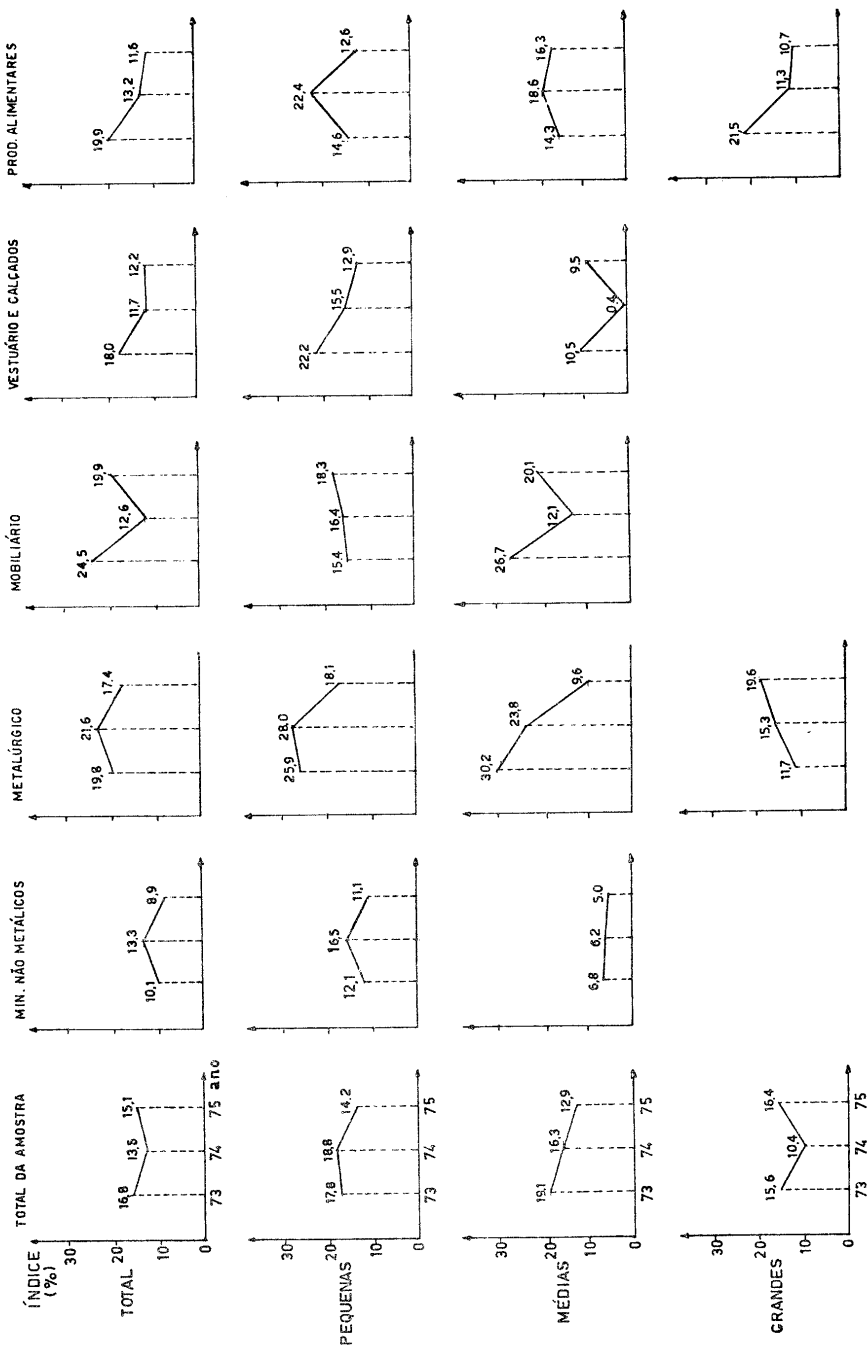




Gráfico VI  
Índice de Liquidez Geral por Porte e Ramo

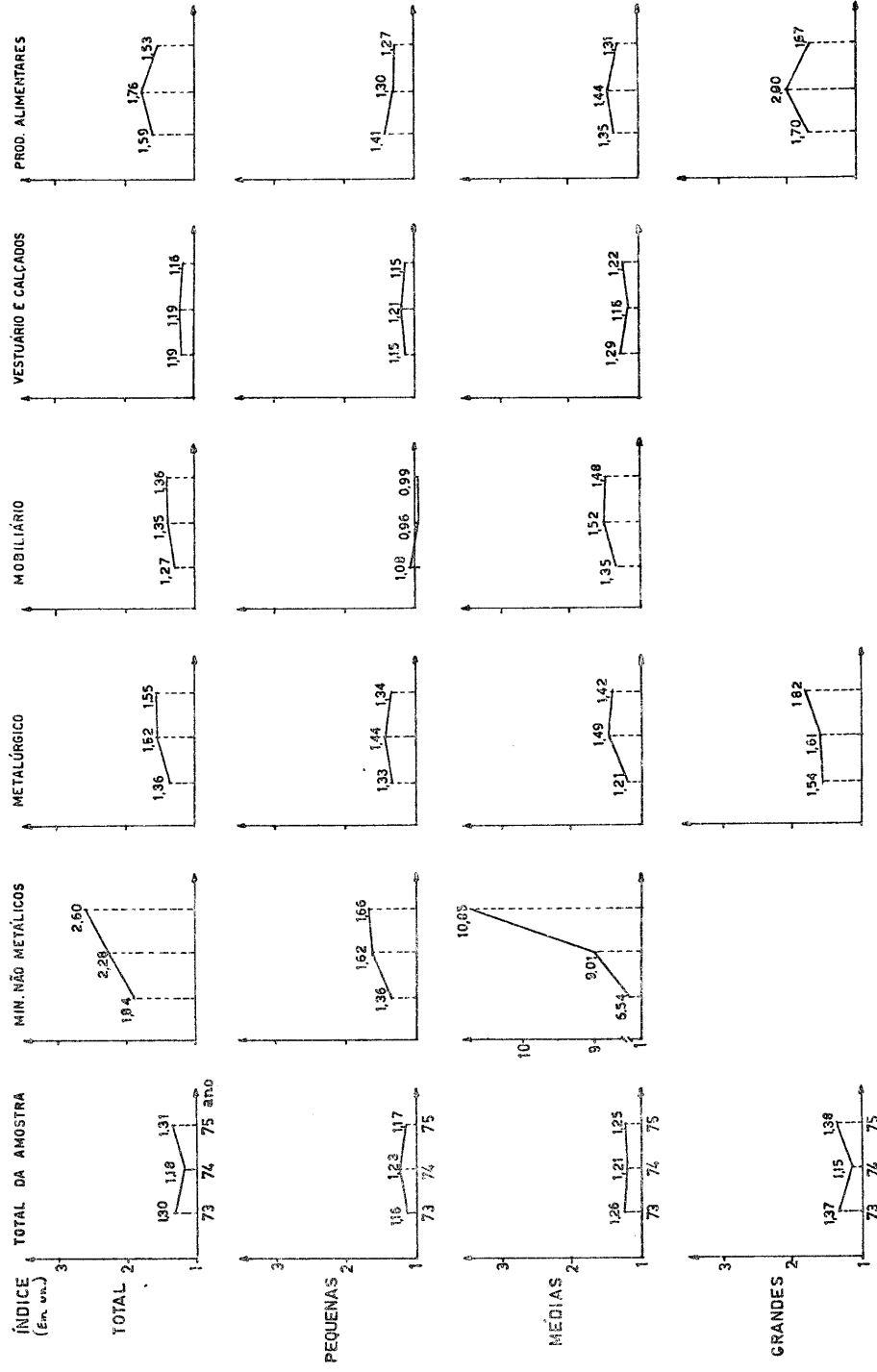
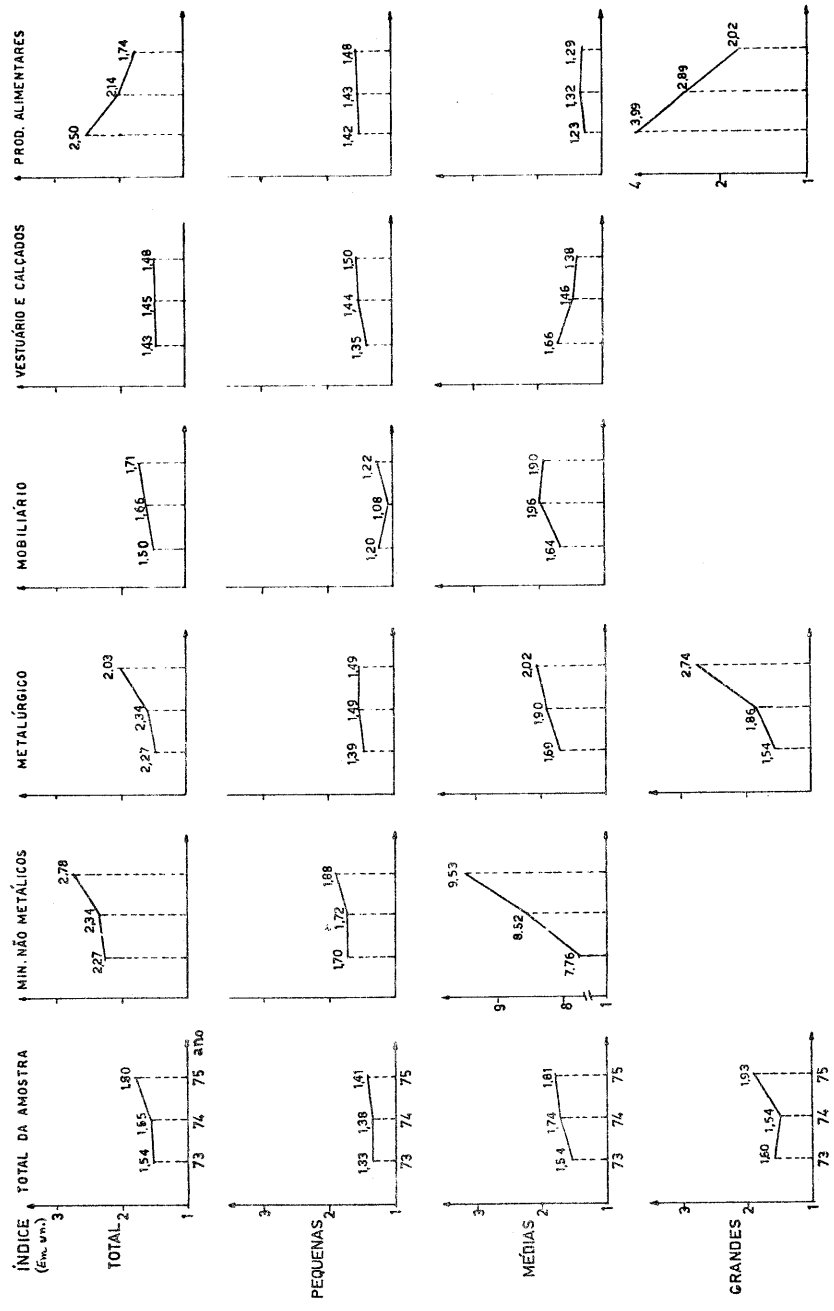






Gráfico VII  
Índice de Liquidez Corrente por Porte e Ramo





Fontes e

Indicações Bibliográficas



## Fontes e Indicações Bibliográficas

ABRIL-TEC Editora Ltda.

- Brasil em Exame. São Paulo, setembro de 1971 e 1972 e novembro de 1973.
- "Melhores e Maiores" in Suplemento da Revista Negócios em Exame. São Paulo, setembro de 1974, 1975 e 1976.

BRASIL - Projeto do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979). Rio de Janeiro, Fundação IBGE, setembro de 1974.

BUFFA, Elwood S. - Administração da Produção (vol.1). Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda., 1972.

CAMPIGLIA, A.O. - Contabilidade Básica. São Paulo, Livraria Pioneira Editora e Editora da U.S.P., 1966.

CARNEIRO, Dionísio Dias (Coordenador) - Brasil: Dilemas da Política Econômica. Rio de Janeiro, Editora Campus Ltda., 1977.

CORDEIRO FILHO, José Bernardo - Prática de Análise Econômico-Financeira das Empresas. São Paulo, Editora Atlas S/A., 1971.

CTAE-UNICAMP

- Cadastro Industrial da Sub-Região de Campinas - 1975/76. Campinas, UNICAMP, 1976.
- Cadastro Industrial do Município de Campinas - 1974/75. Campinas, UNICAMP, 1975.
- Estrutura Industrial da Sub-Região de Campinas. Campinas, UNICAMP, 1977.
- Estrutura Industrial do Município de Campinas. Campinas, UNICAMP, 1976.

- DALSACE, A. - Introducción al Estudio del Balance y de la Contabilidad. Espanha-Bilbao, Ediciones Deusto, 2a. ed., 1966.
- EDITORA VISÃO Ltda. - "Quem é Quem na Economia Brasileira" in Revista Visão. São Paulo, agosto de 1976 e 1977.
- ESTUDOS APEC - A Economia Brasileira e suas Perspectivas - APECÃO. Rio de Janeiro, APEC Editora S/A., 1973 a 1977.
- FLINK, Salomon J. e GRUNEWALD, Donald - Administração Financeira (vol.1). Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Edit. Ltda. e Editora da U.S.P., 1970.
- FRANCO, Hilário
- Contabilidade Geral. São Paulo, Editora Atlas S/A., 18a. ed., 1976.
  - Contabilidade Industrial. São Paulo, Editora Atlas S/A., 7a. ed., 1973.
  - Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços. São Paulo, Editora Atlas S/A., 7a. ed., 1967.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - Conjuntura Econômica. Rio de Janeiro, vol. 31, nºs 9 e 11, 1977.
- FUNDAÇÃO IBGE
- Censo Industrial do Estado de São Paulo. Rio de Janeiro, 1970.
  - Censo Industrial do Brasil. Rio de Janeiro, 1970
- JAEDICKE, Robert K. e SPROUSE, Robert T. - Fluxos Contábeis: Rendidas, Fundos e Capital - São Paulo, Editora Atlas S/A., 1972.
- LIMA, José Geraldo de
- Análise de Balanços: Interpretação e Projeção. São Paulo, Editora Atlas S/A., 3a. ed., 1973.

- Custos (Cálculos, Sistemas e Análises). São Paulo, Editora Atlas S/A., 2a. ed., 1970.
- LINS, Gerardo Estellita - Análise Econômica de Investimentos. Rio de Janeiro, APEC Editora S/A., 1975.
- MALAN, Pedro S. e BONELLI, Regis - "Os Limites do Possível: Notas sobre Balanço de Pagamentos e Indústria nos anos 70" in Revista Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro, agosto de 1976.
- MAO, James C.T. - Analisis Financiero. Argentina - Buenos Aires, Libreria "El Ateneo" Editorial e Centro Regional de Ayuda Tecnica, 1974.
- MARCAIDA, José Luiz - Contabilidad General. Espanha - Bilbao, Ediciones Deusto, 1969
- MAUTZ, R.K. - Princípios de Auditoria. São Paulo, Editora Atlas S/A., 1975.
- MELLO, J. Manuel Cardoso e BELLUZZO, Luiz Gonzaga M. - "Reflexões sobre a Crise Atual" in Escrita-Ensaio. São Paulo, Vertente Editora Ltda., Ano I, nº 2, 1977.
- MOITINHO, Álvaro Pôrto - Teoria das Contas Aumentativas e das Redutoras do Patrimônio (Com Anexos). Rio de Janeiro, APEC Editora S/A., 1970.
- MONTE CARMELLO, Milton H. e WOLFGANG, Schoeps - Administração Contábil e Financeira na Pequena Empresa Brasileira. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas - Serv. de Publicações, 2a. ed.; 1970.
- OLIVA, Francisco de Assis C. - A Medida do Lucro da Empresa. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1974.

QUILICI, Frediano - Leituras em Administração Contábil e Financeira, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas - Serv. de Publicações, 1973.

SÃ, A. Lopes de - Estudo Analítico da Rentabilidade das Empresas. Rio de Janeiro, APEC Editora S/A., 1971.

SOLOMON, Ezra - Teoria da Administração Financeira. Rio de Janeiro, ZAHAR Editores, 1969.

SUZIGAN, Wilson e Outros - Crescimento Industrial no Brasil: Incentivos e Desempenho Recente. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1974 (Coleção Relatórios de Pesquisa, nº 26).

TUNG, Nguyen H. - Controladoria Financeira das Empresas. Uma abordagem Prática. São Paulo, Edições Universidade Empresa Ltda., 1972.

WESTON, J. Fred e WOODS, Donald H. - Teoría de la Financiación de la Empresa. Espanha - Barcelona, Editorial Gustavo Gili S/A., 1970.



---

Elaborado pelo:

CTAE-Centro Técnico Econômico de Assessoria Empresarial da  
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Barão Geraldo

CEP:13 100 - Campinas - SP - Brasil

CP: 1 170                      Telex: 025 808

Tel: PBX 31-4555 R. 366